



UNILASALLE
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE



CLÁUDIO ROBERTO BERNARDES ANDRADE

**UM EMPREENDIMENTO DE MEMÓRIA SOCIAL:
LEMBRANÇAS DE FUNCIONÁRIOS E EX-FUNCIONÁRIOS
SOBRE A TV BANDEIRANTES RS**

CANOAS, 2015

CLÁUDIO ROBERTO BERNARDES ANDRADE

**UM EMPREENDIMENTO DE MEMÓRIA SOCIAL:
LEMBRANÇAS DE FUNCIONÁRIOS E EX-FUNCIONÁRIOS
SOBRE A TV BANDEIRANTES RS**

Relatório de pesquisa apresentado à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – UNILASALLE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Cleusa Maria Gomes Graebin

CANOAS, 2015

CLÁUDIO ROBERTO BERNARDES ANDRADE

**UM EMPREENDIMENTO DE MEMÓRIA SOCIAL:
LEMBRANÇAS DE FUNCIONÁRIOS E EX-FUNCIONÁRIOS
SOBRE A TV BANDEIRANTES RS**

Relatório de Pesquisa apresentado à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Aprovado pela banca examinadora em _____ outubro de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Cleusa Maria Gomes Graebin
Orientadora - UNILASALLE

Prof^ª. Dr^ª. Nádia Maria Weber Santos
UNILASALLE

Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
UNILASALLE/UFSC

Prof^ª. Dr^ª. Miriam de Souza Rossini
UFRGS



**A partir do dia 10
eles almoçarão
com você.**

Há muito tempo você esperava
ver toda essa gente reunida
num só programa de televisão

Prof. Clóvis, Tânia Carvalho
Prof. Fogaca, Sérgio Jockymann,
Casalho.

**A NOTÍCIA A ENTREVISTA
O ESPORTE A ARTE**

PORTOVISÃO

o programa do meio-dia

TV DIFUSORA

canal 10

AO VIVO - EM CORES
DE SEGUNDA A SÁBADO
DO MEIO DIA AS DUAS

AGRADECIMENTOS

Todo o tempo que passei no Unilasalle foi mais do que um período de formação. Foi uma linda experiência em minha vida. Portanto, dedico um carinho especial às pessoas com quem convivi na instituição, como colegas, professores e funcionários.

Aos meus pais, Roberto Brenol Andrade e Tania Maria Bernardes Andrade, que me deram apoio constante no ingresso para a minha terceira graduação, um profundo agradecimento, pois sem eles, com certeza, eu não teria concluído este estudo.

Aos profissionais de todas as emissoras de televisão do Rio Grande do Sul, que me deram instrumentos para a promoção deste trabalho, deixo meu agradecimento.

Aos meus amigos, por entenderem, por vezes, a minha falta e por me incentivarem sempre nessa caminhada.

Gostaria ainda de deixar um forte e apertado abraço às pessoas que na minha jornada acadêmica foram fundamentais para alcançar resultados mais elevados, como as professoras Cleusa Greabin, minha orientadora, que me acompanhou no meu amadurecimento acadêmico, Nádía Weber, Ana Coiro e Lucas Graeff, e tantos outros docentes desse mestrado que sabem, tenho certeza, foram imprescindíveis para essa pesquisa. E, em especial, à minha colega Fernanda dos Santos Flores, pelo carinho e apoio incondicional na construção desta pós-graduação.

Finalmente dedico todo o esforço necessário para a conclusão desta obra, ao meu filho Artur Henrique, por acreditar que estudar é uma valiosa opção de vida.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção
Paulo Freire.

RESUMO

Este trabalho tem como tema a emissora de televisão Bandeirantes RS (doravante denominada BAND RS) e como foco, o estudo das memórias de funcionários e ex-funcionários sobre a sua trajetória, abrangendo o período de 1969 a 2010. Buscou-se identificar os fatos, produtos (reportagens, programas, vinhetas, bordões e outros) que se destacaram na memória daqueles e como a emissora é por eles lembrada. O trabalho circula entre os campos da memória social, da história e do jornalismo e insere-se na Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade. Para atingir as demandas de um Mestrado Profissional, foi produzido um documentário de 23 minutos sobre a memória de funcionários e ex-funcionários da TV Difusora/BAND RS, no período de 1969 a 2010. Para fundamentar o estudo, teoricamente, trabalhou-se com pressupostos em relação à memória coletiva e memória institucional. Em termos metodológicos, escolheu-se abordar os problemas de forma qualitativa, a partir de pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Utilizou-se a metodologia da História Oral, produzindo-se documentos a partir de entrevistas com sete colaboradores (funcionários e ex-funcionários da emissora). O resultado da investigação foi estruturado no formato de relatório, dividido em duas partes: na primeira, apresentou-se a introdução, notas de pesquisa, referenciais teóricos e percurso metodológico; na segunda, têm-se as narrativas dos colaboradores da pesquisa, interpretações dos seus testemunhos, percepções e acontecimentos que marcaram a sua vida e a trajetória da emissora. Também, discutem-se elementos de um documentário, explicitando-se como foi elaborado o produto final do trabalho. Nas considerações finais, faz-se reflexão sobre o que se chamou de empreendimento em memória social, sobre os testemunhos dos colaboradores e sobre a trajetória da TV Difusora/BAND RS.

Palavras-chave: Memória Social. TV Difusora. BAND RS. Lembranças. Funcionários e ex-funcionários.

ABSTRACT

This work has as its theme the Bandeirantes television station RS (hereinafter RS BAND) and focuses on the study of memories of employees and former employees about their career, covering the period from 1969 to 2010. The aim was to identify the facts, products (reports, programs, vignettes, fillers, etc.) that stood out in memory of those ones and how the network is remembered by them. The work runs between the fields of social memory, history and journalism and is part of the Research Line "Memory, Culture and Identity". To meet the demands of a Professional Master, was produced a 23 minute documentary on the memory of employees and former employees of TV Broadcast / BAND RS, from 1969 to 2010. To support the study, theoretically, assumptions regarding the collective memory and institutional memory were discussed. In terms of methodology, we chose to address the problems in a qualitative way, from bibliographical, documentary and field research. We used the methodology of Oral History, producing documents from interviews with seven employees (employees and former employees of the issuer). The result of the research was structured in report format, divided into two parts: the first, with the introduction, research notes, theoretical frameworks and methodological approach; in the second, the narratives of the collaborators of the research, interpretations of their testimony, perceptions and events that marked his life and the history of the TV station. Also, we discuss elements of a documentary and explicit how the final product of the work was done. In the final considerations, there is a reflection on what is development in social memory on the testimonies of employees and on the trajectory of the TV Broadcast / BAND RS.

Keywords: Social memory. TV Difusora. BAND RS. keepsake. Employees and former employees.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem do prédio da TV Difusora na Rua Delfino Riet, 183. Década de 1970	17
Figura 2 – Esquema de indicações dos colaboradores para as entrevistas.....	42
Figura 3 – Rameci Maia, cinegrafista da BAND RS.....	49
Figura 4 – Tatata Pimentel, apresentador e comentarista.....	50
Figura 5 – Imagem do cenário e dos comunicadores do Programa Porto Visão. Década de 1970.....	51
Figura 6 – Imagem de Sérgio Giugno, 70 anos. Diretor de Operações da TV Difusora, na década de 1970.....	52
Figura 7 – Imagem da Festa da Uva, 1972. Primeira imagem de televisão colorida do Brasil.....	53
Figura 8 – Imagem de matéria publicada no Jornal do Comércio sobre o lançamento da 1ª Expotur realizada no pátio da TV Difusora, em 7/10/1977.....	54
Figura 9 – Caneco da cerveja Polar, com o mascote e logotipo da TV Difusora, em 1975	55
Figura 10 – Imagem de Leonardo Meneghetti, 49 anos, Diretor Geral da Band TV/RS.	56
Figura 11 – Imagem de Lauro Quadros e Renato Pereira, no programa Portovisão, 1975. Jornal do Comércio 20/05/1975.....	58
Figura 12 – Imagem do Programa Jogo Aberto, 1995.....	59
Figura 13 – Imagens de Bira Valdez em 1982 e 2001.....	60
Figura 14 – Frei Osébio Borghetti, 78 anos, diretor da TV Difusora na década de 1970.....	61
Figura 15 – Imagem do programa Jogo Aberto. Jornal do Comércio 30/08/1979.....	63
Figura 16 – Imagem de Tania Carvalho, apresentadora, 72 anos; trabalhou na TV Difusora nos anos 1970.....	64
Figura 17 – Imagem de anúncio de jornal do Portovisão na década de 1970. Jornal do Comércio 30/08/1979.....	65
Figura 18 – Imagens de Tatata Pimentel, na década de 1970 e em 2006.....	66
Figura 19 - Propaganda de jornal da década de 1970 do lançamento do Programa Portovisão da TV Difusora. Jornal do Comércio de 30/08/1979.....	67
Figura 20 – José Fogaça, deputado estadual, 61 anos.....	68
Figura 21 – Imagem de Tânia Carvalho e José Fogaça, na década de 1970. Jornal do Comércio de 03/04/1975.....	70

Figura 22 - Bibo Nunes, apresentador, 54 anos.....	71
Figura 23– Imagem do programa Clube do Bolinha, 1985.....	72
Figura 24 – Imagem dos bastidores do programa “Borbulhantes da Pepsi”, apresentado por Bibo Nunes, na década de 1980.....	73
Figura 25 – Imagem de Tatata Pimentel na redação da TV Difusora nos anos 1980.....	79
Figura 26 – Imagem de José Antônio Daudt, apresentador da TV Difusora, década de 1970/1980.....	79
Figura 27 – Imagem do Programa “Câmera Dez”, apresentado por Newton Cardoso e Mariado Carmo, na TV Difusora, década de 1970. Jornal do Comércio de 17/09/1978.....	80
Figura 28 – Recorte do Jornal do Comércio de 13/10/1976. Comemoração do segundo aniversário do Portovisão.....	82
Figura 29 – Recorte de jornal com grade do Portovisão em 1979.....	83
Figura 30 – Recorte de jornal sobre o programa Portovisão.....	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Processo de implantação de emissoras de televisão no Rio Grande do Sul (1859 a 1981).....	16
Quadro 2 – Relação dos colaboradores.....	41
Quadro 3 – Roteiro das entrevistas.....	43
Quadro 4 – Elementos da análise interpretativa para relatos orais.....	48
Quadro 5 – Temas elencados pelos funcionários.....	74
Quadro 6 – Temas elencados pelos ex-funcionários.....	75
Quadro 7 – Roteiro de entrevistas.....	93

LISTA DE ABREVIATURAS

ABC – American Broadcasting Corporation

BAND RS – Bandeirantes Rio Grande do Sul

CBS – Columbia Broadcasting System

NBC – National Broadcasting Company

TV – Televisão

EUA – Estados Unidos da América

SUMÁRIO

PARTE I – ASPECTOS INTRODUTÓRIOS, MARCOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS		
1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	Contextualização.....	15
1.2	Problemas de pesquisa.....	19
1.3	Objetivos.....	19
<i>1.3.1</i>	<i>Objetivo Geral</i>	<i>19</i>
<i>1.3.2</i>	<i>Objetivos Específicos.....</i>	<i>19</i>
1.4	Justificativa.....	20
1.5	Organização do relatório de pesquisa.....	22
2	NOTAS DE PESQUISA SOBRE A TELEVISÃO NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL.....	24
2.1	A TV no Brasil.....	25
2.2	A TV no Rio Grande do Sul.....	27
2.3	A TV Difusora/BAND RS.....	31
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	34
3.1	Memória.....	34
3.2	Memória Institucional.....	36
4	PERCURSO METODOLÓGICO.....	38
4.1	Fase Exploratória.....	38
4.2	Trabalho de Campo.....	39
<i>4.2.1</i>	<i>Realização de entrevistas.....</i>	<i>39</i>
<i>4.2.2</i>	<i>Pesquisa documental.....</i>	<i>44</i>
4.3	Análise dos dados.....	46
4.4	Finalização do trabalho.....	48
PARTE II – EMPREENDIMENTO DE MEMÓRIA SOCIAL		
5	NARRATIVAS.....	49
5.1	Rede dos funcionários da TV Difusora/BAND RS.....	49
<i>5.1.1</i>	<i>Rameci Maia.....</i>	<i>49</i>
<i>5.1.2</i>	<i>Sérgio Giugno.....</i>	<i>52</i>
<i>5.1.3</i>	<i>Leonardo Meneghetti.....</i>	<i>56</i>
5.2	Rede dos ex-funcionários da TV Difusora/BAND RS.....	61

5.2.1	<i>Frei Osébio Borghetti</i>	61
5.2.2	<i>Tania Carvalho</i>	64
5.2.3	<i>José Fogaça</i>	68
5.2.4	<i>Bibo Nunes</i>	71
6	POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES PARA FRAGMENTOS DE MEMÓRIA	74
6.1	Acontecimentos que se destacaram nas memórias dos funcionários e ex-funcionários da TV Difusora/Bandeirantes	76
6.2	Produtos que são sementes de rememoração dos funcionários e ex-funcionários	77
6.3	Forma pela qual a emissora é lembrada pelos funcionários e ex-funcionários	86
7	DOCUMENTÁRIO: “DA TV DIFUSARA À TV BANDEIRANTES RS”	88
7.1	Roteiro	92
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS	100
	APÊNDICE A – Termo de autorização de uso de imagem e voz	105
	ANEXO A – Linha De Tempo da TV Bandeirantes	106
	APÊNDICE B – Linha do Tempo: TV Difusora/TV Bandeirantes/RS	107

PARTE I – ASPECTOS INTRODUTÓRIOS, MARCOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema a emissora de televisão BAND RS e como foco, o estudo das memórias de funcionários e ex-funcionários sobre a sua trajetória, abrangendo o período de 1969 a 2010.

1.1 Contextualização

Um dos principais meios de comunicação no século XX foi a televisão. Tal afirmação é decorrente do seu amplo consumo pelas sociedades, acessível a praticamente todas as classes sociais, e por ser um eficiente meio de divulgação de informações.

A invenção da televisão não foi um acontecimento isolado ou uma série única de acontecimentos, mas sim o resultado de um longo processo de pesquisas e descobertas tecnológicas, de novas experiências e acréscimos originais a conhecimentos adquiridos. Para Williams (2011, p. 27), "ela é derivada de um conjunto de invenções e desenvolvimentos da eletricidade, fotografia, cinematografia e radiofonia".

A televisão desenvolveu-se como aparato tecnológico autônomo a partir dos primeiros anos da década de 1920 e consolidou-se como empresa quando do aparecimento dos primeiros modelos de televisão pública e privada dos anos 1930. Amadureceu como sistema industrial complexo, dirigido a um público cada vez maior de consumidores, após o término da Segunda Guerra Mundial, tendo como centro propulsor o aparato econômico norteamericano (WILLIAMS, 2011).

As transmissões eram em preto e branco, situação que só foi alterada em 1954, nos Estados Unidos, quando a rede NBC (National Broadcasting Company) conseguiu realizar as primeiras transmissões públicas em cores, ao utilizar um sistema compatível com os antigos aparelhos preto e branco.

A televisão foi implantada no Brasil em 1950, com a primeira transmissão patrocinada pelos Diários e Emissoras Associados, de Assis Chateaubriand, então a maior e mais poderosa empresa de comunicação social do País, com jornais e rádios em quase todas as capitais brasileiras. Total novidade no Brasil, Chateaubriand importou cerca de 200 aparelhos para que os convidados para a transmissão inaugural pudessem ver como funcionava uma emissora

de TV e como era possível assistir aos programas. Ao longo dos anos 1950 e 1960 novas emissoras foram surgindo: a Bandeirantes (1950); a Record (1953); e a Globo (1965).

Atualmente (ano de 2015), as novas gerações não imaginam a surpresa que a TV causou nos seus primeiros anos, pois desde várias décadas o modelo está, não só integrado com a vida nacional, como totalmente popularizado, graças à indústria que os produz e às facilidades para adquirir um aparelho no comércio, com modelos à disposição, dos mais baratos aos mais sofisticados e caros.

No Rio Grande do Sul, o processo de implantação de emissoras de TV seguiu a trajetória demonstrada no Quadro 1 a seguir.

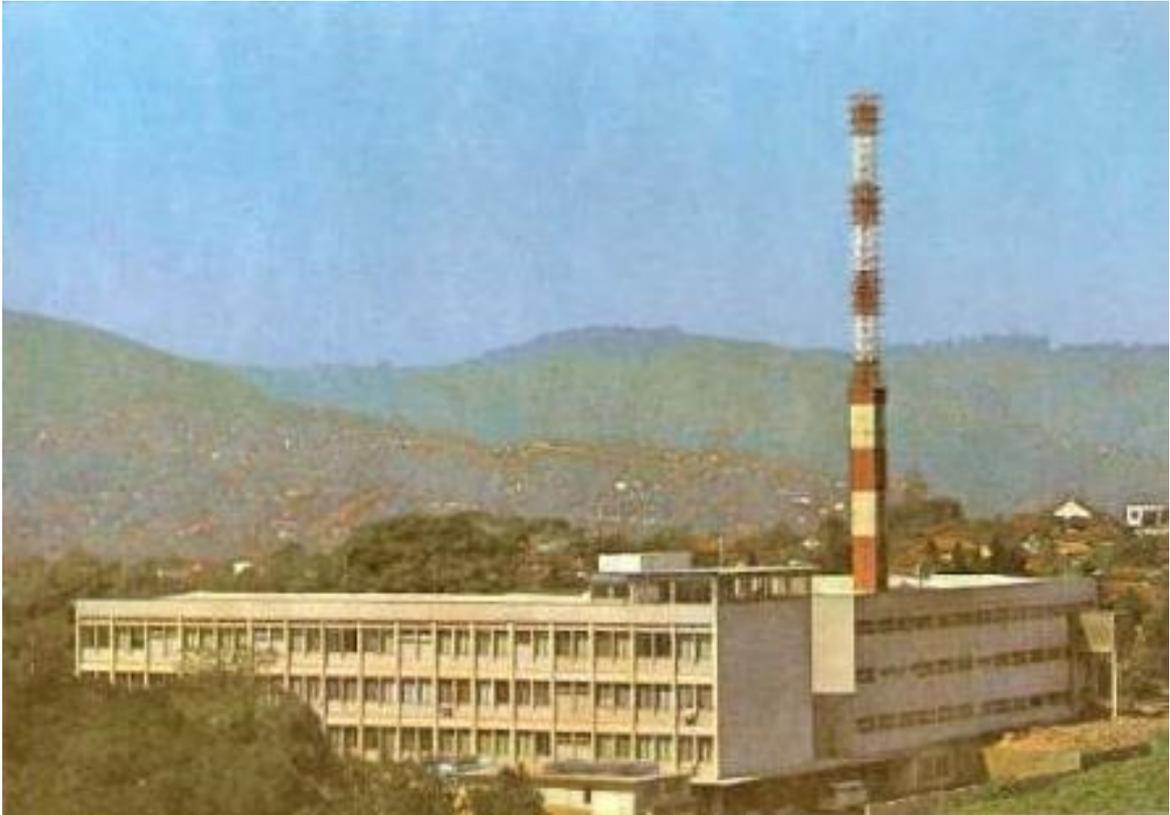
Quadro 1 – Processo de implantação de emissoras de televisão no Rio Grande do Sul
(1959 a 1981)

EMISSORA	ANO IMPLANTAÇÃO	PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO	NOME ATUAL	FECHAMENTO
TV PIRATINI, Canal 5	1959			1980
TV GAÚCHA, Canal 12	1962	1972	RBS TV	
TV DIFUSORA, Canal 10	1969	Incorporada pela Rede Bandeirantes em 1990		
TV EDUCATIVA (TVE), Canal 7	1974			
TV GUAÍBA, Canal 2	1978	Vendida para a Rede Record em 2007	TV RECORD	
TV PAMPA, Canal 4	1980			
SBT-RS, Canal 5	1980			

Fonte: Simões (s/d.).

A TV Difusora foi a terceira emissora a entrar em operação no Rio Grande do Sul, em 10 de outubro de 1969¹.

Figura 1 – Imagem do prédio da TV Difusora na Rua Delfino Riet, 183. Década de 1970



Fonte: Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:KaEGwIrcgSEJ:lealevalerosa.blogspot.com/2010/04/canais-de-tv-em-porto-alegre.html+%amp;cd=4&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>.

A Ordem dos Freis Capuchinhos² e os superintendentes leigos, Salimen Júnior e Walmor Bergesch, em 1969, possuíam o controle acionário da emissora com 51% das ações e o restante, 49%, pertencia à família Machado de Carvalho, donos da TV Record (FINGER, 2010). Cabe destacar que a TV Difusora foi pioneira na transmissão em cores no país, iniciando esta operação por ocasião da inauguração da Festa da Uva³, em Caxias do Sul (RS) em 19 de fevereiro de 1972, em cadeia nacional, inclusive com as suas concorrentes no estado.

¹ Ver momento da inauguração da emissora em: <https://www.youtube.com/watch?v=W_zXBXxtRns>.

² Capuchinhos: São padres de uma congregação francesa da Igreja Católica, chamada Ordem dos Padres Menores Capuchinhos. Eles chegaram ao Brasil, no Estado da Bahia, em 1612, para ajudar a colonizar o país. No Rio Grande do Sul a presença dos freis foi registrada desde 1737.

³ Ver em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8IqSGH8aYLS>> e <https://www.youtube.com/watch?v=W_zXBXxtRns>.

Construir a trajetória histórica da TV no Brasil é tarefa complexa. Tem-se o exemplo de Kilpp (s/d.) relatando que ao buscar bibliografia e fontes para produzir uma história da televisão no Rio Grande do Sul, deparou-se com a insuficiência dessas matérias primas por uma série de razões: “Incêndios em prédios e instalações, descaso com a guarda e restauração, resistências à revisão histórica, personalismos e sonegação de informações” (p. 2). Outro fator que colabora para a complexidade de trabalhar com a trajetória histórica das emissoras de televisão, prende-se ao fato de que,

[...] a fonte imagem de TV é rara no período observado. As primeiras emissoras, a Piratini, Gaúcha e Difusora, são de 1959, 1962 e 1969, e as imagens que produziram no início não foram gravadas. Já as imagens pré-gravadas que colocaram no ar, especialmente nos telejornais e produzidas por cinegrafistas em bitolas e sistemas diferentes dos hoje utilizados, não foram acervadas ou adequadamente acervadas, e nem são a imagem da TV (ou do telejornal como ele apareceu no vídeo), mas uma parte dela. E o registro de ambientes e cenários foi feito muito pouco em fotografias, o que teria sido uma alternativa à falta de imagens em movimento (KILPP, s/d., p. 2).

A partir dessas considerações e da confirmação das dificuldades em relação a fontes documentais e bibliográficas, a partir de fase exploratória para a aproximação com o universo da pesquisa, introduz-se seu objeto, ou seja, as memórias de funcionários e ex-funcionários sobre o percurso da TV Difusora/BAND RS⁴, de 1969 a 2010. Para desenvolver a investigação, pensou-se em um empreendimento de memória social, isto é, um trabalho de memória a partir da narração de eventos, ações, dimensões de atuação e intervenções por parte de indivíduos que estiveram diretamente relacionados com a trajetória da emissora de TV. Se o ato de lembrar envolve reconhecimento e reconstrução, conforme Halbwachs (1990), é preciso circunstâncias adequadas e interlocuções para a rememoração. Desta forma, é preciso fazer um trabalho de memória tornando presente testemunhos, tecendo e retecendo “[...] aquilo que o tempo cancela [...]” (HALBWACHS, 1990, p. 84).

O recorte temporal foi escolhido tendo em vista abranger a entrada no ar da TV Difusora, no ano de 1969 até antes da entrada do pesquisador como repórter apresentador na emissora no ano de 2010.

Como não basta citar o objeto, passou-se a problematizá-lo, quando se submeteu alguns dos seus aspectos a um determinado exame. Dessa maneira, formularam-se algumas questões que conduziram a pesquisa, explicitadas a seguir.

⁴ Utilizar-se-á esta expressão tendo em vista a incorporação da Difusora pela BAND RS e que os funcionários e ex-funcionários colaboradores da pesquisa passaram pela experiência de trabalhar nas duas emissoras.

1.2 Problemas de pesquisa

Que fatos e acontecimentos são trazidos e narrados por funcionários e ex-funcionários (doravante denominados colaboradores) da TV Difusora/BAND RS, que ali trabalharam durante o período de 1969 a 2010?

Existem acontecimentos que se repetem no ato de lembrar?

Que produtos veiculados pela emissora se destacam na memória dos funcionários e ex-funcionários?

De que maneira a emissora é revelada pelos funcionários e ex-funcionários, a partir de suas memórias?

Para responder às questões propostas, desenharam-se os objetivos que seguem.

1.3 Objetivos

Como objetivos elencam-se os seguintes:

1.3.1 Objetivo geral

Construir memórias sobre a TV Difusora/BAND RS a partir de relatos de funcionários e ex-funcionários que trabalharam na emissora durante o período de 1969 a 2010.

1.3.2 Objetivos específicos

Identificar os acontecimentos e fatos que se destacaram na memória dos funcionários e ex-funcionários da TV Difusora/BAND RS no período de 1969 a 2010.

Verificar que produtos (reportagens, programas, vinhetas, bordões e outros) estão na memória dos funcionários e ex-funcionários.

Analisar a forma como a emissora é lembrada pelos funcionários e ex-funcionários.

O trabalho circula entre os campos da memória social, da história e do jornalismo e insere-se na Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade. Para atingir as demandas de um Mestrado Profissional, foi produzido um documentário de 23 minutos sobre a memória de funcionários e ex-funcionários da TV Difusora/BAND RS, no período de 1969 a 2010. A seguir, explicita-se a justificativa para o desenvolvimento da pesquisa.

I.4 Justificativa

Nesta parte do trabalho, assumo a construção do texto na primeira pessoa, pois há uma relação estreita deste com a minha trajetória pessoal e profissional. Meu interesse pelo jornalismo deu-se a partir de meu pai, que trabalha na área de comunicação há mais de 50 anos. Mas o fascínio pela mídia eletrônica vem desde criança, quando passava as tardes de minhas férias assistindo televisão. Era outra época, o sistema de gravação de imagens estava apenas no início, as transmissões eram precárias com equipamentos considerados hoje de baixa qualidade e pouca tecnologia e os profissionais da área estavam aprendendo suas funções, ao mesmo tempo em que as novas tecnologias estavam sendo desenvolvidas.

Entretanto, a TV Difusora, já estava no ar desde minha infância, no início dos anos de 1970 e eu nem imaginava que um dia faria parte desse mundo mágico, que existia dentro daquele quadrado com uma tela de vidro. Mas alguns programas foram marcantes, como o quadro sobre música “Borbulhantes da Pepsi” apresentado por Bibó Nunes ou o programa de variedades, Portovisão, no qual José Carlos Daudt batia com a mão na bancada do estúdio mostrando a sua indignação sobre notícias que envolviam principalmente política e administração pública. Foi relembrando esses personagens que participavam da programação televisiva da minha infância, que surgiu a motivação da inserção no mestrado profissional em memória social.

No começo da televisão, os profissionais não tinham conhecimento técnico. Toda a produção era feita de forma empírica, pois o próprio meio de comunicação era novo. Então observamos criações, às vezes, bastante simples para a época, mas, ao mesmo tempo, ideias que são copiadas até hoje, mesmo com o avanço da tecnologia, como, por exemplo, os programas de auditório e de variedades. Além daqueles que misturavam entretenimento com notícias, principalmente no horário do meio-dia e da tarde.

Tendo trabalhado na única televisão estatal do Rio Grande do Sul (TVE) e também em grandes grupos de comunicação social do Estado, este estudo de investigação se torna um instrumento de conhecimento da realidade da televisão brasileira regional, para além do cotidiano vivenciado como jornalista. Assim, meu interesse também se relaciona à minha própria formação profissional. Como Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda e Jornalismo, tive meu primeiro contato, já como aprendiz desse meio de comunicação, em 1992. Na época realizava um estágio na Fundação Cultural Piratini, Rádio e Televisão, a TVE, TV Educativa e a rádio FM Cultura.

Desde então comecei a conviver com as imagens e os personagens que anos antes tinham praticamente iniciado a televisão no Rio Grande do Sul. Com a inserção neste mestrado de Memória Social e Bens Culturais, tenho a oportunidade de pesquisar e criar um documentário que registre parte dessa memória, por meio dos antigos colaboradores da TV Difusora, ao mesmo tempo adquirindo mais conhecimento sobre meu próprio ofício como jornalista e apresentador de televisão.

Nos anos de 1960, a televisão brasileira entrou em um ritmo de popularização e cresceu também a produção de programas que procuravam conquistar um número maior de telespectadores. Justamente nessa época três novas emissoras, TV Excelsior, TV Globo e TV Bandeirantes (de São Paulo) entravam na disputa pelo público. Algumas das imagens geradas em função dessa disputa, nos formatos peculiares a pouca tecnologia da época, eram bastante curiosas. Nesse sentido, pretendo recuperar e lembrar nesta pesquisa, em função de depoimentos de quem viveu esse período, essas imagens ou suas memórias. A TV Bandeirantes como outras instituições não dispõe de muitos trabalhos e pesquisas focados unicamente na preservação de sua história. Nesse sentido, através do primeiro documentário do gênero realizado com esse objetivo, sobre a antiga TV Difusora e a TV Bandeirantes, do Rio Grande do Sul, agrega-se valor a uma pequena parte de sua memória.

A relevância acadêmica deste trabalho é acrescentar originalidade às fontes de pesquisa, trazendo entrevistas e relatos concedidos por funcionários antigos e ex-funcionários da BAND RS e da antiga TV Difusora. Hoje a televisão está presente em grande parte dos lares brasileiros, mas era uma incógnita quando sua primeira transmissão foi ao ar, em setembro de 1950.

Ao longo de sua existência, foi se afirmando como a mídia de maior impacto na sociedade brasileira. Ela é a principal opção de entretenimento e de informação da maioria da população do país. Para muitos, é a única. Suas imagens pontuam, e mobilizam em muitas formas, a vida e as ações de milhares de pessoas. A televisão faz parte enfim da vida nacional. Ela está presente na estruturação da política, da economia e da cultura brasileira.

O que há em comum em uma casa de quarto e sala de um município pequeno no interior do país e um apartamento moderno, recheado da mais avançada tecnologia? Ambas as residências devem ter ao menos um aparelho de televisão. Talvez o apartamento tenha vários, espalhados em quartos, salas e por vezes até na cozinhas e nos banheiros. Telas de alta definição e acesso a muitos canais. O único aparelho da casinha certamente estará em um lugar nobre. Pois poucos, pouquíssimas são as casas brasileiras que não tem ao menos um aparelho. Por vezes até onde a eletricidade ainda não chegou, a televisão está lá. Funciona a óleo (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010, p. 7).

Em 2014, a variedade de aparelhos, emissoras e qualidade de sinal foram aperfeiçoadas com os estudos científicos, proporcionando sinais de alta qualidade e de nitidez de imagens, que percorrem o mundo através de uma vasta rede de satélites.

Essa rede de comunicação interligando várias sociedades, muitas vezes transmitindo notícias, ao vivo, simultaneamente para os quatro cantos do planeta, acabou refletindo no comportamento social das pessoas. Unindo som e imagem, o impacto desta mídia, nas comunidades, é grande, formando opiniões e criando hábitos e costumes, ditando valores éticos e morais, realizando programas, eventos e difundindo informações (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010).

Por isso, os produtos culturais veiculados não são “[...] documento frio, sem pontes e nexos com as tradições, costumes, modos de vida, aspirações daqueles que o produziram. Mas, como discursos que possivelmente revelarão os pontos de vistas dos enunciadores/enunciatórios sobre os sentidos do trabalho na atualidade” (PAULINO, 2001, p.

23). Para a autora:

Os meios de comunicação e as novas tecnologias, por sua vez, ao criarem maior facilidade de trânsito das informações e do conhecimento, possibilitam a transmissão da herança cultural de uma geração para outra, colocam à mostra os diferentes sentidos e as diferentes formas das expressões culturais que circulam na sociedade (PAULINO, 2001, p. 21).

Dessa forma, por meio de depoimentos de pessoas que participaram do processo de criação e ou do desenvolvimento da TV Difusora/BAND RS, é possível ter um panorama da sua trajetória histórica.

1.5 Organização do relatório de pesquisa

O trabalho foi organizado da seguinte maneira:

PARTE I - ASPECTOS INTRODUTÓRIOS, MARCOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Capítulo 1, com a **INTRODUÇÃO**, na qual se apresenta a contextualização, os problemas, os objetivos gerais e específicos, a justificativa e a organização do relatório de pesquisa.

Capítulo 2, intitulado “**NOTAS DE PESQUISA SOBRE A TV NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL**”, que traz revisão bibliográfica sobre estudos em relação à implantação e desenvolvimento de emissoras de TV no Brasil e no rio Grande do Sul.

Capítulo 3, “**REFERENCIAIS TEÓRICOS**”, discutindo pressupostos teóricos que fundamentaram o trabalho.

Capítulo 4, com o título de “**PERCURSO METODOLÓGICO**”, explicitando as etapas da pesquisa, métodos e procedimentos.

PARTE II – EMPREENHIMENTO EM MEMÓRIA SOCIAL

Capítulo 5, denominado “**NARRATIVAS**”, no qual se traz o registro das falas dos colaboradores da pesquisa.

Capítulo 6, “**POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES PARA FRAGMENTOS DE MEMÓRIA**” traz interpretações sobre os testemunhos dos colaboradores da pesquisa, suas memórias, percepções e acontecimentos que marcaram a sua vida e a trajetória da emissora.

No capítulo 7, traz-se o “**DOCUMENTÁRIO**”, explicitando-se como foi elaborado o produto final do trabalho.

Encerra-se com o capítulo 8, “**CONSIDERAÇÕES FINAIS**”, espaço em que se reflete e se conclui sobre os resultados do trabalho.

Após, apresentam-se as **REFERÊNCIAS, APÊNDICES e ANEXOS**.

2 NOTAS DE PESQUISA SOBRE A TELEVISÃO NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL

As informações que remetem ao começo da implantação da televisão no Brasil fazem referência ao seu criador, Assis Chateaubriand. Este foi um empreendedor, jornalista e empresário que realizou de maneira pioneira, inúmeros esforços para concretizar a instalação da televisão em nosso país, com o funcionamento da TV Tupi, cuja primeira transmissão foi realizada em 18 de setembro de 1950.

A base foi montada a partir da estrutura do rádio, ao contrário da televisão nos Estados Unidos, por exemplo, que teve sua formação espelhada no mercado cinematográfico, que já estava bastante consolidado nos anos de 1950, época do surgimento da televisão. Simões, Da Costa e Kehl (1986) afirmam que os programas da TV brasileira, no seu início, possuíam “[...] as características de um show radiofônico de variedade” (p. 21). Assim, os programas de auditório, as novelas e os noticiários registrados pelas câmeras, eram televisionados, no seu formato original feito para o rádio.

No início não havia como gravar os programas em função da não existência do videotape. Assim, todas as produções eram realizadas ao vivo, inclusive os comerciais que eram feitos, na sua maioria, pelos próprios protagonistas da televisão que estava surgindo. Tudo feito de maneira improvisada e também utilizando atores de teatro, outra fonte para a produção televisiva da época, dando um tom literalmente teatral para o conteúdo produzido pela televisão brasileira nos primeiros anos da década de 1950. De acordo com Maia (2014), ao longo das décadas de 1950/60, a programação desvinculou-se da sua base, o rádio, aperfeiçoando-se em termos de conteúdo e também em tecnologias, como sistemas de som, câmeras, gravação de videoteipes, edição dos programas e outros. Com o videoteipe, introduzido em 1959, a programação pode ser veiculada fora da sede da emissora de TV, alcançando diferentes espaços do país. Por esse motivo, a programação começou a ser produzida, tendo em mente, os consumidores em geral, o que a tornou mais homogênea. Com a introdução da transmissão via satélite em 1969, consolidava-se esse veículo de comunicação no Brasil.

Analisando os estudos sobre a TV no país, pode-se apontar que o foco principal dessas pesquisas está na história de como as emissoras se desenvolveram. Observou-se que “[...] sobressaem as memórias de um tempo cuja marca mais evidente eram as ações improvisadas”, ressalta Barbosa (2011, p. 17). Também, há investigação de como acabaram influenciando, em um primeiro momento empírico e depois científico, a sociedade brasileira

em vários aspectos. A concretização de estudos acadêmicos só começou a ser notada a partir da década de 1960. Desde então, as emissoras de televisão se tornaram mais comuns nos objetos de pesquisa dos pesquisadores (MATTOS, 1990).

2.1 A TV no Brasil

Como é descrito por José Marques de Melo (1979), esse veículo de comunicação, de uma maneira ou de outra, está presente no desejo dos pesquisadores de compreender como as empresas de televisão utilizam meios para expressar e reproduzir a sua visão de mundo.

A respeito da bibliografia produzida sobre a história da televisão no Brasil, Sérgio Mattos (1990) faz uma descrição das obras existentes sobre o tema, classificada por assuntos divididos em aspectos sociais e históricos. Na obra de Ribeiro (2010) é relatado que o imprevisto era tão grande e levado tão ao extremo que se descobriu, na mesma hora da inauguração da TV no Brasil, que não havia receptores para um público ainda em formação. Classificada por alguns autores (COURTÉS, 1991), como “fase elitista”, esse primeiro momento caracteriza-se pelo imprevisto, pela pouca disponibilidade de receptores, em função também dos seus altos custos, e, sobretudo, pela experimentação de uma nova linguagem que levaria, pelos menos, duas décadas para se estruturar.

Almeida (1968) foi um dos primeiros a apresentar um panorama da evolução da televisão brasileira durante suas duas primeiras décadas. Trata-se de tese defendida nos Estados Unidos, traduzida e publicada no Brasil, em 1971, sob o título *A Comunicação de Massa no Brasil*. Constituiu-se, também, em um dos primeiros livros publicados no país a abordar a história da televisão brasileira. Realizando um trabalho pioneiro, Almeida (1968 e 1971) introduziu dados históricos sobre as nossas primeiras emissoras de TV, abordando o processo de concessão dos canais, a legislação e o funcionamento das instituições oficiais relacionadas com o setor. O autor descreveu ainda o desenvolvimento das programações de nossa televisão.

No livro *A nossa TV brasileira – por um controle social da televisão*, Inimá Simões (2004), lança uma discussão sobre o controle social da televisão. Ela levanta a questão de quanto a televisão influencia as pessoas podendo até, por vezes, manipula-las. Mas deve se deixar claro que a autora não sugere nenhum tipo de censura, mas sim um modo crítico de pensar a televisão. Segundo a autora, a TV, que foi inaugurada no Brasil em 1950, representa hoje uma das mídias mais expressivas e influentes do país. Inimá Simões (2004) faz algumas críticas bastante duras, principalmente à Rede Globo. A autora lembra, por exemplo, que a

emissora inaugurada pelo jornalista Roberto Marinho, em 1965, defendeu o regime militar, justamente em uma época em que a liberdade de imprensa estava extremamente frágil e os conteúdos dependiam da aprovação dos senhores da época, ligados aos militares. Inimá Simões (2004) analisa, por exemplo, a pouca importância que a TV Globo deu às discussões sobre a volta das eleições diretas na década de 1980. Ao mesmo tempo, a maior emissora do Brasil, ajuda na campanha para eleger o então presidente Fernando Collor, que acabou sofrendo um impeachment acusado de corrupção. Também expõe a linha sensacionalista que toma a TV brasileira, apontando programas que exploravam a desgraça alheia, sempre em uma luta desenfreada pela audiência.

Relacionando a TV e a ditadura militar, Tostes (2013), informa que foi no contexto de fechamento do regime militar que se inaugurou, em 1972, a tecnologia de TV em cores. Afirma que a inovação tecnológica não está diretamente relacionada em termos de causa e efeito ao regime político, podendo ser inserida no rol de inovações como a criação da Embratel e a utilização de satélites. Porém, em depoimentos a esse autor, Boni e Walter Clark (Rede Globo) relatam que o governo militar exigiu o início da transmissão a cores em 1972, tendo em vista a sua associação como sinal do progresso brasileiro. As discussões sobre a adoção da tecnologia teriam começado ao final de 1970 com ápice em 1972. A ideia da inauguração da TV em cores na Festa da Uva teria partido de Maurício Sirotski da Rede Brasil Sul (RBS) de Porto Alegre, afiliada da Rede Globo. A data de lançamento da Festa da Uva seria em 31 de março de 1972, data comemorativa para os militares. A TV Difusora de Porto Alegre fez teste exibindo em cores, um filme cedido pelo consulado do Japão e no dia 19 de fevereiro de 1972, transmitiu a abertura da Festa da Uva. Segundo Tostes (2013), a TV Difusora liderou a transmissão com colaboração técnica da TV Rio e apoio da TV Gaúcha, Piratini e Record. Este foi um teste oficial, pois a inauguração da TV em cores deu-se, efetivamente em 31 de março de 1972, oitavo aniversário do golpe militar. Após o pronunciamento do Ministro das Comunicações Higino Corssetti, a Globo transmitiu o filme “A vida de Cristo” (era sexta-feira de Páscoa) e na sequência um documentário, “Viagem pelo Brasil”. A TV em cores celebrou a Festa da Uva e a festa da “Revolução”, segundo Tostes (2013). Em pronunciamento em rede nacional, o Presidente Médici comemorava o crescimento do PIB, nova etapa na luta contra a inflação e alertava para que não se abrisse debate pela sua sucessão.

Um trabalho interessante que relata a história da televisão brasileira é de Edgard Ribeiro do Amorim (2007), através da “Coleção cadernos de pesquisa”, editada por fascículos escritos pelos pesquisadores da Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo. O livro de

Amorim (2007) divide a história da televisão brasileira por décadas. Mas o que chama a atenção é a apresentação de fotografias incluídas na edição, algumas raras, de vários personagens e programas que marcaram a história da televisão. O autor também relata a situação da televisão brasileira na década de 1970, período do início da pesquisa deste trabalho sobre a antiga TV Difusora do Rio Grande do Sul, onde é descrito o crescimento das emissoras no país e a influência que o novo veículo estava causando.

Na década de 1970, o universo de público atingido cresceu assustadoramente. No Brasil, as imagens de TV conseguiram penetrar nos mais distantes lugares, e suas mensagens e consequências começaram a ser objeto de estudo e controle devido a influência social que começou a exercer (AMORIM, 2007, p. 41).

2.2 A TV no Rio Grande do Sul

Em 1959, a inauguração da TV Piratini em Porto Alegre, a exemplo do que havia acontecido na TV Tupi do Rio, foi festiva, com a transmissão inaugural feita desde o Salão dos Espelhos do Clube do Comércio, na Rua da Praia, sendo colocados aparelhos receptores na marquise do edifício, para um grande público, na rua, assistir. “Assim como aconteceu em nível nacional, no Rio Grande do Sul, a TV Piratini, inspirou-se no rádio, onde foi buscar profissionais, formatos e linguagens. No início da década de 1960, a Piratini contava com cerca de 50% de programação local” (STRELOW, 2009, p. 4). Na pesquisa exploratória empreendida por este trabalho, dois jornalistas, Walter Galvani e Roberto Brenol Andrade, relataram que o show inaugural da TV Piratini ficou a cargo dos comediantes Pinguinho e Walter Broda, que eram artistas da Rádio Farroupilha, na qual conduziam programas de muito sucesso.

No início da década de 1960, a programação do Canal 5 era basicamente de filmes estrangeiros, programas que eram produzidos no eixo Rio-São Paulo, reprisados nas capitais, onde as emissoras Associadas tinham afiliadas (KILPP, 2000).

Mantinhavam-se os quadros-programa e o elenco (que semanalmente percorria de avião o país), só que o programa adquiria um tom singular na figura do apresentador-âncora, especialmente no caso de shows ou entrevistas, nos programas de auditório. Os esquetes e seriados, de estúdio, às vezes viajavam com toda a equipe; às vezes substituíam-se o elenco base por atores locais e os técnicos eram próprios também (KILPP, 2000, p. 41).

Os primeiros telejornais da TV Piratini eram caracterizados por grandes notas lidas pelos apresentadores e praticamente sem nenhuma imagem, em função no alto custo da

produção de matérias externas (RÜDIGER, 1998). “Para mudar esse panorama e qualificar sua programação, a Piratini contratou”, por um período, “os serviços de uma produtora independente para filmar os acontecimentos do dia, a DK Filmes. Mas a iniciativa não teve muito resultado e os telejornais continuavam presos às produções feitas dentro dos estúdios”.

(STRELOW, p. 5).

Os quadros da Rádio Farroupilha serviram de inspiração e como base para as primeiras programações da TV. Assim, os programas de auditório do rádio passaram a ser registrados por emissoras de televisão e o rádio jornalismo foi adaptado para ser gravado e transmitido pela televisão. Algumas dezenas de funcionários, entre jornalistas, técnicos e artistas, transitavam entre o rádio e a televisão (KILPP, 2000, p. 28).

O empresário Roberto Marinho visitara, nos Estados Unidos da América (EUA), as redes de TV já instaladas, como a American Broadcasting Corporation (ABC), a Columbia Broadcasting System (CBS), e a National Broadcasting Corporation (NBC). Entendeu, acertadamente, que o futuro da TV estava nas redes, com uma geradora principal, no caso no Rio, e emissoras associadas, diluindo bastante os custos de produção (o videotape era uma realidade desde 1962, permitindo gravar novelas e distribuir os capítulos, e jogos de futebol, como a Copa Mundo do Chile, em 1962) e facilitando a obtenção de publicidade nacional e regional.

Na disputa da audiência com a TV Piratini, Maurício Sirotsky passou a lutar com a sua arma preferida: a valorização da produção local. Enquanto a TV Piratini, por força da vinculação com a rede associada, baseava sua programação nos enlatados das TVs Tupi de São Paulo e Rio, a Gaúcha tronou-se a imagem viva do Rio Grande (SCHIRMER, 2002, p. 40).

A década de 1970 marcou as primeiras transmissões da TV Educativa que, por meio de um convênio com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, começou a produção de uma programação direcionada para a Cultura e Educação, auxiliando os alunos do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social como laboratório. Além de ser a única emissora pública do Estado, guarda em seus arquivos imagens das primeiras gerações do Estado, pois quando o governo fundou a TVE, herdou o arquivo de fitas audiovisuais, filmes e fotos da TV Piratini, primeira emissora do Estado, que funcionava no mesmo local. A TVE só passa a ocupar acomodações adequadas no Morro Santa Teresa na década de 1980, passando também a integrar o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa.

A seguir, entra no cenário televisivo do Rio Grande do Sul a TV Guaíba.

Em 1979, a empresa de comunicação Caldas Júnior entrou nesse mercado com a Televisão Guaíba. Sem ligação com emissoras do centro do país, apostou num forte investimento em programação regional com conteúdo culturais, jornalísticos e esportivos. Entre altos e baixos, a Guaíba permaneceu independente até 2007 (FINGER, 2010, p. 3).

Em 1980, surgiu a última tentativa de inauguração de uma televisão local, a TV Pampa, que pertencia à “Rede Pampa de Comunicação do empresário gaúcho Otávio Gadret, que, até então, atuava na área de rádio. Contudo, a independência de mais esta emissora durou apenas três anos” (FINGER, 2010, p. 3).

Depois da aventura da televisão totalmente ao vivo e até 1983, a realidade e a cultura rio-grandense ocuparam cinco emissoras comerciais de TV locais um espaço que variou de 70% (Difusora, em 1969) aos 5% (Piratini, em 1980) da programação total. [...] Disputando um mercado cada vez mais competitivo e localmente restrito, as nossas emissoras passaram cada vez mais a veicular através de si, como um canal mesmo, as imagens globais que já não nos surpreendem e, deixando para trás inúmeras representações da sociedade local/regional (KILPP, 2000, p. 55).

Lentamente, a história da mídia sul-rio-grandense começava a se modificar, irreversivelmente. Tanto que, em 24 de junho de 1984, o jornal Correio do Povo circulou pela última vez, logo seguido pela Folha da Tarde e Folha da Manhã, que substituíra a Folha da Tarde Esportiva. O Diário de Notícias havia parado de circular no final da década de 1970. De 1984 até 1986, por dois anos, apenas dois jornais se mantiveram em Porto Alegre, o Jornal do Comércio e Zero Hora. Com a derrocada de importantes jornais impressos e o crescimento do número de emissoras de televisão, inaugurava-se a fase das redes.

Em Porto Alegre, apesar da importância do complexo empresarial ligado ao jornal Diário de Notícias e das rádios Farroupilha e Difusora, a mais poderosa empresa era a Caldas Junior, então comandada por Breno Caldas. No entanto, rede não demonstrou maior interesse na parceria proposta por, o que levou Roberto Marinho a procurar Mauricio Sobrinho, dono da Rádio Gaúcha, TV Gaúcha e da ainda jovem Zero Hora. Este, após ouvir os argumentos sobre as vantagens de ser criada uma rede nacional e na qual a TV Gaúcha seria a parceira no Estado, aceitou, de pronto, o documento que lhe foi dado para assinar (FINGER, 2010).

“A TV Pampa se filiava à Rede Manchete, depois ao SBT, ainda à Rede Record e, agora, com mais quatro emissoras no interior do Estado, transformou-se em Rede Pampa, afiliada da Rede TV” (FINGER, 2010, p. 4). Também a TVE adere à lógica das redes, entretanto, na especificidade de sua condição:

[...] a TVE-RS, mais do que pública, é uma emissora estatal, dependente das verbas e da boa vontade dos sucessivos governos estaduais para a sua manutenção

econômica e, ao longo dos anos, ocupa os vazios de produção, chamado de parceria com as emissoras, com a transmissão de programas da TV Cultura de São Paulo e da TV Educativa do Rio de Janeiro (FINGER, 2010, p. 5).

Finger (2010, p. 4) ainda relata que a emissora que mais tempo permaneceu independente foi a TV Guaíba “que por um longo período colocou os espaços de programação para produções independentes”. Finalmente, a TV Guaíba foi vendida, primeiro para o empresário agropecuarista Renato Ribeiro, bem como os jornais e as rádios da que com ela formavam a rede Caldas Junior. Cerca de 20 anos após, na primeira década do século XXI, todos os veículos passaram para a Rede Record.

Após várias negociações arranjadas sem parcerias com emissoras do Centro do País, para a criação de redes de transmissão, o destino das primeiras emissoras de televisão no Rio Grande do Sul foi o mesmo: entregar-se ao preceito de rede nacional e abdicar, com raras exceções, de uma programação produzida pelos gaúchos e voltada para o público local/regional. A TV Piratini deixou de existir, junto com a rede montada por Chateaubriand, e a concessão de Porto Alegre passou para o empresário Silvio Santos, que até hoje é detentor do SBT – Canal 5 de Porto Alegre (FINGER, 2010).

Hoje RBS TV, antiga TV Gaúcha, ligada à Rede Globo, se estabeleceu em rede regional, expandindo-se para 18 emissoras no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, constituídas como afiliada da rede Globo “com maior produção local – cerca de 15% do total transmitido, mesmo que os horários de exibição não sejam os mais nobres, como por exemplo, depois das 20 horas, quando a maioria da população está em casa” (FINGER, 2010, p. 4).

Quanto a trabalhos acadêmicos sobre a TV no Rio Grande do Sul, temos a dissertação de mestrado de Sérgio Puggina Reis (2012), “O Backstage da Televisão no Rio Grande do Sul”. Na pesquisa, Reis (2012) elabora uma cronologia da história da TV no Estado, dedicando um curto capítulo a TV Difusora, objeto de pesquisa deste trabalho, mencionando o programa Portovisão como um dos mais importantes da história da televisão gaúcha. (MATTOS, 1990).

Cristiane Finger (FINGER, 2009) também tem dois trabalhos importantes para a televisão no Estado. Na dissertação “Os 50 da televisão no Rio Grande do Sul”, a autora faz um relato histórico sobre o início da implantação das seis emissoras de televisão com sinal aberto existentes hoje no Estado. E no trabalho “A Banalização da Violência no Telejornalismo gaúcho”, temos uma das primeiras análises do programas policiais, como

Brasil Urgente e Balanço Geral que acabariam virando uma tendência forte de audiência no Rio Grande do Sul.

Na década de 1970, foram realizadas as primeiras transmissões da Fundação Cultural Piratini Rádio e Televisão, a TVE, canal 7 que, por meio de um convênio com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, iniciou o desenvolvimento de uma programação direcionada para a Cultura e Educação, auxiliando os alunos do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social como laboratório. Além de ser a única emissora pública do Rio Grande do Sul, possui em seus arquivos imagens das primeiras gerações do Estado, pois quando o governo fundou a TVE, herdou o arquivo de fitas audiovisuais, filmes e fotos da TV Piratini, primeira emissora gaúcha, que funcionava no mesmo local. A TVE só passa a ocupar acomodações adequadas no Morro Santa Teresa na década de 1980, onde está até hoje. (KILPP, 2000).

Na dissertação de Simões (s/d.), “O contexto da implantação da televisão no Rio Grande do Sul e a digitalização do meio: uma visão político-econômica de dois momentos da mídias televisivas no RS”, tem-se um paralelo extremamente interessante entre a TV analógica e a TV digital no Estado. O autor constrói um resumo da história de TV no Rio Grande do Sul e relata em detalhes a popularização do computador e seus reflexos na televisão gaúcha, além das relações das emissoras com o mercado e o público no Estado.

Aline Strelow (2009) faz uma construção histórica mostrando a chegada da TV Tupi no Rio Grande do Sul, do empresário Assis Chateaubriand, em 1959. Segundo ela, a TV Piratini em Porto Alegre, a exemplo do que havia acontecido na TV Tupi do Rio, foi festiva, com a transmissão inaugural feita desde o Salão dos Espelhos do Clube do Comércio, na Rua da Praia, sendo colocados aparelhos receptores na marquise do edifício, para um grande público, na rua, assistir. “Assim como aconteceu em nível nacional, no Rio Grande do Sul, a TV Piratini, inspirou-se no rádio, onde foi buscar profissionais, formatos e linguagens. No início da década de 1960, a Piratini contava com cerca de 50% de programação local” (STRELOW, 2009, p. 4).

2.3 A TV Difusora/BAND RS

A antiga TV Difusora, atual BAND RS surgiu em Porto Alegre, sendo inaugurada em 1969, situada à Rua Delfino Riet, nº 183, no Morro Santa Teresa, Porto Alegre, onde já estava a Rádio Difusora. Pertencia aos Freis Capuchinhos, que obtiveram a concessão do canal 10 junto ao Ministério das Comunicações depois de muitas negociações que datavam desde

1961, quando haviam recebido a concessão para operar na capital. Segundo Reis (2012, p.105),

O responsável técnico pelo planejamento e montagem do canal foi frei Cyrillo Matiello, auxiliado pelo técnico Luiz D'Ávila, com cursos preparatórios nos Estados Unidos, Japão e Alemanha. Tudo indicava, como se explica adiante, que a escolha do sistema a cores recairia no americano NTSC. Mas, caso isso não acontecesse, D'Ávila assegurava que, qualquer que fosse a opção governamental, ele adaptaria os equipamentos da TV Difusora para sua entrada no ar, cumprindo a legislação. A TV Difusora tinha quatro frades como diretores estatutários: José Pagno, Diretor Presidente; Cyrillo Matiello, Diretor Técnico; Osébio Borghetti, Diretor Financeiro e Antônio Guizzardi, Diretor Operacional. O quarteto tinha plenos poderes para decidir os rumos da emissora.

Os recursos humanos para trabalhar em emissoras de TV no Rio Grande do Sul eram raros e assim, foram aproveitados na Difusora, comunicadores que vinham do rádio e outros que se desligaram da TV Gaúcha. Foi criada uma programação que diferia das demais emissoras (Piratini e Gaúcha), com filmes, programas humorísticos, musicais e novelas (da TV Record e TV Excelsior): “Sangue do meu sangue” e “Algemas de ouro” foram dois sucessos veiculados pela TV Difusora. A grade de programação teve séries importantes como Batman, Perdidos no Espaço, entre outros e programas infantis como Recreio e (Carrosel do mágico Tio Tony). Entre os programas de bancada destacou-se o Portovisão, que se tornou tão importante para a memória da emissora, que acabou por dar nome à sua razão social, por vários anos, depois da compra pelo Grupo Bandeirantes – Rádio e TV Portovisão Ltda. No telejornalismo, havia o Câmera 10 com grande número de telespectadores. A divulgação da programação tinha espaço no Jornal do Comércio que era trocada no veículo impresso em forma de permuta. (REIS, 2012).

Mais tarde, em 1980, a Difusora foi incorporada pela rede Bandeirantes, pertencente à família Saad, do estado de São Paulo. A partir daí, a então TV Difusora passou a se chamar BAND RS.

O surgimento da televisão no Estado do Rio Grande do Sul teve um papel primordial para uma grande transformação social. Importância, que começou a ser dada aos valores artísticos locais, em diferentes segmentos (conjuntos de folclore, cantores, redatores, atores e atrizes, apresentadores e entrevistadores), inclusive telenovelas e os primeiros telejornais e programas de entretenimento.

Os telespectadores sul-rio-grandenses, por exemplo, passaram a ter acesso a informações e imagens de outros lugares do país e do mundo, em função do material que começou a ser gravado e poderia ser transportado para outros lugares. Para muitos essa

mudança ficou marcada na memória na forma das lembranças dos programas da época, no caso os anos 1960. Sendo que, praticamente todos esses programas não existem mais.

Em 2009, Finger reuniu um apanhado de depoimentos de profissionais que fizeram parte da história no Estado e que acrescenta relatos de entrevistados após os anos 2000, quando o conceito de redes nacionais já estava bastante presente nas emissoras locais. No ano seguinte, Finger (2010) também escreve um importante artigo sobre *A Banalização da Violência no Telejornalismo Gaúcho*, assunto que acabou não só ganhando contornos mais expressivos como também programas específicos dedicados exclusivamente ao gênero como o “Brasil Urgente dos Gaúchos”, exibido pela BAND RS.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para fundamentação do trabalho que envolveu memórias de funcionários e ex-funcionários da TV Difusora/BAND RS, trabalhou-se com alguns autores e conceitos como memória social, memória coletiva e individual, memória institucional.

3.1 Memória

Para a construção de parte da trajetória da TV Difusora, atual BAND RS empreende-se um trabalho que entrelaça memórias de funcionários e ex-funcionários da emissora de TV. Trata-se de uma ação que não está preocupada com uma continuidade histórica, mas sim em encenar, a partir de um documentário, um movimento de escritura de lembranças e de construção social de vivências e experiências. Tedesco analisa que “a memória é o resultado de um trabalho permanente no decorrer do tempo, no qual seus conteúdos são, de tempos em tempos, conservados ou abandonados por grupos humanos concretos” (2004, p. 152). Quando se coloca que a pesquisa se constituiu em um empreendimento de memória social, remete-se a um trabalho de memória junto aos colaboradores⁵ da pesquisa, em termos de reuni-los, fazê-los interagir e criar um ambiente favorável para o processo de lembrar.

Para Halbwachs (1990), o indivíduo lembra, mas inserido e influenciado por grupos de referência que podem estar fisicamente presentes ou não. Basta a possibilidade de acessar o que foi vivido em comum. Quanto mais próximo o indivíduo do grupo, mais fortes as memórias, tendo em vista serem mais sedimentadas as relações sociais. Halbwachs (1990) chama este entrelaçamento indivíduo-grupo em contexto sócio-espacial, de comunidade afetiva, ou seja, a construção de vínculos, interações, memórias comuns em processo coletivo. “A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados” (DUVIGNAUD, Prefácio de HALBWACHS, 1990, p. 14). Quanto mais permanece próximo e interagindo com a comunidade afetiva, o indivíduo se identifica com a mesma, pensa e lembra como um dos seus membros. Caso perca o contato, o desapego gerado leva ao esquecimento.

Segundo Tedesco,

[...] rememorar, reconstruir, alterar, localizar, racionalizar e dar lógica à lembrança dependerá do domínio individual das noções familiares do grupo

⁵ Ver em: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual da História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

de pertencimento, [...] da utilidade de interesse da lembrança para o grupo (níveis de lembrança e de esquecimento conscientes e inconscientes) (2004, p. 51).

Neste sentido, como afirma Halbwachs (1990), mesmo que seja o indivíduo a lembrar, a memória é coletiva, “[...] nossos sentimentos e nossos pensamentos mais pessoais buscam sua fonte nos meios e circunstâncias sociais definidas [...]” (p. 36).

A memória não é totalidade a ser atingida. Sua constituição passa por processo de construção que é dinâmico e mediado pelo presente. Também, conforme o autor, o passado não está permanentemente acessível na memória coletiva, ganhando novo significado a cada nova necessidade do grupo. Quando lembra, o indivíduo está habitado pelo que já foi visto, ouvido, praticado e pelas suas relações com o grupo, sendo assim, um ponto de vista sobre a memória coletiva que poderá sofrer transformações caso mudem as relações e o lugar ocupado no grupo. Portanto, ao lembrar, o indivíduo não cita acontecimentos passados de forma linear: reelabora-os a partir do quadro social, selecionando-os, num processo de negociação, conciliando a memória individual com a memória coletiva a partir de suficientes pontos de contato entre ambas e sua adesão afetiva ao grupo.

É preciso, para lembrar que o pensamento de um indivíduo não deixe de concordar com os pensamentos de membros do seu grupo de pertencimento. Halbwachs (1990, p. 28) informa que “dentro desse conjunto de depoimentos exteriores a nós, é preciso trazer como que uma semente de rememoração, para que ele se transforme em uma massa consistente de lembranças”. Ernesto (2013) discute que “[...] a rememoração não é apenas tomada pela consciência do indivíduo, mas por imagens, cheiros, objetos que remetem ao passado. O indivíduo não relembra simplesmente porque quer, mas porque a memória lhe assalta” (p. 46).

Para Tedesco (2004), as lembranças estão no fluxo do tempo e com o passar dos anos, são incluídos detalhes, sentimentos, singularidades e partilhando com outros, tanto estas são validadas como complementadas.

Relembrar o passado [...] não significa apenas recordação verbalizada e fragmentada. [...] é fazer aparecer formas de vivências determinadas pelo lugar social e pelos referenciais significativos [...] podem construir redes de práticas objetivadas circunstancialmente como é o caso do espaço do trabalho (TEDESCO, 2004, p. 39).

Neste sentido, a memória sobre o trabalho organiza-se em torno da atuação do grupo, do espaço, da sociabilidade, da inventividade, da criatividade e aprendizagem: lembrar sobre o trabalho é ainda trabalhar. Eclea Bosi explica que sem o trabalho da “[...] reflexão e da

localização, [a lembrança] seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparação” (1995, p. 81).

3.2 Memória institucional

De acordo com Rueda, Freitas e Valls (2011), desde a década de 1970 ocorre um movimento de valorização da memória institucional. Empresas criam memoriais ou centros de documentação, a partir das informações produzidas ao longo de sua trajetória. Diferentes tipos de registro, desde comunicações internas a vídeos institucionais são expressões que, devidamente tratadas, em termos de catalogação e difusão, tornam-se valiosas fontes para a construção da memória.

A empresa que tem a intenção de se perpetuar no mundo de hoje, com vistas para o futuro, deve inescapavelmente legitimar suas atitudes, ações, posturas e, especialmente, ter consciência e dar conhecimento dos impactos de suas atividades no passado, no presente e no futuro em diferentes níveis, do comercial ao social. Aquela historinha mal-contada ou a varrida do lixo para debaixo do tapete, já não são aceitas e colocam qualquer organização em risco (NASSAR apud RUEDA et al., 2011, p. 86).

Outra forma de trabalhar com memórias sobre uma empresa é a construção de fontes orais, quando se entrevista novos e antigos colaboradores quando estes se reconhecem como integrantes daquele universo, “[...] e, assim, constroem as identidades individuais e a coletiva, imprescindíveis para o desenvolvimento da instituição” (FONTANELLI, 2005, p. 11).

Também, as empresas perceberam o quanto os programas de memória institucional eram fundamentais para o reconhecimento interno e externo de suas marcas e que

informações organizadas e seguras para o dia-a-dia ou para momentos importantes de tomada de decisão fazem parte da rotina de qualquer tipo de instituição e tem como resultado dados, procedimentos, produtos e conseqüentemente toda a documentação desses processos que fazem parte da Memória Institucional por estarem relacionados à sua trajetória (RUEDA et al., 2011, p. 86).

O que se discutiu até aqui se refere à constituição de memória-arquivo em diferentes suportes. Para além desta, como informa Costa (1997), há outro processo que se passa no percurso do tempo. — tempo de lembrar e tempo de esquecer. Nas instituições, o tempo é “pulsado, contraído, ritmado” (p. 40). Existem regras, avaliações, metas a serem atingidas no funcionamento cotidiano. A autora afirma que a memória institucional pode ser pensada em

duas instâncias: a memória-arquivo de informações e regras a serem acessadas para a manutenção da ordem e a memória-hábito, constituída por comportamentos e condutas. O que faz as instituições crescerem é o hiato entre essas duas forças, criando um espaço para a resistência. Também, podem corroê-las por dentro (COSTA, 1997, p. 46).

Costa (1997) indica que as instituições não existem como abstrações, que são criações sociais e como tal, funcionam a partir de ideias e valores daqueles que as constituem. Se por um lado há o hábito, o instituído, a tradição, há a resistência ao que é posto ou imposto, à repetição, que leva à ruptura, criatividade e à irrupção do novo. O conceito de memória institucional seria então híbrido, “que comporta o mesmo e o outro” (p. 138).

Como corpo social, as instituições são constituídas por forças que tanto têm o poder de transformação como de formação e formalização, atravessadas pelo tempo. A memória é elemento a partir do qual se reproduzem, retendo e produzindo informações que são fundamentais ao seu funcionamento. Logo, a memória institucional está em constante elaboração. A memória institucional é indispensável para dispor do futuro da instituição.

Portanto, ao se construir memórias sobre a trajetória da TV Difusora/BAND RS, socializando-as em forma de documentário, trabalha-se neste jogo entre memória-arquivo e a interação lembrança-esquecimento. Neste processo, estão envolvidos valores e ideias construídos socialmente, sentidos ressignificados, os silêncios, os apagamentos e os esquecimentos. Barbosa (2010), explica haver um enquadramento da memória, na forma de agendamento daquilo que deve ser dito e lembrado em relação à uma determinada instituição, selecionando-se alguns aspectos do passado, o que acaba por dar visibilidade a alguns eventos, reforçando-se o silenciamento de outros.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

O trabalho se realiza a partir de pesquisa de natureza qualitativa, cuja “matéria prima é composta por um conjunto de substantivos cujos sentidos se complementam: experiência, vivência, senso comum e ação” (MINAYO, 2012, p. 622). Para a autora, as processualidades da pesquisa têm como base: “questionamentos, hipóteses e é realizado com técnicas pré-definidas, que partem de uma pergunta para que se chegue a uma resposta, onde essa é transformada em um produto, que pode dar origem a novas dúvidas e conseqüentemente outras fontes de investigação” (MINAYO, 2009, p. 623).

Assim, a construção metodológica deste trabalho acompanha o ciclo da pesquisa qualitativa proposto por Minayo (2009): fase exploratória; trabalho de campo; análise e tratamento do material empírico e documental.

4.1 Fase Exploratória

Segundo Minayo:

A fase exploratória consiste na produção do objeto de pesquisa e de todos os procedimentos necessários para preparar a entrada em campo. É o tempo dedicado – e que merece empenho e investimento – a definir e delimitar o objeto, a desenvolvê-lo teórico e metodologicamente, a colocar hipóteses ou alguns pressupostos para seu encaminhamento, a escolher e a descrever os instrumentos de operacionalização do trabalho, a pensar o cronograma de ação e a fazer os procedimentos exploratórios para a escolha do espaço e da amostra qualitativa (2009, p. 26).

Esta fase, ocorrida no período em que se dava a elaboração do projeto, constituiu-se em pesquisa exploratória, pois se buscou obter informações contextuais e a aproximação com o objeto, no caso desta pesquisa, a trajetória da TV Difusora/TV Bandeirantes e com os sujeitos deste trabalho, ou seja, funcionários e ex-funcionários, visando à construção e definição das questões norteadoras da investigação e objetivos. Também, fez-se levantamento de obras bibliográficas que trabalhassem a implantação da televisão no Brasil e no Rio Grande do Sul, para a contextualização do problema de pesquisa, bem como para a compreensão do processo histórico das emissoras de televisão no país e no estado.

4.2 Trabalho de Campo

A segunda fase deu-se após a qualificação do projeto de pesquisa em 21 de novembro de 2014, quando se deu início à pesquisa em campo.

O trabalho de campo consiste em levar para a prática empírica a construção teórica elaborada na primeira etapa. Essa fase combina instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisadores, levantamento documental e outros. Ela realiza um momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação e refutação de hipóteses e de construção de teoria (MINAYO, 2009, p. 26).

4.2.1 Realização de entrevistas

Para esta etapa, escolheu-se trabalhar com História Oral, a partir de aportes de Meihy (2005) e de Meihy e Ribeiro (2011). Nestas obras, os autores discutem o caráter da história oral e a importância da postura dialógica do pesquisador juntos àqueles que colaboram com a pesquisa com seus testemunhos.

A História Oral⁶ é uma metodologia interdisciplinar utilizada para produzir fontes, consistindo no registro de testemunhos de pessoas sobre histórias de vida, sobre eventos dos quais participaram ou que lhes foram relatados no âmbito da vida privada ou pública. A combinação de procedimentos que se articulam com o rigor exigido pela pesquisa acadêmica, busca produzir conhecimentos que sejam confiáveis.

Como já foi visto neste trabalho, a memória não está pronta e não é uma totalidade. Precisa ser construída, tecida, a partir de trabalho premeditado de construção de conhecimento, envolvendo o colaborador (o que dá o testemunho) o pesquisador e um equipamento de gravação (filmadora, gravador etc.) durante o processo da entrevista. (MEYHI, 2005)

Há um cruzamento de intersubjetividades durante a entrevista, seja ela do tipo história de vida ou temática e o fato de se estimular uma lembrança, não deve delimitar que o colaborador possa se dizer livremente. Pelo contrário, devem-se permitir escolhas de organização da narrativa, por onde começar, o que lembrar, a forma de entrelaçar os significados. Delgado (2010) explica que

⁶ Para saber mais ver: ALBERTI, V. História oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989. _____. Manual de história oral. 2. Ed. Ver. e atual. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004. _____. Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. 11f. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1505.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2010.

O passado espelhado no presente reproduz, através de narrativas, a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos. A reconstituição dessa dinâmica, pelo processo de recordação, que inclui, ênfases, lapsos, esquecimentos, omissões, contribui para a reconstituição do que passou segundo o olhar de cada depoente (p. 16).

Assim, é possível perceber o ato de rememorar, com o afloramento de lembranças individuais, o relacionamento dessas como o que Halbwachs (1990) chama de “comunidade afetiva” e Bosi (1995) e Meyhi (2005) de “comunidade de destino”. Eclea Bosi (1995) explica que esta é formada por aqueles que recordam, mas que também, é necessário o pesquisador criar “um vínculo de amizade e confiança com os recordadores” (p. 37), a partir de postura dialógica e de entrega. Junto com os colaboradores passa a fazer parte da “comunidade de destino”, a fim de ter condições para alcançar “[...] a compreensão plena de uma dada condição humana” (p. 38). Para Meyhi (1996), trata-se daquilo que “[...] que identifica as pessoas, os motivos e as trajetórias que as reúnem em características afins” (p. 53). O autor, ainda comenta que o grupo se constitui por meio das narrativas, orientadas por perguntas que dá àquelas certa coerência e uniformidade, reforçando sentimentos de pertencimento.

Mesmo que nesta investigação o pesquisador tivesse em vista uma determinada comunidade de destino (funcionários e ex-funcionários da TV Difusora/BAND RS), o contato inicial se deu com explicações gerais sobre os interesses da pesquisa em relação às suas experiências e trajetória da emissora. Não foram distribuídas perguntas para os colaboradores, a fim de não sugerir explícita ou implicitamente aquilo que o pesquisador gostaria de ouvir como respostas. A presença destes não se deu apenas na concessão da entrevista, mas também na formação da colônia, da rede e na escrita conjunta do texto, durante a textualização e liberação dos testemunhos. Constatou-se que a narrativa tem uma historicidade, isto é, a cada trabalho de memória, são desveladas novas elaborações e atualizações de lembranças (MEIHY, 2005).

Com apoio na metodologia, foi feita a escolha dos colaboradores, ou seja, funcionários e ex-funcionários da TV Difusora/BAND RS, para formar a colônia. Esta é definida a partir “dos padrões gerais de sua comunidade de destino”. A rede é “uma subdivisão da colônia que visa a estabelecer parâmetros para decidir sobre quem deve ser entrevistado ou não [...]” (MEIHY, 1996, p. 53), ou seja, define o “colaborador” que será a pessoa que aceitará ser entrevistada.

O processo de formação da colônia e das redes deu-se da seguinte maneira:

a) Escolha da Colônia, ou seja, do grupo que foi entrevistado, neste caso, os funcionários e ex-funcionários da TV Difusora/BAND RS. Realizou-se uma entrevista “zero”

com uma “pessoa-fonte” que indicou outros possíveis colaboradores, servindo de subsídio para formar a “colônia” (pessoas a serem efetivamente entrevistadas). A partir daí, formaram-se as “redes”, subdivisões da colônia que indicaram procedimentos para a articulação das entrevistas. Estas foram realizadas a partir dos temas elencados pelo pesquisador.

b) Formação de Redes, entendidas como subdivisões da Colônia que indicam os critérios adotados para a escolha das pessoas a serem entrevistadas. Trabalhou-se com duas redes: uma constituída por diretores e funcionários veteranos. E uma segunda formada por ex-funcionários.

c) Pré-entrevistas: momento no qual se apresentou, em linhas gerais, o projeto de pesquisa para os entrevistados, se explicou os procedimentos, a necessidade de utilização de equipamentos eletrônicos para o registro da entrevista e se agendou datas, horários e os locais onde elas foram gravadas.

d) A entrevista, propriamente dita: foi realizada com o consentimento do colaborador, e no caso deste projeto, fizeram-se entrevistas nas quais se valorizou a integralidade da narrativa dos colaboradores, aprofundadas por meio de perguntas, na medida em que foi necessário. As questões foram referentes à trajetória da TV Difusora/BAND RS entrelaçada com a própria trajetória dos colaboradores.

De acordo com Meihy (2005), a história oral pode ser construída a partir de uma pessoa, de um grupo definido (pequeno ou grande) de entrevistados. No Quadro 1 apresenta-se o esquema de indicações para as entrevistas, já nominando os colaboradores e o tamanho da mostra.

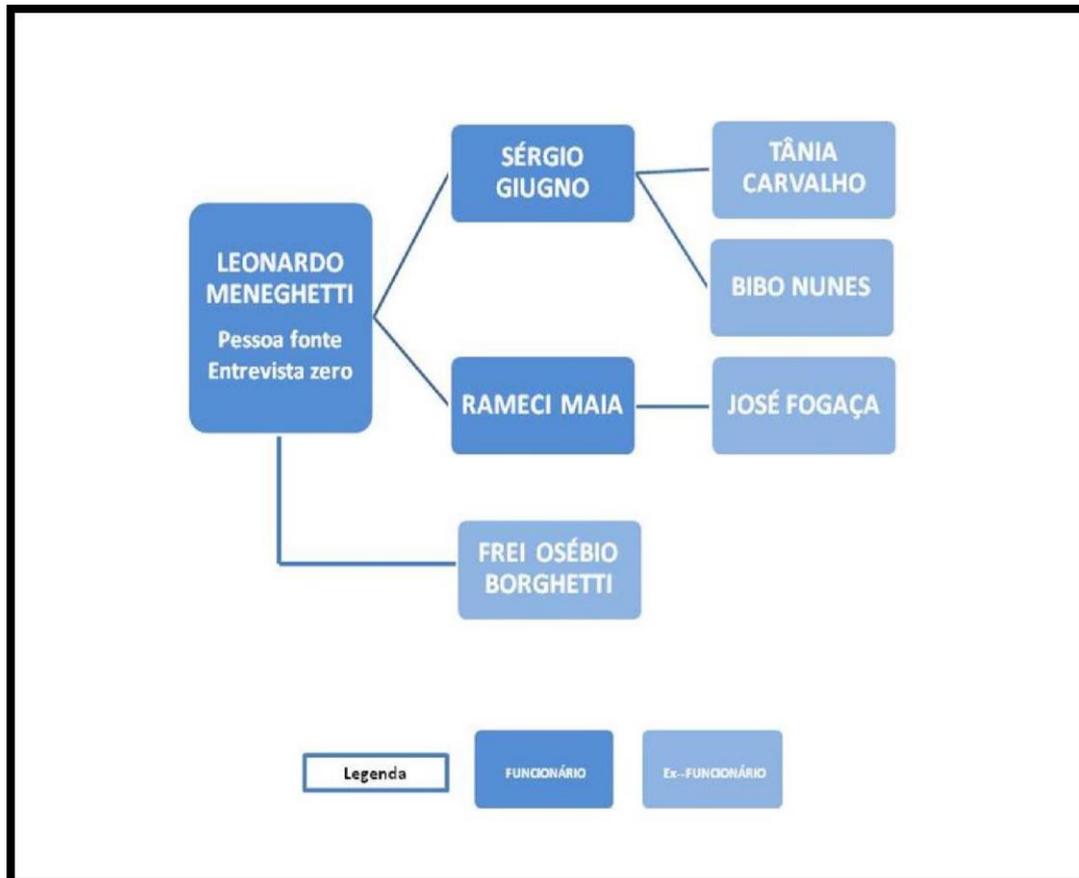
Quadro 2 – Relação de colaboradores

ENTREVISTADO	DATA DA ENTREVISTA	REDE
Rameci Maia	04/01/2015	Funcionário (Cinegrafista)
Sérgio Giugno	26/02/2015	Funcionário (Diretor Técnico)
Leonardo Meneghetti	23/03/2015	Funcionário (Diretor Geral)
Tania Carvalho	21/02/2015	Ex-funcionário
Bibo Nunes	04/03/2015	Ex-funcionário
Osébio Borghetti	12/03/2015	Ex-funcionário (Frei Capuchinho)
José Fogaça	09/04/2015	Ex-funcionário

Fonte: Autoria própria, 2015.

Neste caso, foi utilizado como referência para seleção da mostra de pesquisa, o critério de reunir colaboradores que trabalharam e ou trabalham na emissora desde a sua fundação. A Figura 2 mostra a formação da colônia.

Figura 2 – Esquema das indicações de colaboradores para as entrevistas



Fonte: A autoria própria, 2015.

O roteiro proposto para as entrevistas foi elaborado a partir de Meihy (2005), Meihy; Ribeiro (2011) e Lopez (2008), sendo que este último define entrevista como:

uma prática de interação entre dois lados: quem conta e quem pergunta/ouve. Ao contrário de um “interrogatório” ou “questionário”, o que se busca é criar um momento de troca e diálogo entre as duas partes, sendo que o assunto da conversa é a história de vida de uma delas. Pode-se dizer que a entrevista é um produto em coautoria do entrevistado e do entrevistador (LOPEZ, 2008, p. 37).

Propôs-se a realização de entrevistas semiestruturadas, conforme os autores citados, cujo roteiro questionou sobre as relações dos funcionários e ex-funcionários com a TV

Difusora/BAND RS, identificando os processos participativos vivenciados pelo grupo, além de lembranças de suas relações com a emissora.

Quadro 3 – Roteiro das entrevistas

Como foi trabalhar na TV Difusora, no início da emissora?
Quais programas, vinhetas, bordões e situações marcaram a sua lembrança no início da TV Difusora?
Quais são as suas lembranças em relação aos colegas de profissão da TV Difusora/BAND RS?
Como era a relação com os colegas de trabalho na época da TV Difusora? E se for o caso, como foi quando passou para a BAND RS?
A tecnologia da época e a de hoje, como você analisa essa mudança no relacionamento dos colegas e no exercício da profissão?
O que mudou, na sua opinião, em relação ao início da TV Difusora e agora com a BAND RS?

Fonte: Autoria própria, 2015.

O diretor geral da BAND/RS, Leonardo Meneguetti, o diretor técnico, Sérgio Giugno e o cinegrafista Rameci Maia, foram entrevistados nos estúdios do Grupo Bandeirantes, em Porto Alegre. Já os ex-funcionários Tânia Carvalho, José Fogaça e Bibó Nunes foram entrevistados em suas próprias residências. Na ocasião foram solicitados fotos ou documentos da época da TV Difusora ou da atual BAND RS. A entrevista com o Frei Osébio Borghetti foi feita na sede da Congregação, na cidade de Caxias do Sul.

A organização dos dados coletados a partir das entrevistas foi orientada por Meihy (2005); Meihy e Ribeiro (2011) com os seguintes passos:

a) Transcrição, que compreende a passagem literal do oral para a escrita, incluindo as repetições, vícios de linguagem, expressões regionais e marcadores conversacionais que caracterizam a oralidade.

b) Textualização, que é o trabalho de conferir à entrevista um caráter de texto, de leitura agradável e fluida, inserindo perguntas e respostas em uma narrativa direta e reduzindo o excesso de marcadores convencionais e possíveis gírias que possam prejudicar a compreensão e clareza do texto.

c) Conferência, momento em que, o pesquisador apresenta o texto editado ao colaborador, a fim de obter a autorização oficial para seu uso, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme o modelo (Apêndice A). Nessa etapa, o entrevistado teve total liberdade de sugerir inclusões, exclusões e ou modificações na entrevista. A partir daí chegou-se à versão final do texto.

Outra etapa seria a Transcrição que consiste em intervenção do pesquisador, corrigindo e recriando o texto na sua passagem da forma oral para a escrita, com a

colaboração do colaborador. Além do dito, incorpora-se o não dito, a inclusão de informações, exclusão de trechos da entrevista, tornando anônimo algum personagem citado pelo colaborador, descaracterizando algum espaço ou evento, a fim de se resguardar pessoas, instituições, etc. Todavia, tendo em vista o produto final do trabalho, o documentário, optou-se por não realizar a transcrição, mesmo que esta fosse fazer parte apenas deste relatório final.

Durante o processo das entrevistas, não houve o condicionamento de um determinado momento para iniciar o testemunho como também, limite para sua finalização. Respeitaram-se as singularidades e foi no conjunto das falas que se tornou visível a integração dos colaboradores a uma comunidade afetiva.

4.2.2 Pesquisa documental

Nesta fase, o pesquisador realizou busca de documentos no Arquivo da TV Difusora/TV Bandeirantes, que pudessem auxiliar na solução dos problemas e alcance dos objetivos da pesquisa. Não se trata de contrapor o que dizem os documentos às narrativas dos colaboradores; a intenção é a de acrescentar informações e dirimir dúvidas quanto a algum aspecto impreciso que precise ser mais bem explicitado. Também, a pesquisa valeu-se de documentos dos acervos pessoais dos colaboradores.

O Arquivo da BAND RS possui um acervo de documentos organizado de uma maneira improvisada, mas de um inestimável valor histórico, catalogado, com indicações de data e assunto. O arquivo está alojado em sala com área em torno de 15m², no andar térreo da emissora, ao lado do Departamento de Pessoal. Documentos do arquivo corrente estão juntos aos do permanente, misturando, por exemplo, papéis contábeis com recortes de jornais, fotos, roteiros e scripts de programas realizados ao longo dos quase 50 anos de existência da TV Difusora/TV Band RS. São caixas e pastas guardadas em armários e prateleiras de metal. Não se sabe exatamente quem criou o espaço, que inicialmente ficava no último andar da emissora, junto com os filmes e equipamentos antigos, que ainda lá se encontram. Ali, também, a pesquisa de imagens é difícil pela falta de catalogação, de um guia do acervo e dificuldade de reproduzir os filmes. A mesma situação acontece no referido arquivo de fotos e documentos que o pesquisador utilizou para a realização deste trabalho. Aqui, retorna-se ao constatado por Kilpp, ou seja, da precariedade de arquivos e de fontes para aqueles que se dedicam a investigar sobre a trajetória da TV no Rio Grande do Sul.

Além, da busca no arquivo da emissora de TV, também foram acessadas matérias veiculadas na mídia impressa. Quanto ao uso dos jornais como fonte de pesquisa, Zicman (1985), Capelato (1988), Alves e Guarnieri (2007) e Lucca (2010) debruçaram-se sobre o estudo do discurso da mídia impressa, não com o estatuto de verdade, mas levando em consideração a construção do texto jornalístico, a sua produção, sua circulação e consumo.

Para dar suporte aos métodos utilizados para o trabalho com jornais, esses autores buscaram historicizá-los, isto é, compreendê-los como produto de um tempo determinado, como informa Flamarion, “[...] procura-se determinar em que condições sócio-históricas a produção do texto pôde ocorrer” (CARDOSO, 1992, p. 61).

Zicman (1985) destaca entre as várias vantagens da utilização da imprensa como fonte documental da história:

- a) Periodicidade: Os jornais são “arquivos do cotidiano” registrando a memória do dia-a-dia, e este acompanhamento diário permite estabelecer a cronologia dos fatos.
- b) Disposição Espacial da Informação: Para cada período tem-se a possibilidade de inserção do fato histórico dentro de um contexto mais amplo, entre os outros fatos que compõem a atualidade;
- c) Tipo de Censura: Diferentemente de outros tipos de fontes documentais, a Imprensa sofre apenas a censura instantânea e imediata. É relevante destacar que as coleções de arquivos são menos interessantes pelo fato de sofrerem quase sempre uma triagem antes de serem arquivados.

Ao acessar os jornais veiculados durante o período em estudo, constatou-se o que Kilpp já havia anunciado:

Regularmente são três as ocasiões em que os jornais falavam de televisão: 1. diariamente, divulgando e comentando a programação dos canais; 2. quando surgiu ou desapareceu uma emissora, ou foi introduzida uma nova tecnologia; 3. quando se comemorou um determinado número de anos de uma emissora, transformando-se o jornal nesse caso também em memória, porque em geral a notícia remeteu a uma retrospectiva, baseada em notícias anteriores e/ou em depoimentos de narradores presentes (s/d., p. 3).

A autora também discute sobre o “silenciamento” sobre as emissoras de TV nos jornais sul-rio-grandenses. Segundo Kilpp (s/d.), a partir da Segunda Guerra houve mudança em termos de meios de comunicação de massa com os jornais perdendo espaço para o rádio e a TV ocupando na sequência a ponta da indústria cultural, angariando grande parcela de público e verbas para publicidade. Também, os veículos de informação concentraram-se em

grandes empresas estruturadas em redes multimídia com jornais, revistas, rádio e televisão. Ainda é preciso atentar para a concorrência entre as empresas de comunicação. No Rio

Grande do Sul, Rede Brasil Sul de Televisão (RBS) se consolidou de forma hegemônica com o desaparecimento da Caldas Júnior e Diários e Emissoras Associados, mantendo-se assim, embora existam outros grupos e empresas presentes no mercado. Para Kilpp:

Ainda que polissêmicos [os jornais], muito pouco da história da TV no Rio Grande do Sul pode ser escrita por eles: primeiro, a TV era uma *aventura* e um empreendimento pouco sério para a seriedade do jornalismo *politizado* do Rio Grande do Sul. Depois, a comunicação no estado virou uma disputa estranha, em territórios desconhecidos em relação ao conhecido antigo mercado regional, e que não era mais sequer regional, e pisava-se em ovos e não se escrevia sobre o veículo da outra empresa, e sobre o da própria empresa não se podia fazer nada a não ser propagandear. Por fim, num período de transição, de refuncionalização dos meios, como saber o quê, no que diz respeito à TV, é notícia, ou informação jornalística?

Dessa maneira, as empresas multimídia, cada uma apoia sua própria emissora de TV, ou consegue, a partir de matérias pagas, veicular sua programação em jornais de fora do seu círculo de atuação. Em sua pesquisa, Kilpp constatou que “A TV Difusora não teve um jornal próprio para reter sua fugacidade⁷ [...]” (s/d., p. 6). Nesta pesquisa, mesmo com a precariedade das fontes jornalísticas, constatou-se sua interação com os testemunhos orais em relação aos acontecimentos e programas destacados pelos colaboradores.

4.3 Análise dos dados

Segundo Minayo, a análise e tratamento dos dados:

[...] diz respeito ao conjunto de procedimentos para valorizar, compreender, interpretar os dados empíricos, articulá-los com a teoria que fundamentou o projeto ou com outras leituras teóricas e interpretativas cuja necessidade foi dada pelo trabalho de campo. De acordo com a autora podemos dividir esse momento em três tipos de procedimento: ordenação de dados; classificação dos dados e análise propriamente dita. O tratamento do material nos conduz a uma busca lógica peculiar e interna do grupo que estamos analisando, sendo esta a construção fundamental do pesquisador. Isso quer dizer, a análise qualitativa não é uma mera classificação de opinião dos informantes. É a descoberta de seus códigos sociais a partir das falas, símbolos e observações. A busca da compreensão e da interpretação à luz da teoria aporta uma contribuição única do pesquisador (MINAYO, 2009, p. 26).

⁷ “Característica ou particularidade do que é fugaz (efêmero ou evanescente). Que foge com rapidez; fuga velo. Excesso de velocidade; em que há rapidez” (DICIONÁRIO, 2015).

Não é suficiente realizar entrevistas, é preciso analisar os testemunhos. Um projeto de história oral “[...] não exime o pesquisador da interpretação e da análise do material colhido. Falar de história democrática pode levar ao equívoco de se tomar a própria entrevista não como fonte – a ser trabalhada, analisada e comparada a outras fontes – e sim como história” (ALBERTI, 1996, p. 5). Para tanto, realizou-se uma interpretação das narrativas, apoiada no referencial teórico e na revisão bibliográfica.

A análise interpretativa, segundo Severino (2007) é um exercício no qual o pesquisador toma “[...] uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar a fecundidade das ideias expostas, é cotejá-las com outros, é dialogar com o autor [...]” (SEVERINO, 2007, p. 94). Neste caso, trabalha-se com testemunhos orais, fundamentando-se nos pressupostos de Halbwachs (1990). Portanto, dá-se atenção a elementos que possam explicitar vínculos entre os colaboradores que apontem a existência de uma comunidade afetiva. Buscam-se no encadeamento dos relatos, elementos que mostrem a dinâmica e fases da trajetória do grupo, refletindo sobre sua importância na vida dos colaboradores da pesquisa. Além disso, é fundamental prestar-se atenção ao tom, ritmo, volume, pausas, silêncios e, no caso de entrevistas em vídeo, à expressão corporal do colaborador. Segundo Portelli (1997), a velocidade, entonação e oscilações, entre outros, desvelam significados importantes para a análise dos depoimentos orais.

A seguir, no Quadro 4, explicitam-se alguns passos da análise interpretativa para relatos orais.

Quadro 4 – Elementos da análise interpretativa para relatos orais

Escutar diversas vezes o relato oral para apreender as características da fala do colaborador.
Transcrever os relatos, buscando, no texto escrito, anotar todas as nuances do texto oral.
Anotar os relatos em fichamento detalhado.
Relacionar o relato oral transcrito com outros documentos escritos.
Organizar o texto transcrito em temas, visualizando um mesmo assunto em diferentes versões dadas pelos colaboradores.
Busca de indícios e visualização de vínculos entre os testemunhos orais.
Levantamento de relações sociais, solidariedades, engendramentos, pontos de concordância e discordância.
Vinculação dos relatos orais a micro e macrorrealidades.
Reconhecimento dos silêncios e dos não ditos que expressam conteúdos. Inferência do que está implícito no relato oral.

Atenção aos filtros utilizados pelo colaborador em seus relatos.

Atenção aos objetivos e interesses pessoais dos colaboradores de relatarem sobre suas trajetórias ou evento do qual participaram ou que alguém lhes tenha contado.

Elaboração de resumo crítico sobre o estudo dos relatos orais.

Fonte: Alberti (1996); Halbwachs (1990); Meihy (1996); Portelli (1997); Severino (2007).

4.4 Finalização do trabalho

Nesta etapa, fez-se a redação do trabalho e a preparação do roteiro do documentário “Da TV Difusora à BAND RS, um empreendimento de memória social”, produto final deste trabalho, discutido no Capítulo 7, intitulado “Da TV Difusora à TV Bandeirantes”.

A seguir, trazem-se as narrativas dos colaboradores, transcritas e textualizadas. A apresentação segue uma ordem que parte dos colaboradores ainda na ativa na emissora e após, aqueles que se encontram afastados da mesma.

PARTE II – EMPREENDIMENTO EM MEMÓRIA SOCIAL

5 NARRATIVAS

“O movimento de mergulhar em busca da experiência perdida, de saltar para trás em direção ao passado, poderá permitir a erupção de algo novo” (BORELLI, 1992, p. 81).

Neste capítulo trazem-se as narrativas textualizadas. Seguiu-se uma ordem de apresentação dos colaboradores que ainda estão em termos mnemônicos mais relacionados à BAND RS (funcionários), àqueles mais distantes (ex-funcionários).

5.1 Rede dos funcionários da TV Difusora/BAND RS

5.1.1 Rameci Maia

Figura 3 – Imagem de Rameci Maia, 55 anos, cinegrafista da Band TV RS.
Iniciou na TV Difusora em 1974



Fonte: documentário “Da TV Difusora à TV Bandeirantes”.

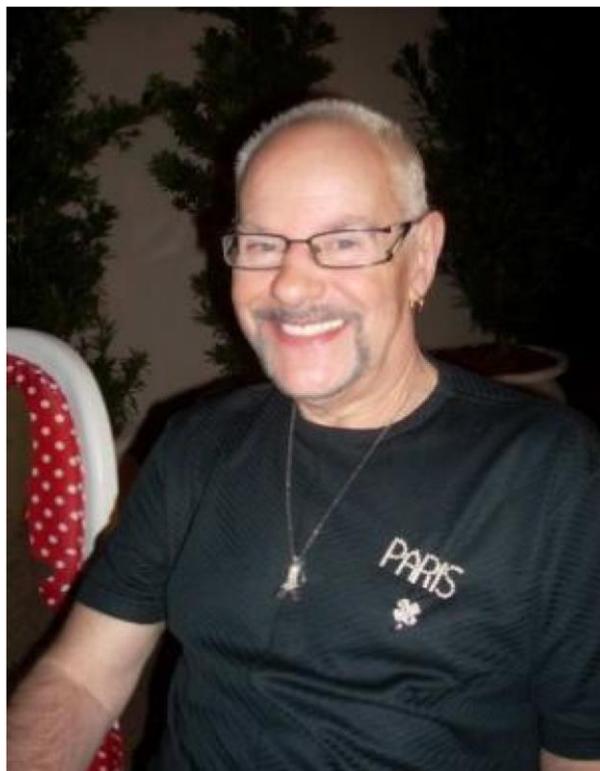
“Não existe e nem vai existir, um programa como o Portovisão, de pessoas tão autênticas”.

Na época de Difusora, quando eu entrei aqui, era auxiliar de cinegrafista. Era eu que colocava o filme nas câmeras. Tinha uma câmera para fazer imagens e outra para gravar o som. Lembro que na época usávamos filme, o que era muito caro. Eu entrei na Difusora em 1974. Eu acredito que fazer TV hoje é muito mais fácil, porque hoje se tu errar tu pode voltar; hoje é tudo com cartão de memória. Na época era filme. Os chefes olhavam para ver quantas vezes tu gravava e quantas vezes tu errava e se tu errasse muito, tu era cobrado. Mas na época éramos muito mais respeitados. Hoje chamam a gente de apertador de botão. Hoje qualquer um pega o celular e faz imagens.

Dos programas que eu lembro na época o que me marcou foi o Portovisão. Com Renato Pereira, José Antônio Daudt, Tania Carvalho, Bibó Nunes, Tatata Pimentel. Trabalhei muito tempo na noite com o Tatata. Eu guardo lindas e boas recordações daquele cara. Era um cara eu me lembro em uma época que fomos gravar na boate Encouraçado Butiquim 736 e ele perguntou para mim: “Vamos jantar? Mas eu sei que tu não se sente bem no meio dos ricos.

Onde tu quer jantar? Já sei tu quer jantar na cozinha!” E ele jantou comigo na cozinha.

Figura 4 – Tatata Pimentel apresentador e comentarista



Fonte: Arquivo pessoal da família Pimentel.

Na época, os Freis Capuchinhos trabalhavam aqui. Entre eles, o Frei Renato, o Frei Borghetti e o Frei Matiello. A TV Difusora era a sombra da TV Gaúcha, porque tinha muita

audiência. Foi à primeira televisão em cores. Uma das minhas primeiras transmissões foi quando nós pegamos neve em Bento Gonçalves. Era um jogo de futebol entre Grêmio e Bento Gonçalves. O cinegrafista passou mal e eu que tive que começar a gravar. Eu dormi com duas botas, duas meias e duas calças, porque o frio era demais.

Eu comecei aos poucos. Os programas da época foram uma escola. Não existe e nem vai existir, um programa como o Portovisão, de pessoas tão autênticas. Você tinha um comediante como o Renato Pereira, o Tatata Pimentel, o José Antonio Daudt, que chegou a ser negociador durante uma rebelião do Presídio Central. Nessa época, os bandidos, quando chegamos ao local, chegaram apontando armas e apontaram uma para mim, e o Daudt se colocou na frente. Ele era demais!!! Esse cara eu guardo no meu coração até hoje.

Eu tenho muitas saudades. Hoje somos seis equipes, mas nem motorista temos. Na época era muita gente! Para você ter uma ideia, tínhamos até iluminador. As primeiras câmeras eram complicadas de mexer. Hoje é mais fácil e eu sempre fiz imagens externas. A vantagem é que acabamos conhecendo várias pessoas. Hoje para gravar, por exemplo, é bem mais fácil, porque todos me conhecem, eu já tenho neste ano [2014] 40 anos de Bandeirantes. Na época nós éramos fascinados pelo trabalho que fazíamos. Na época, assistíamos muita TV e o que mais marcou foi o programa Portovisão.

Figura 5 – Imagem do cenário e dos comunicadores do Programa Porto Visão Década 1970⁸



Fonte: Arquivo BAND, RS.

⁸ Da direita para a esquerda: Armando Vasconcellos, Pedro Dietrich, Ligia Tricoh, Renato Pereira, Paulo Santana, Celestino Valenzuela, Tania Carvalho, Sérgio Boira e Larry Pinto de Faria.

5.1.2 Sérgio Giugno

Figura 6 – Imagem de Sérgio Giugno, 70 anos. Diretor de Operações da TV Difusora, na década de 1970



Fonte: documentário “Da TV Difusora à TV Bandeirantes”.

“Nós fizemos a primeira transmissão ao vivo com o equipamento das câmeras e depois esse equipamento foi para o Rio de Janeiro, para a TV Rio e veio outro equipamento e começamos a transmitir no estúdio também a cores”.

Pouca gente acreditava que a Difusora ia fazer a primeira transmissão colorida do Brasil. Ninguém sabia o que era isso. Isso aconteceu em 19 de fevereiro de 1972, na transmissão da Festa da Uva. Mas antes disso, no início de janeiro daquele ano, um engenheiro veio da Inglaterra, trouxe o equipamento e aqui foi montado em um ônibus, monobloco, daqueles que a Carris usava. Veio do Rio de Janeiro. Tiraram o equipamento preto e branco e colocaram o colorido. Que fez foi o engenheiro Luiz D’Avila. Todos da Difusora. Nunca tinha mexido em equipamento colorido. Fizemos uns três, quatro testes no estúdio para ver como é que era. Todo mundo ficou abobado com aquilo e fomos para Caxias. Quando no dia 19 de fevereiro fizemos a transmissão colorida pra todo o Brasil. Muita gente diz que outra emissora fez a transmissão, mas a primeira emissora autorizada pelo governo federal, pelo ministro das Comunicações, Higinio Corsetti, que era de Caxias do Sul, a fazer a transmissão colorida gerada de uma externa no Brasil [foi a TV Difusora].

Nós fizemos a primeira transmissão ao vivo com o equipamento das câmeras e depois esse equipamento foi para o Rio de Janeiro, para a TV Rio e veio outro equipamento e

começamos a transmitir no estúdio também a cores. Mas nós já transmitíamos filmes. Naquela época tudo era filme e nós transmitíamos uns três ou quatro programas, por semana, que eram exibidos a cores.

Figura 7 – Imagem da Festa da Uva, 1972. Primeira imagem de televisão colorida do Brasil

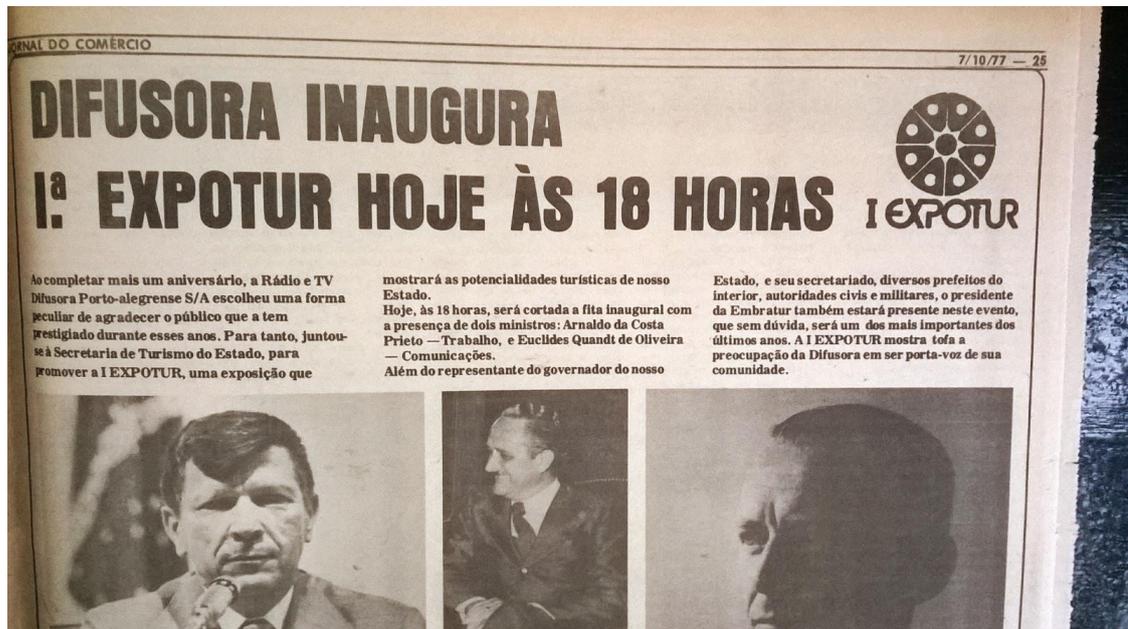


Fonte: Arquivo TV BANDRS.

O governo Federal tinha interesse em colocar cores no Brasil. Era um interesse político e ele solicitou para que alguma emissora tivesse vontade de fazer “a cor no Brasil” como se dizia na época e nenhuma outra emissora topou. Apenas a Bandeirantes [na época Difusora]. Inclusive a Rede Globo fez uma campanha que saiu no jornal que dizia assim: “A televisão ainda continua boa em preto e branco”. Mais ou menos isso que eles colocaram. E o governo perguntou pra um e pra outro e ninguém quis. E a TV Difusora, de Porto Alegre, dos freis capuchinhos topou fazer. Queria se mostrar para o Brasil e mostrar que aqui tinha uma televisão com essa capacidade. Obviamente tinha ajuda do próprio ministério das Comunicações, via Higinio Corsetti, que era o Ministro das Comunicações. A Festa da Uva era um evento gaúcho, que ele queria que fosse mostrado para todo o Brasil, então daí que surgiu a ideia da primeira transmissão colorida do Brasil.

A Difusora tinha umas coisas bem interessantes de inventar. Nos anos 1970, por dois anos, nós tínhamos aqui no pátio da emissora a Expotur.

Figura 8 – Imagem de matéria publicada no Jornal do Comércio sobre o lançamento da 1ª Expotur realizada no pátio da TV Difusora, em 7/10/1977



Fonte: arquivo pessoal, do autor.

Todas as prefeituras do interior vinham aqui uma vez por ano mostrar seus produtos aqui, no pátio da emissora. E nós fazíamos já o programa Portovisão, com a Tania Carvalho, Tatata, Jockman, Roberto Gigante, Daudt, Renato Pereira. E durante a parte da Tania, a gente colocava uma câmera. Aliás, naquela época só tinham duas câmeras. Uma ficava no estúdio e a outra ia para o pátio. Então vamos fazer a banca de Bento Gonçalves, por exemplo. Ai um dia a Tania disse; “Pô a gente sempre faz esse negócio parado! O que dá pra fazer?”. Aí tinha um rapaz do bar que tinha uma caminhonete com caçamba. Aí nos puxamos um cabo e tinha uma pipa aqui no canto do pátio, da vinícola Aurora. E eu disse: vamos levar os cabos até lá, vamos colocar a câmera em cima da caminhonete e vamos ver o que dá. Aí a Tania foi pra rua com o microfone e nós amarramos a câmera em cima da caçamba da caminhonete e o cinegrafista também amarrado na caminhonete e eu recordo que eu fui dirigindo. Ai eu arranquei bem devagarzinho e a Tania caminhava do lado, com o microfone, que também tinha um cabo de não sei quantos metros. E ela caminha do lado entrevistando as pessoas. E a gente andava. Parava um pouquinho, ela entrevistava, andávamos mais um pouquinho... E fizemos a volta em todos os estantes. Aí virou moda! Todo mundo queria saber como é que a gente tinha feito. Porque na época não tinha a tecnologia que tem hoje. A gente fazia coisas artesanais, tudo na base da criatividade.

Nós tínhamos as chamadas, que era o canal 10, que era a Difusora e tinha um leãozinho, que era o símbolo da Difusora. Então era o vídeo e rodava um desinho [uma pequena imagem do número 10, canal da TV Difusora]. Hoje em dia é tudo eletrônico. Aperta um botão que faz isso. Mas naquela época não tinha como fazer. Então nós fizemos um rolo com o 10 e um rolo com o leãozinho. Pegamos dois toca discos, colocamos em 33 rotações. Colocamos uma câmera no 10, outra no leãozinho. A gente enterra o pedestal e deixa só o brilho, com a íris aberta, porque na época era tudo preto e branco e fazemos uma fusão na mesa simples. Então rodava o 10 e o leãozinho, tudo em cima de um toca discos. Mas ninguém sabia disso. Então era um efeito que a Difusora tinha. Então por exemplo, na vinheta do “Cyborg, o homem de seis milhões de dólares”, nas cores vivas do 10. Então aparecia o leãozinho, com o dez girando do lado. Então tinha que fazer na base da criatividade.

Figura 9 – Caneco da cerveja Polar, com o mascote e logotipo da TV Difusora, em 1975



Fonte: arquivo pessoal do autor.

A nossa faculdade era do cotovelo. Nós sentamos em uma mesa, com os cotovelos e a maioria das coisas era assim. A gente fazia, por exemplo, futebol com apenas duas câmeras. Era uma câmera fechada e uma aberta. A aberta dando o jogo em si e outra fechada no detalhe. Trabalhamos assim durante muitos anos. E se fazia um belo futebol. Então era criatividade, muita criatividade. Mas era muito legal, porque, além disso, naquela época trabalhar em televisão era status.

Eu me lembro que terminou a Festa da Uva e nós fomos dar uma volta na cidade e tinha um baile. E nos convidaram; tudo por conta da casa e ainda falar no microfone que a equipe da Band estava na casa, que colocou Caxias do Sul a cores na TV. Então, tinha muito disso. Isso que a gente nem era artista.

Mas a equipe era muito unida. E todo mundo fazia tudo. Hoje em dia é muito cômodo. Antes para fazer uma matéria saíam cinco pessoas para a rua. Era com filme. Não tinha videotape. Tinha que voltar depois e revelar. E montar, cortar com a Gillette. Mas era muito bom. Eu já estou com 42 anos de televisão e tenho muita saudade daquela época.

5.1.3 Leonardo Meneghetti

Figura 10 – Imagem de Leonardo Meneghetti , 49 anos, Diretor Geral da Band TV/RS



Fonte: Documentário “Da TV Difusora à TV Bandeirantes”.

*“E a Bandeirantes tem uma característica no seu DNA, que eu acho que é a seguinte:
ela procura não copiar outros modelos”.*

Eu comecei a trabalhar aqui, quando já era TV Bandeirantes, em janeiro de 1994, como repórter. Cheguei a ficar também no Correio do Povo e aqui, ao mesmo tempo. O Bira Valdez era diretor de jornalismo, mas logo em seguida, em maio ou junho, daquele mesmo ano, ele assumiu em seguida, a direção geral da TV Bandeirantes no Rio Grande do Sul.

Nos anos de 1970, eu tinha uns dez anos de idade, eu lembro especialmente de um programa esportivo que tinha domingo à noite, que se chamava Jogo Aberto, do qual participava aquele, quem eu sempre achei o maior jornalista esportivo desse Estado, que é o Lauro Quadros. Na verdade, acho que o Lauro Quadros é o maior comunicador deste Estado, e eu até já verbalizei isso para ele. É um comunicador absolutamente completo, bem informado. Sabia ser jocoso, muito inteligente, um raciocínio muito rápido.

Figura 11 – Imagem de Lauro Quadros e Renato Pereira, no programa Portovisão.
Jornal do Comércio 20/05/1975



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

E esse programa, que ele participava, também participava Geraldo José de Almeida, Larri Pinto Faria. E teve nesse programa a célebre briga entre Gilberto Medeiros e José Asmuz, quando José Asmuz agrediu o Gilberto Medeiros, dirigente do Internacional, em função da contratação de um meia-atacante, chamado Escurinho. Então, aquele programa, o Jogo Aberto, marcou época. Era aos domingos à noite.

Figura 12 – Imagem do Programa Jogo Aberto, 1995



Fonte: Arquivo pessoal de Leonardo Meneguetti.

Mas a gente sabia que havia outros programas, no horário do almoço, com o Clóvis, com a Maria do Carmo, o Newton Fernando.

E eu como telespectador, passei a me interessar pela antiga TV Difusora nos anos 1980, que também havia ali um programa com o Paulo Josué apresentando. Ele era narrador esportivo e era âncora do horário de esportes e o José Antônio Daudt estava junto. Então, nos anos [19]80 a TV Bandeirantes teve outro momento importante. Mas acho que ela foi ganhar força mesmo numa terceira fase, a partir do final dos anos [19]90.

E eu acho que a principal característica da Band agora e também da antiga TV Difusora é a ousadia e quando a gente é ousada, estamos sujeitos ao erro. Tem dados estatísticos que mostram que um novo programa de televisão ou de rádio ele tem 80% de chance de der errado. Ou seja, de cinco programas, de cinco oportunidades, tem muito mais

chance de acertar apenas com um e errar com quatro. E a Bandeirantes tem uma característica no seu DNA, que eu acho que é a seguinte: ela procura não copiar outros modelos. Às vezes copiar é até mais fácil, mas tem que ter competência para saber copiar. Mas a Bandeirantes não está no seu DNA copiar.

Quando a gente lançou aqui, a Band Am 640, a ideia que se tinha e que se tem ainda, é a rádio Gaúcha. E a nossa ideia era justamente nos horários em que a rádio Gaúcha tinha jornalismo, nós colocaríamos esporte. E o contrário, quando ela tinha esporte, nós colocaríamos jornalismo. Ou seja, é fazer o diferente, é criar uma alternativa e acho que a TV Band também tem esse viés. Quando está de um lado o Jornal Nacional, na Globo, ela bota uma novela ou pode ser um outro horário que é terceirizado, comercializado. Quando a Globo está com uma novela, a gente bota o Jornal da Band. Então, ela também tem essa marca de colocar o humor, daqui à pouco na segunda-feira, que não é um dia tão tradicional. O humor normalmente está mais para o final de semana. Então ela tem esse DNA. A gente também erra muito, a gente reconhece isso, mas essa marca a Band tem. A marca de tentar fazer.

E eu sou jornalista e estou gestor, desde 2000, quando fui efetivado pelo Bira, diretor geral do Grupo Bandeirantes no Estado.

Figura 13 – Imagens de Bira Valdez em 1982 e 2001



Fonte: arquivo pessoal da família Valdez.

Fiquei até 2005, quando assumi a direção geral do Grupo. Mas eu acho saudável porque não perco a oportunidade de estar numa linha de frente, ou seja, de ser na prática jornalista. E aprendendo como apresentador dos Donos da Bola por exemplo. Essa é um

empresa de comunicação, então eu estar na linha de frente me facilita para eu entender, por exemplo, os anseios do pessoal da redação. Da parte da turma do porão como chamamos carinhosamente, os cinegrafistas, os técnicos. Porque um microfone que estraga no Band Cidade, pode estragar nos Donos da Bola. E a gente vai continuar assim, talvez errando mais do que acertando, mas sempre tentando aprender com o erro e por fim darmos a nossa contribuição para um Estado mais forte, para um país mais forte pra tentar vencer as hostilidades da economia do nosso Estado e do nosso país.

5.2 Rede dos Ex-Funcionários da TV Difusora/BAND RS

5.2.1 Frei Osébio Borghetti

Figura 14 – Frei Osébio Borghetti, 78 anos, diretor da TV Difusora na década de 1970



Fonte: Fonte: documentário “Da TV Difusora à Bandeirantes RS”.

“[...] o fato é que a Difusora marcou e deixou um registro na história das comunicações e eu fico feliz com isso também”.

A ideia da TV Difusora, um pouco está ligada ao espírito dos fundadores da nossa Província, dos Capuchinhos, que eram franceses. Francês sempre foi um homem decidido, inteligente, estudioso. E tiveram essa sensação de visualizar e de ver que a televisão podia ser um recurso extraordinário também para o campo de trabalho deles, que vieram da França pra cá. E um dos ideais, um dos empreendimentos foi a televisão, foi a comunicação. Foi

inaugurada em 1969, deixou uma imagem boa no Estado e depois, na medida em que as tecnologias também avançavam, os capuchinhos decidiram sair da televisão ficando apenas com as emissoras de rádio do interior. A televisão marcou por uma série de transmissões pioneiras. Uma delas que fazia concorrência com o Fantástico, aos domingos à noite sobre futebol. Era o programa Jogo Aberto. Era um programa que debatia os assuntos do futebol. Eu não sou do futebol, mas o pessoal falava dos resultados do dia, dos campeonatos, dos jogadores, enfim e às vezes o debate esquentava. Teve até um lance polêmico. Eu estava lá e um pessoal se mandou estúdio a fora. E de fato se o pessoal não tivesse conseguido fugir iam as vias de fato. A missa marcou muito os domingos de manhã, porque era um programa preparado, organizado. Vinham padres, bispos, celebrar e era um programa que agradava porque era religioso, de fé, com o tempo contado e que repercutiu muito bem na época. Já o programa Portovisão foi uma decisão tomada em 1974, para oferecer ao público uma nova atração. E a ideia do Portovisão era justamente essa, daí o nome que dava a ideia de visão do porto, de Porto Alegre. E realmente se contratou uma equipe de profissionais e eles de fato organizaram, reuniram o que tinha de melhor na época e o programa marcou mesmo. Era descontraído, tinha informação, tinha esportes, tinha de tudo. E marcou os cinco anos da televisão e começou em outubro de 1974. E teve a transmissão colorida. E a programação era em preto e branco. E quando se falava em cores ninguém acreditava. E foram feitos testes nos estúdios da TV Difusora⁹, do canal 10 e inclusive com a presença do senhor ministro de Estado, com a presença de engenheiros especializados nas transmissões em cores e em um encontro em São Paulo, onde estava presente o engenheiro técnico da TV Difusora, frei Sirilo Matiello, e o ministro das Comunicações da época, o caxiense Corsetti, que levantou e propôs quem queria fazer o teste da televisão colorida. E alguns disseram que o melhor continuaria em preto e branco. Mas o Sirilo Matiello disse “Eu vou fazer!” Claro que isso repercutiu muito, o ministro deu todo o apoio a empresa Difusora, se importou o equipamento pra isso e em 19 de fevereiro de 1972 foi feita a experiência, que por sinal foi muito bem sucedida, repercutindo no Brasil inteiro e deixando uma marca para Porto Alegre, Caxias do Sul e a Difusora pelo evento, pela experiência, pela transmissão feita na praça Dante Aguiari, no centro de Caxias do Sul, no desfile comemorativo da Festa da Uva. Dos apresentadores eu lembro com muito carinho. Esse pessoal às vezes era um pouco difícil, mas era pelo próprio gênio de apresentador, mas era um pessoal que queria acertar. Eles queriam se comunicar. Eles queriam dar margem de sucesso para a emissora pelo qual eram contratados. Entre eles,

⁹ Ver <https://www.youtube.com/watch?v=taCreFw0320#t=15>.

Renato Pereira, o José Salimen, Ayrton Fagundes, Tatata Pimentel. Alguns deles inclusive falecidos. Mas eles também tinham um carinho para com os freis, que também sabiam lidar com esse público e o fato é que a Difusora marcou e deixou um registro na história das comunicações e eu fico feliz com isso também.

E sobre a venda da TV Difusora para a Bandeirantes temos uma história mais complexa, mas o fato é que as emissoras avançavam pelo país, na redes, haviam exigências de redes nacionais e os superiores da Província dos capuchinhos do Rio Grande do Sul chegaram a conclusão de que não seria fácil levar adiante o empreendimento. Exigia muito dinheiro. Era tudo praticamente importado e chegaram à conclusão que iam passar adiante o canal, as concessões e para isso se procurou a Bandeirantes, porque era uma organização muito séria e não iriam se aventurar e receberiam um belo patrimônio no sul do país. A emissora não foi vendida. Foi transferida com as instalações e os capuchinhos ficaram até com a possibilidade de uso de espaço naquele tempo e optaram por continuar no interior onde já tinham algumas emissoras de rádio.

Figura 15 – Imagem do programa Jogo Aberto. Jornal do Comércio 30/08/1979



Fonte: arquivo Jornal do Comércio.

5.2.2 Tania Carvalho

Figura 16 – Imagem de Tania Carvalho, apresentadora, 72 anos; trabalhou na TV Difusora nos anos 1970



Fonte: Documentário “Da TV Difusora à TV Bandeirantes”.

“Quem não estivesse no Portovisão, não fazia televisão”.

Eu sou péssima de datas, mas eu entrei na TV Difusora em 1970. Eu estava no Jornal do Almoço e fui demitida, porque eu me neguei a fazer cobertura de Carnaval, porque eu tropecei numa caixa de Pepsi-cola. Eu disse que não queria mais, aí me juntei com Clóvis Duarte e com o José Fogaça e fomos fazer um programa para arrasar com todo mundo na TV Difusora. O programa se chamava Portovisão e tinha pessoas maravilhosas e quem mais me marcou foi o Tatata Pimentel. Eu me lembro que fui entrevistar a Elis Regina e eu caí na besteira de dizer que eu era amiga do marido dela Ronaldo Bôscoli. Ela ficou braba, ela não quis me dar entrevista e quem entrevistou ela foi o Tatata Pimentel. Levou orquídeas para ela, mas eu fiquei atrás da tapadeira, eu fiquei querendo que a tapadeira caísse em cima dela. Mas não caiu rrsrs. Era tudo ao vivo, não tinha nada que não fosse ao vivo. O José Antônio Daudt dava tapa em cima da mesa! Mas nós tínhamos um amor um pelo outro.

Figura 17 – Imagem de anúncio de jornal do Portovisão na década de 1970. Jornal do Comércio 30/08/1979

O MELHOR TEMPERO DO SEU MEIO DIA

PORTOVISÃO
1h30min
Um programa feito para o seu meio-dia. Apresenta esportes, notícias, os quadros de Fernando Vieira, Tatata Pimentel, José Antônio Daudt e Tânia Carvalho.

IIIª EXPOTUR
17 horas
Atrações da maior exposição de turismo do Brasil direto de Esteio.

CARA A CARA
19h40min
Uma novela que a vida jamais conseguirá imitar.

JORNAL BANDEIRANTES
20h40min
O melhor jeito de ficar bem informado.

SWITCH
21h05min
Episódio: "Assassinos em Alto Mar".

O CARRO DA MORTE
22h10min
Episódio: "Reféns".

Direto da EXPOTUR

HOJE NA TV DIELISORA CANAL 10

Fonte: arquivo pessoal de Tânia Carvalho.

Nossa amizade, o Clóvis Duarte o Fogaça, o Tatata todos eram amigos. Nós vivíamos irmãmente e apaixonadamente. Nós jantávamos na minha casa. Nós convivemos fraternalmente. O Daudt era muito brabo [...] Ele não sabia se queria ser apresentador ou deputado [...]. Eu cantava uma linda mulher e todo mundo achava que ele era apaixonado por mim porque apesar de tudo era muito sensível. Tinha o Clóvis Duarte e o José Fogaça. Eles eram uns amores. Eu entrevistava os dois. Eu comecei a entrevistar o Clóvis Duarte no Jornal do Almoço. O Clóvis dava aula de biologia e o Fogaça de português e eu entrevistava eles e nós fazíamos tudo de improviso. Aí nós discutimos isso no Portovisão e foi o maior sucesso de crítica, de audiência. Quem não estivesse no Portovisão, não fazia televisão. O Portovisão acabou com o Jornal do Almoço. E tinha a coisa que eu mais amava também que eram os padres, os capuchinhos. Eles davam palpites, mas nós não dávamos bola. Eles queriam transmitir a missa, por exemplo. Uma vez cheguei a pedir um piano que ficava no estúdio para o padre Borghetti. Ele me emprestou e ele pediu de volta no outro dia de manhã. Mas os padres gostavam muito de nós. O Tatata falava em latim com os padres.

Figura 18 – Imagens de Tatata Pimentel, na década de 1970 e em 2006



Fonte: arquivo pessoal da família.

Ele dizia coisas em grego, mas o Tatata Pimentel era muito respeitado pelos capuchinhos, que aliás não sabiam nada de televisão e aí a Bandeirantes comprou a Difusora e o César Prates andava com uma folha gritando demissão e até hoje ele me pede perdão rsrsrs. Tinha a trilha sonora do Portovisão, era Vento Negro do Fogaça. Nossas roupas eram das lojas Kenzo. Foi uma convivência muito prazerosa. Isso eu não sinto mais hoje. Os novos têm que vir, mas temos que lembrar os antigos. Éramos muito amigos, mas te confesso que ninguém namorou rsrs. Eu nunca namorei ninguém de rádio, nem de TV. Nem rolou um clima e a gente brigava não dava nem pra pintar um clima. Fiquei de mal com o Tatata Pimentel quando ele morreu porque nós fomos uma geração de apresentadores que acabou com a morte do Tatata Pimentel. Nós somos uma geração de televisão. Nós éramos estrelas. Hoje em dia todo mundo se produz. Nós tivemos vários produtores Nós fazíamos o roteiro. Maria do Carmo, Ieda Maria Vargas fazia um jornal da noite tinha a Cláudia Nocchi. Não me lembro o nome de um jornal que tinha o nome de um banco. Fiz o piloto, mas não me chamaram porque queriam só os jovens. Tinha também a Ivete Brandalise. Também trabalhou lá a Magda Beatriz. Muita gente passou pela Difusora. Tenho muitas saudades. Era tão maravilhoso... os programas da tarde de variedades começaram com a Difusora. Então foi realmente uma época de criação. Eu cantava e dançava. Como é bom lembrar aqueles tempos...

Figura 19 – Propaganda de jornal da década de 1970 do lançamento do Programa Portovisão da TV Difusora. Jornal do Comércio de 30/08/1979



**A partir do dia 10
eles almoçarão
com você.**

Há muito tempo você esperava
ver toda essa gente reunida
num só programa de televisão

Prof. Clóvis, Tânia Carvalho
Prof. Fogaca, Sérgio Jockymann,
Cascalho.

**A NOTÍCIA A ENTREVISTA
O ESPORTE A ARTE**

PORTOVISÃO
o programa do meio-dia

TV DIFUSORA
canal 10

AO VIVO - EM CORES
DE SEGUNDA A SÁBADO
DO MEIO-DIA ÀS DUAS

Fonte: Arquivo Jornal do Comercio.

5.2.3 – José Fogaça

Figura 20 – José Fogaça, deputado estadual, 61 anos



Fonte: documentário “Da TV Difusora à TV Bandeirantes RS”.

“[...] nós fomos um pouco os porta-vozes das coisas novas daquele tempo”.

Ali pela década de 70, início dos anos 70, a minha amiga Tania Carvalho, amiga de família, amiga pessoal, me convidou para participar do programa dela. Era por volta de dezembro, janeiro, final de ano, e ela me pediu para dar umas dicas sobre vestibular. Uma aula de português voltada para o vestibular. Eu fui, dei essa aula, ela gostou e pediu para que eu voltasse sistematicamente ao programa. Na verdade depois eu descobri que quem tinha gostado, era o produtor do programa, chamado Claro Gilberto. Na semana seguinte, eu já levei o Clóvis Duarte, que era professor de biologia e ele começou também a participar do programa. E aí, nos tornamos amigos do Claro Gilberto e uma noite jantando juntos, o Claro, o Clóvis e eu também, tivemos a ideia de produzir um programa próprio, que seria obviamente numa TV nova. Numa TV que vinha com muito boa qualidade de imagem para época. Com excelentes equipamentos para época, que era a TV Difusora. A partir dali, nós montamos um projeto, apresentamos na TV Difusora e foi aprovado. Os padres aprovaram, os capuchinhos no caso aprovaram, que eram muito simpáticos, mas eram muito exigentes, ao mesmo tempo, e nos conseguimos, a partir dali, arrancar patrocínios, trabalhar patrocínios e começamos o programa, no início de 1976. E realmente o programa fez muito sucesso, porque tinham pessoas que falam muito para a realidade contemporânea. A realidade da época.

E tinham figuras extraordinárias, como Sérgio Jockman, que era um autor de teatro entre outros talentos, era um grande dramaturgo. O Cascalho, que era a liderança dos jovens, da noite de Porto Alegre, das grandes baladas de Porto Alegre. A própria Tania Carvalho, veio da TV Gaúcha, hoje RBS, ela foi para trabalhar conosco no programa.

Aí, nós reunidos numa noite, eu fiz um brainstorm de nomes. Escrevi dez nomes, entre os quais, Portovisão. E eles escolheram esse. E a trilha sonora também era minha. E eu tinha um quadro de comentário jovem. Que eu podia falar de ordem política, de ordem social, de ordem cultural, de ordem econômica, falava sobre tudo. Foi realmente um momento muito bonito da nossa vida. O programa fez muito sucesso. Apresentava nomes de grande expressão na cidade na época, como o José Antônio Daudt, que foi um radialista importante, que foi também deputado Estadual, e que foi morto num assalto ou em uma emboscada, ou algo parecido. Foi uma morte trágica, infelizmente e é uma figura da qual tenho muita saudade. E o nosso Renato Pereira, que era o comediante, o humorista, do Portovisão. Também fazia grande sucesso. E esse conjunto de coisas, conjunto de pessoas, tão díspares, tão diferentes umas das outras. Tatata Pimentel, também participou do programa, e essas figuras tão distintas acabaram chamando a atenção da cidade.

Naquele tempo não havia retransmissoras no interior. Era uma transmissão única para o Estado inteiro. Nós atingíamos o Estado inteiro. Não é como hoje que tem as praças com suas programações regionais com diferentes emissões locais. Naquela época a emissão era única. Então realmente foi um sucesso no Estado inteiro e nós, no horário tínhamos o primeiro lugar no Ibope, por vários meses e até por mais de um ano, dois anos, tivemos uma posição muito boa.

E para a escolha dos assuntos havia uma liberdade, não tínhamos uma vinculação com os capuchinhos ou com os proprietários da empresa, da emissora. Nós colocávamos uma visão nossa, uma visão da época, dos anos 70. Éramos jovens nos anos 70 e expressávamos uma opinião jovem, dos anos 70.

Mas é importante dizer, nas duas horas de programa havia um noticiário e esse noticiário era produzido pela TV Difusora. Então, o noticiário, as reportagens, os repórteres, o apresentador do noticiário, que era o Carlos Alberto Niderauer, era de responsabilidade e orientação jornalística era de responsabilidade da TV Difusora e nos não tínhamos interferência.

E era uma espontaneidade muito grande, porque havia muito improvisado. A gente entrava no ar. Cada um preparava um pouco da sua matéria, do seu material de trabalho e tal, mas os temas eram os temas do dia. É importante dizer, nos vivíamos sob uma ditadura, um

governo militar. Havia censura. É importante dizer que eu fui muito marcado nesse período, por essa censura. É algo, que não há nenhuma glória no sofrimento, então isso não é medalha pra ninguém. Mas houve e eu fui muitas vezes vítima desse processo lá. Não pode falar isso, não pode falar aquilo. Mas eu falava e tive que acabar saindo do programa. Não por causa da emissora, nem por causa dos padres. Foi por intervenção do regime, das pessoas que exerciam esse poder específico. Isso a Tania pode falar o Claro Gilberto, o Clovis foi testemunha também, mas não há nenhum mérito no sofrimento.

E devemos lembrar os momentos bons e uma dessas coisas era essa espontaneidade, a amizade era muito grande. Ninguém se ofendia com que o outro falava e havia muita liberdade.

Figura 21 – Imagem de Tânia Carvalho e José Fogaça. Jornal do Comércio de 03/04/1975



Fonte: Arquivo pessoal de Tânia Carvalho.

A Tania, por exemplo, que era contida na TV Gaúcha, que era onde ela trabalhava antes, lá ela se liberou. Então era uma época, que um palavrão no ar, até hoje não é uma coisa admissível, mas dizer um palavrão no ar era um sacrilégio, era uma heresia, uma coisa absurda e inaceitável. E a Tania ficou liberada para dizer, para as coisas que às vezes escapavam naturalmente, que ela dizia, sem nenhuma baixaria, na verdade era mais uma coisa cômica, da estrutura política que caía na nossa cabeça. E não tinha nada formal, não tinha nenhum padrão fixo, como eram os telejornais e os programas da época. Realmente era uma coisa muito inovadora.

E a linguagem era muito diferente. Estávamos mudando um padrão. Até então a linguagem era muito formal, e a linguagem e a postura dos locutores. Era aquela voz

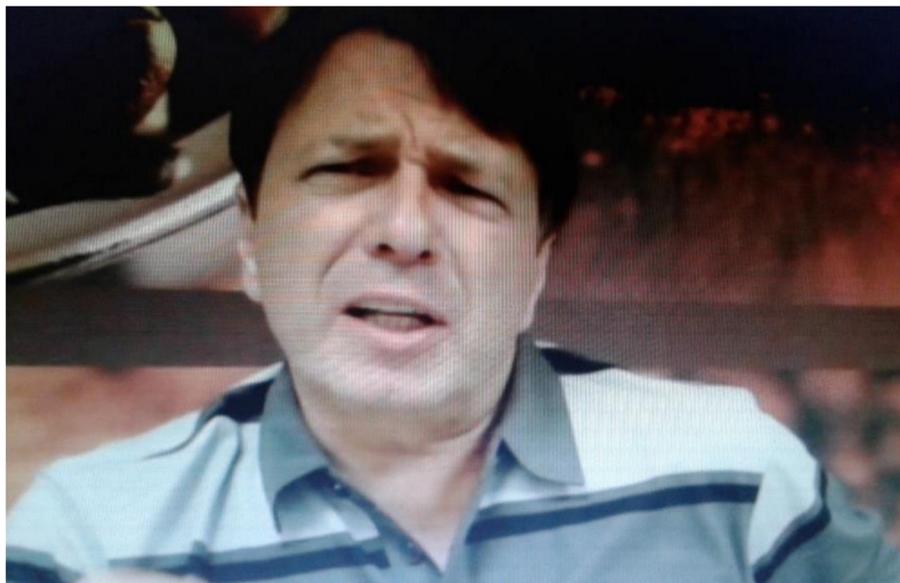
empostada. E nós fugíamos desse padrão. Nós íamos como uma coisa descontraída. Foi muito bom. Nós fugíamos desse padrão. Nenhum de nós poderia ser locutor de rádio e nem tínhamos qualificação para isso. Mas foi muito bom, o resultado foi muito bom. Criou um clima muito interessante entre nós. Se trabalhava com muito estímulo. Se tinha uma visão da sociedade, das coisas que não eram sempre convergentes entre nós. Nem todos pensávamos da mesma maneira sobre as coisas, sobre a vida, sobre a política inclusive. Mas tínhamos todos nós uma sensação de respeito entre nós de mútua tolerância, mas sem nenhum abrir mão sobre a sua opinião ao mesmo tempo.

E a Tania era a grande vedete. Uma mulher na televisão dizendo coisas fortes, coisas impactantes e sendo ousada inclusive sobre o comportamento social. Inclusive porque era uma época de mudanças. O movimento feminista estava recém no início, aqui e no Brasil e no mundo e havia uma resistência, o movimento feminista tinha uma resistência e então foi tudo isso e nós fomos um pouco os porta-vozes das coisas novas daquele tempo.

E essa é a melhor memória que eu posso ter do programa. *A magrinhagem*, o Cascalho com as músicas, as músicas mais recentes, no Brasil e na Europa. Era uma salada, mas era uma boa salada.

5.2.4 – Bibó Nunes

Figura 22 - Bibó Nunes, apresentador, 54 anos

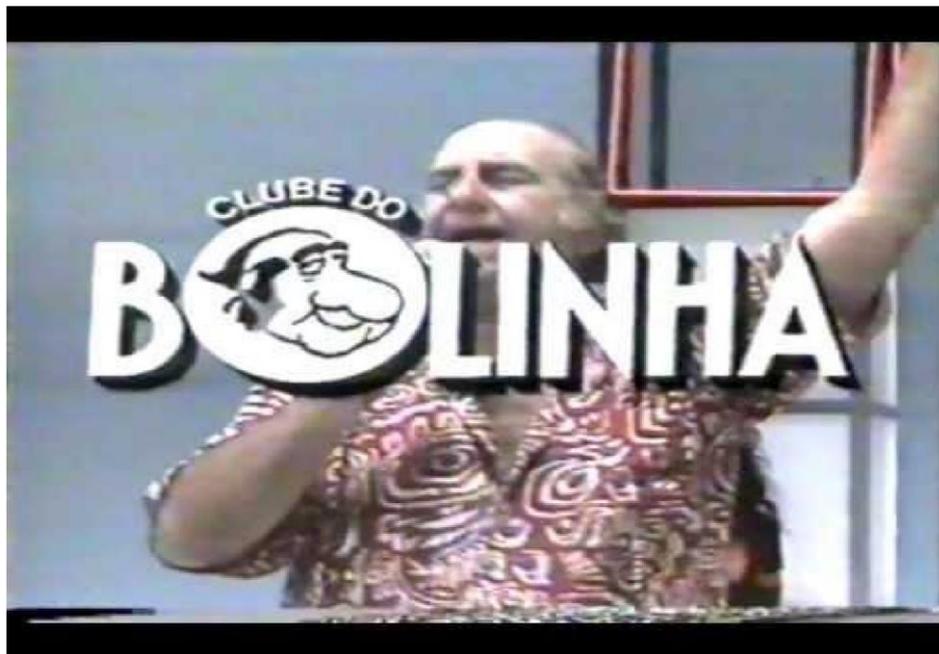


Fonte: documentário “Da TV Difusora à TV Bandeirantes RS”.

“E o detalhe é que na Difusora eu era independente”.

Eu comecei na Difusora em 81. Um guri na época. Eu comecei apresentando o jornal da Difusora. A Difusora começou a ter sinal em Cruz Alta e eu resolvi ir a Porto Alegre para colocar anúncio na TV Difusora da Coxilha Nativista. Quando eu estava lá descobri que eles estavam fazendo testes para televisão. Eu disse que era apresentador em Cruz Alta, mas que a Difusora só tinha fera. E eu era secretário de Turismo em Cruz Alta e fazia o curso de Direito. Ai fui para o meu apartamento e me ligaram no outro dia da Difusora dizendo que eu tinha sido aprovado. Aí, larguei tudo e vim para Porto Alegre. Comecei apresentar o jornal das 7 a noite que hoje é o Band Cidade. Quinze dias depois me chamaram da TVE, que dez anos depois acabei virando presidente, para apresentar um programa que ia começar às 6h30min a manhã com o Mendes Ribeiro Filho. Então eu tinha um programa as sete da noite na Difusora e um de madrugada na TVE. Depois fui para o Meio Dia Hora Local. Depois de mim vinha o Tatata, o Daudt, o Renato Pereira, depois vinha o Clóvis, o Roberto Gigante. Sabe quanto tempo eu tinha? Apenas 4 minutos. Mas eu não queria fazer jornal. Meu projeto e ter meu programa. Ai fiz um piloto e foi aprovado e eu ia fazer a estreia sábado à tarde. Das duas às 4 da tarde, meu programa chamado Studio Som, na Difusora. Faltando quinze dias para eu entrar no ar veio um comunicado da Difusora dizendo o seguinte: “A partir do dia tal, em rede nacional, entra o programa Clube do Bolinha, sábado à tarde”. E acabou comigo!

Figura 23– Imagem do programa Clube do Bolinha, 1985



Fonte: documentário “Da TV Difusora à TV Bandeirantes RS”.

A Difusora retransmitia a Bandeirantes. Perdi o programa. Foi uma bomba. Aí voltei para Cruz Alta. Seis meses depois estava em Porto Alegre e vi que tinha um programa local aqui na Difusora. Larguei tudo e pedi novamente para fazer o Studio Som, no qual fiquei 4 anos. E eu fazia jornalismo na PUC também que era ligada aos freis capuchinhos que eram donos da Difusora. Depois fui para a Band FM. A Pepsi começou a me patrocinar na rádio e na TV. E aí começou um romance com a Pepsi que durou 15 anos. E criei a “Borbulhantes da Pepsi”. Então eu comecei no “Studio Som” e depois fui para a “Borbulhantes”. Eu fiquei 8 anos na Difusora. E o detalhe é que na Difusora eu era independente. Eu fui o primeiro apresentador independente do Estado. Eu tinha que bancar o horário. Era muito difícil. Mas hoje tenho uma boa estrutura. Porque eu dou retorno para os clientes. Na época tinha os capuchinhos, mas eles só eram os donos. Não mandavam na programação. Eu não conheço ninguém que foi independente antes de mim. Eu comecei então na TV Difusora com um programa independente.

Figura 24 – Imagem dos bastidores do programa “Borbulhantes da Pepsi”, apresentado por Bibó Nunes, na década de 1980



Fonte: Arquivo da BAND RS.

6 POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES PARA FRAGMENTOS DE MEMÓRIA

As narrativas dos colaboradores trouxeram lembranças que parecem pessoais, porém foram produzidas a partir de condições criadas para que pudessem evocá-las. Tratou-se dessas lembranças como fragmentos de memórias tendo em vista que se configuram como um conglomerado a apoiarem-se umas sobre as outras. Nem todos os colaboradores acessaram as mesmas recordações, mesmo fazendo parte da mesma comunidade afetiva. Como diz Halbwachs (1990), a memória individual é um ponto de vista sobre a memória do grupo e se transforma na medida do grau de proximidade ou de afastamento de um membro e das relações deste com outros meios ou ambientes coletivos.

Após fazer escuta dos relatos dos colaboradores, transcrevê-los e textualizá-los, passou-se a um fichamento dos mesmos, organizando-os por temas. Foi neste momento que se pode vislumbrar as respostas para os problemas levantados. Isto é apresentado no Quadro 5 e 6 a seguir.

Quadro 5 – Temas elencados pelos funcionários

COLABORADOR	REDE	DATA DE ENTRADA NA TV DIFUSORA	TEMA
Sérgio Giugno	Funcionários	1970	Primeira emissão em cores pela TV Difusora.
			Criação de programas e eventos.
			Programa Portovisão
			Dificuldades no início das transmissões de TV. Aprendizagens. Suplantar desafios. Criatividade. Dedicção ao trabalho. Status pelo trabalho na TV.
			Equipe Unida. Saudade dos tempos passados.
Rameci Maia	Funcionários	1974	Dificuldades no trabalho no início das emissões de TV. Os programas eram uma escola. Fascínio pelo trabalho.
			Programa Portovisão
			Comunicadores mais lembrados: Tatata Pimentel e José Antônio Daudt
			Os Freis Capuchinhos
			Primeira emissão de TV em cores pela TV Difusora
			Audiência da TV Difusora ameaçava a TV Gaúcha.
			Rebelião no Presídio Central
			Dificuldades atuais com falta de pessoal Cinegrafistas chamados de apertadores de botão.

			Comunicador mais lembrado: Lauro Quadros
			Ousadia da emissora; inovadora. Estratégias para suplantar a concorrência. Aprendizagens.
Leonardo Meneghetti	Funcionários	1994	Programas lembrados: Jogo Aberto; Programa no horário do almoço com Clóvis Duarte, Maria do Carmo e Newton Fernando; Programa com Paulo Josué; Donos da Bola

Fonte: Autoria própria, 2015.

Quadro 6 – Temas elencados pelos ex-funcionários

COLABORADOR	REDE	DATA DE ENTRADA NA TV DIFUSORA	TEMA
Tania Carvalho	Ex-funcionários	1970	Portovisão Amizade entre os colegas. Programa abafava a concorrência. Trilha sonora de José Fogaça, Vento Negro.
			Tatata Pimentel como o comunicador que mais a marcou.
			Amizade com os Freis Capuchinhos.
			Morte de Tatata Pimentel como ruptura.
			Criatividade.
			Saudades dos tempos que passaram. Boas lembranças.
Frei Osébio Borghetti	Ex-funcionários	1970	Espírito de inovação dos Capuchinhos. TV como recurso para o trabalho da Ordem
			Pioneirismo da emissora.
			Programa Jogo Aberto
			As missas.
			Programa Portovisão
			Primeira emissora a transmitir em cores.
			As redes nacionais e a venda da TV Difusora.
			TV Difusora como patrimônio do RS
José Fogaça	Ex-funcionários	Início dos anos 1970.	Comunicadores lembrados: Tania Carvalho, Claro Gilberto, Clóvis Duarte, Sérgio Jockman, José Antônio Daudt, Renato Pereira
			Programa Portovisão Censura durante o regime militar. Amizade entre os colegas. Outra linguagem para se comunicar com o público. Movimento feminista no seu início no RS e no Brasil. Porta voz das coisas novas.

Bibo Nunes	Ex-funcionários	1981	Jornal da Difusora às 19h. Meio Dia Hora Local. Studio Som. Borbulhantes da Pepsi.
			Apresentador independente

Fonte: Autoria própria, 2015.

6.1 Acontecimentos que se destacaram nas memórias dos funcionários e ex-funcionários da TV Difusora/Bandeirantes

Um dos acontecimentos referidos por três dos colaboradores, Frei Osébio Borghetti, Sergio Giugno e Rameci Maia, foi a primeira transmissão colorida pela televisão brasileira, no ano de 1972, pela TV Difusora. Segundo Tostes (2013), o Carnaval do Rio de Janeiro, por pouco, não impediu a Festa da Uva de ser o evento que estrearia as transmissões em cores no Brasil. Aquela era a opção dos cariocas e da Rede Globo para colocar um fim ao preto e branco na telinha.

O Ministro das Comunicações do governo Médici e responsável pela implantação do sistema no país, o caxiense Higino Corsetti (falecido em 2004), em uma de suas últimas entrevistas, concedida ao jornal Pioneiro, de Caxias do Sul, em 2003, explicou detalhes da história. Conforme Corsetti, a Rede Globo queria trazer ao Brasil o sistema NTSC, utilizado pelos norte-americanos. Ele preferia o Pal-M, utilizado pelos alemães. Para o ministro Corsetti, o começo das transmissões a cores era muito importante e era necessário para tal que o Brasil tivesse o que havia de mais moderno em equipamentos. Então, a Rede Globo acabou rompendo as negociações com o governo federal por discordar do sistema de transmissão.

Segundo os relatos de Sergio Giugno e Frei Osébio, a transmissão envolveu quatro emissoras: a TV Difusora (atual TV Bandeirantes, como geradora), TV Caxias, TV Gaúcha (atual RBS TV) e TV Rio. Mas os percalços (e um “quê” de amadorismo e ineditismo) acompanharam as equipes durante todo aquele dia de 19 de fevereiro de 1972. A chuva quase impedindo o início do desfile, fios desligados no meio da rua, televisores desregulados e o risco de acidentes com os cinegrafistas se equilibrando em cima dos caminhões das TVs, por pouco não comprometeram tudo o que o Ministro Corsetti havia planejado.

Relacionando os testemunhos com os estudos de Tostes (2013), percebe-se que o governo militar possuía interesse político na transmissão em cores e o fato do Ministro das Comunicações, Higino Corsetti ser oriundo de Caxias do Sul, RS, favoreceu a escolha da

Festa da Uva para a primeira transmissão com essa tecnologia. As lembranças do evento pelos colaboradores incluem o extraordinário, os desafios impostos na realização do trabalho, sentimentos de superação de dificuldades e vinculação ao contexto sócio-histórico da época. Entre as convergências dos relatos tem-se o destaque dado à emissora em relação às demais TVs, construído de forma coletiva pelo grupo de funcionários.

De acordo com os entrevistados, nos primeiros tempos da TV Difusora havia muita criatividade e poucos recursos técnicos. Como exemplo, traz-se o relato de Sergio Giugno: nos anos 1970, por dois anos, existiu no pátio da emissora, um evento chamado Expotur. Todas as prefeituras do interior participavam. Durante um quadro da Tânia Carvalho, foi colocada uma câmera em cima de uma caminhonete para acompanhar a comunicadora. Dizem os entrevistados que acabou virando moda depois. Hoje esse equipamento, que movimenta a câmera fora do tripé é conhecido como “grua”. Estudos sobre a TV no Brasil e no RS mostram os pioneirismos, os improvisos e a criatividade dos profissionais do meio. Percebe-se nos relatos, que as experiências vivenciadas se inserem como referências de tempos, de ações e de responsabilidades. Quanto mais conviveram alguns dos colaboradores, mais forte são as lembranças e sedimentadas as relações, desvelando os vínculos ainda existentes.

Embora utilizando filtros, a ditadura militar também foi lembrada por três entrevistados: Sérgio Giugno e Frei Osébio, no que se refere à transmissão em cores e ao monitoramento do conteúdo apresentado pela emissora, a então TV Difusora, entre os anos 1970 e 1980; e José Fogaça, relatando sua saída do Portovisão em função de censura do governo. Um dos “sensores” como eram chamados os militares que monitoravam o conteúdo dos comunicadores, teria solicitado para que ele se retratasse a respeito de uma declaração relacionada à Petrobrás. Como se negou a fazê-lo, decidiu deixar o programa com medo das represálias que eram comuns na época. Fogaça, quando relata esses acontecimentos, apela para possíveis testemunhos de seus antigos colegas do programa Portovisão, Tania Carvalho e Claro Gilberto, num ato de compartilhamento daquilo que ele entende ser memorável.

6.2 Produtos que são sementes de rememoração dos funcionários e ex-funcionários

Nos depoimentos dos funcionários e ex-funcionários, verificou-se que um programa criado pela emissora ficou marcado nos relatos dos entrevistados: o Portovisão. Este combinava informação, cultura, política, esporte, entretenimento e esportes. Foi considerado um marco da emissora pesquisada, inclusive sendo líder de audiência em seu horário de exibição. Era um programa apresentado de segunda a sexta-feira, entre 11h30min e 14h30min

e foi criado por Salimen Júnior, com a produção de Claro Gilberto, tendo ido ao ar entre 1975 e 1980. Começava com um quadro de Fernando Vieira e Cascalho Conturse, sobre o mundo jovem com clipes musicais, apresentações de bandas ao vivo e dicas de música. Era seguido por Tatata Pimentel, que comentava a vida noturna de Porto Alegre, em especial a sua boate preferida, a “Água na Boca”, sendo o primeiro homossexual assumido na televisão sul-riograndense. Depois, José Antônio Daudt batia os punhos na mesa, teatralmente, protestando contra os abusos policiais e o uso indevido da máquina pública, chamada, na época, de “chapa branca”, ou seja, carros oficiais do governo sendo usados para fins particulares. Daudt acabou sendo assassinado em 1988 e é lembrado com muito carinho por todos os colaboradores deste projeto de pesquisa. Outro comunicador lembrado nas entrevistas é o humorista Renato Pereira, que também participava do Portovisão, contando piadas sobre o cotidiano da época. Depois, vinham as notícias do esporte, apresentadas, entre outros, por Cláudio Britto. Comentários esportivos também referidos em alguns depoimentos, sendo citados os comunicadores Lauro Quadros e Larry Pinto de Faria. Depois seguiam as notícias, apresentadas por Sérgio Schueller e José Fontela, eventualmente com a apresentadora Magda Beatriz. Então vinha o comentário de Sérgio Jockymann e o quadro feminino de Tania Carvalho. Por algum tempo, um quadro citado pelos entrevistadores era o Verso e Reverso, no qual José Fogaça representava a oposição à ditadura e o coronel Pedro Américo Leal a defendia. Foi um quadro que marcou época, pois debatia assuntos polêmicos em plena repressão da ditadura militar.

Figura 25 – Imagem de Tatata Pimentel na redação da TV Difusora nos anos 1980



Fonte: Arquivo TV BAND, RS.

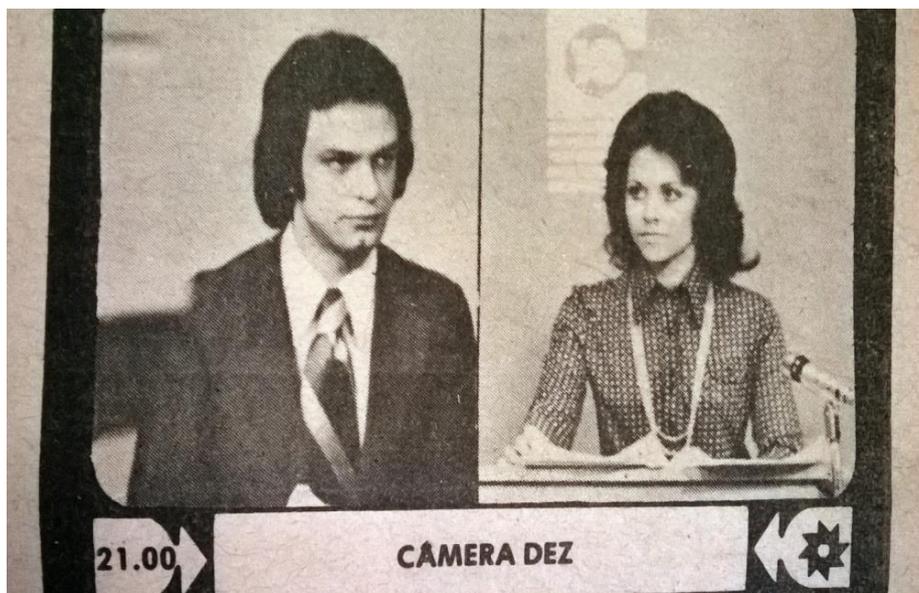
Figura 26 – Imagem de José Antônio Daudt, apresentador da TV Difusora, Década de 1970/1980



Fonte: Arquivo TV BAND, RS.

Com menor expressão, outros programas foram citados, como o Câmera Dez, um programa veiculado no horário das 19h, que tratava sobre esportes, mas principalmente futebol, marcando o início das coberturas esportivas como atração importante na busca da audiência. O programa é referido como uma das marcas da programação noturna da emissora tendo muitos apresentadores, como Ana Amélia Lemos (atualmente senadora pelo PSDB), a ex-miss Universo Ieda Maria Vargas, Sérgio Schueller, José Fontela, Magda Beatriz, João Carlos Belmonte, Lauro Quadros, Kenny Braga, Larry Pinto de Faria e outros. Claudinho Pereira era o produtor e estava por trás da maioria dos programas da emissora.

Figura 27 – Imagem do Programa “Câmera Dez”, apresentado por Newton Cardoso e Maria do Carmo, na TV Difusora, década de 1970. Jornal do Comércio de 17/09/1978



Fonte: Arquivo TV BAND RS.

Uma vinhetas usada pela TV Difusora nos anos de 1970 e início dos anos 1980 também foi lembrada. O “mascote” da emissora era um leão, enquanto o logotipo parecia um leque em círculo, com todas as cores primárias e o número 10 no centro. As missas e o início da programação da TV Difusora começando com um conselho de 5 minutos de um padre capuchinho., na década de 1970, foi outro fato referido.

Uma indicação de substituição de programa local, por outro realizado fora da emissora, aparece no relato de Bibó Nunes, quando informa ter sua produção preterida pelo “Clube do Bolinha”. Este consistia em programa nacional de auditório exibido aos sábados pela Rede Bandeirantes. Era apresentando por Édson Cury, mais conhecido como Bolinha,

revelando muitos talentos da música brasileira, uma espécie de vitrine para artistas consagrados ou em começo de carreira. Uma das suas características marcantes era a irreverência do apresentador, que costumava conduzi-lo vestido com camisas super coloridas. O programa contava também com vários quadros, entre eles o antológico "Eles e Elas", no qual havia shows de travestis, *drag queens* e transformistas. O Clube do Bolinha foi durante anos, a principal atração das tardes de sábado da TV Bandeirantes até que, em 30 de abril de 1994, a emissora decidiu tirá-lo de sua grade.

Bibo Nunes trouxe informações sobre o programa “Borbulhantes da Pepsi”, por ele apresentado, no horário das 12h, na TV Bandeirantes, na década de 1980. Enfatizava músicas que eram lançadas pelas gravadoras na época, algumas com “clipes” produzidos especialmente para a televisão.

Retornando ao programa mais lembrado, o Portovisão, pode-se tratá-lo como semente de rememoração, lembrança viva de funcionários e ex-funcionários que se constituem como grupo de referência, do qual fizeram parte e com quem estabeleceram comunidade de pensamentos. Para funcionários, o grupo é ainda presença física, para os ex-funionários, é possível retornar a ela a partir das experiências comuns, que vitaliza imagens e por sua vez, lembranças (HALBWACHS, 1990).

Para além dos relatos orais dos colaboradores da pesquisa, outras fontes foram consultadas quando se percebeu também, o destaque dado ao Portovisão. Como exemplo, citam-se alguns Blogs (Portovisão, disponível em: <<http://portovisao10.blogspot.com.br/>>; <<http://difusoratv10.blogspot.com.br/>>; <<http://lealevalerosa.blogspot.com.br/2010/04/canaisde-tv-em-porto-alegre.html>>.) e trazem-se algumas imagens e textos ali veiculados.

Figura 28 – Recorte do Jornal do Comércio de 13/10/1976. Comemoração do segundo aniversário do Portovisão

NAL DO COMÉRCIO 13/10/76

TV DIFUSORA COMEMORA 2.º ANO DE PORTOVIÃO

PORTOVIÃO

No dia 10 de outubro o Programa PORTOVIÃO, do Canal 10, comemorou seu segundo aniversário com a solenidade de entrega de cardeas de prata às pessoas que contribuíram decisivamente para o sucesso do programa e para as melhores participações no decorrer do segundo Ano. A solenidade se constituiu num programa especial, ao vivo, com almoço a cargo da SOCPA, servido por Pedrinho. O programa foi ao ar com agradecimentos a Kenzo, Biju e Piero Tiziano pelo alto sentido de colaboração prestado à toda a equipe de Portovisão. Presentes todos os apresentadores e equipe de produção, oferecendo cardeas de prata às melhores entrevistas, conforme vemos alguns flagrantes abaixo.



Tania, segunda Tatata, a Rainha da TV



Frei Lucindo Biagi — Diretor Presidente da Difusora, entrega o cartão de prata ao Secretário de Turismo, Mário Ramos



O humor de Renato Pereira e a comunicação espontânea de Lauro Quadros



Clóvis foi o idealizador de Portovisão. Sérgio Delfim, faz a entrega do cartão de prata, na presença de Claro Gilberto.



Fogaça completou dois anos de apresentação e recebe cartão de prata das mãos do diretor de Portovisão.



Dona Ecléia Guazzelli recebe de Ronald Pinto — Diretor Superintendente da Difusora o reconhecimento por seus serviços comunitários.



Sérgio Schueller cumprimenta Dr. Suarez Callegaro por suas informações sobre psicologia.



Natalino recebe de Fernando Vieira um cartão de prata.



Tatata e o charme de Doris Chaves Barcelos.



Tania e Fernando Vieira, dois comunicadores de Portovisão.

Fonte: Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/-yQNT1ztEfcz/UyR49t3vtAI/AAAAAAAAABp0/4Uax1Swec1g/s1600/WP_20140305_028.jpg>. Acesso em: abril de 2015.

Figura 29 – Recorte de Jornal com grade do Portovisão, em 1979



Fonte: <<http://portovisao10.blogspot.com.br/2014/03/turma-do-portovisao.html>>. Acesso em: abril de 2015.

No Blog “O Século XX”, um comentário sobre postagem referente às primeiras imagens coloridas emitidas pela TV Difusora diz o que segue:

Boas lembranças essas. Também me lembro dessa vinheta Esse é mais um programa com as cores vivas do 10. Lembro também que vinha um leão dentro de uma "baratinha "(apelido dado aos carros de corrida)” e mostrava com a mão o leque e o número 10. Também demorei a assistir essas séries em cores, por que ter um aparelho desses era artigo de luxo na década de 70. Lembro que uma vez fui na casa de uma vizinha e a tevê tinha colorações rosa, azul e verde e perguntamos se era em cores. Na verdade era comum naquela época, comprar no Palácio dos Enfeites um plástico grosso nessas três cores que era colocado no tubo de imagem para parecer colorido. A tevê que tínhamos era uma Piloto adquirida em 1966, quando nasci, e tinha um transformador para controlar as quedas de luz em Canoas, onde até hoje moro. Enfim, eram coisas daquela época. Mas acredito que devemos viver cada tempo dentro do seu tempo. Não acredito que fosse melhor ou pior que hoje, apenas era uma outra realidade e outro momento histórico. Como na atualidade havia coisas boas e ruins. No entanto, acredito que a qualidade dos programas decaiu muito. **Sinto falta de um PORTO VISÃO por exemplo. Também das aberturas dos programas que eram mais longas e ouvíamos uma canção completa como VENTO NEGRO, sem a preocupação de apenas apresentar créditos para sobrar espaço comercial** (grifo do autor). (Disponível em: <http://oseculoxx.blogspot.com/2008/07/tv-difusora-canal-10-porto-alegre-as.html#ixzz3k1h8hvR8>). Acesso em: julho de 2015).

Na Fanpage Portovisão, mantida por Fabiano Golgo, estão postadas várias imagens do programa. Como exemplo, tem-se a Figura 30, a seguir.

Figura 30 – Recorte de jornal sobre o programa Portovisão



Fonte: Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/pages/Portovis%C3%A3o-por-FabianoGolgo/214027695463219>>. Acesso em: junho de 2015.

O alcance do Portovisão extrapola o grupo de pertencimento de funcionários e exfuncionários e se insere em um contexto social muito mais amplo, neste caso, na *web*, em redes de relacionamentos. As lembranças são continuamente reconhecidas (sentimento do já visto) e reconstruídas (inseridas em contexto atual, com destaque social).

[...] se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias [...] (HALBWACHS, 1990, p. 25).

A partir da pesquisa houve um trabalho de memória elaborado pelos colaboradores que tornaram presentes suas lembranças. A diferenciação destas (nem todos lembraram dos mesmos programas, ou com a mesma intensidade) vem com as temporalidades que são distintas tanto em termos coletivos quanto individuais. Cada recordação carrega sentidos diferentes para os membros de um grupo. Halbwachs (1990) afirma que o passado não é imutável quando se faz um trabalho de memória: está sempre sendo reconstruído e resignificado.

A partir das memórias dos funcionários e ex-funcionários foi possível escolher marcos temporais de referência para construir uma linha de tempo para a emissora (Ver Apêndice B).

6.3 Forma pela qual a emissora é lembrada pelos funcionários e ex-funcionários

É evidente nas entrevistas, a forma carinhosa com que os colaboradores referem-se à emissora e a colegas de profissão. Os relatos de como havia ligações afetivas entre os funcionários são frequentes. Nos primeiros tempos das TVs no Rio Grande do Sul, os recursos humanos para atividades nas emissoras eram escassos. A faculdade de jornalismo estava começando e o ofício da profissão era mais voltado para o trabalho em jornais. As emissoras estavam começando suas transmissões e, portanto, a produção do conteúdo também era um desafio. No caso da televisão, em função do aparato técnico, as equipes eram maiores. Atualmente, por exemplo, para as gravações de matérias externas, algumas emissoras disponibilizam apenas dois funcionários, incluindo o cinegrafista que também acumula a função de motorista. Dependendo da situação, é enviado para a cobertura de determinado fato, um único repórter, que também acumula a função de cinegrafista. Esse profissional é conhecido no mercado como “abelhinha”.

Há 40 anos a situação era outra. Uma equipe era composta de, pelo menos, cinco profissionais. Um repórter, um cinegrafista, um operador de áudio, um iluminador e um auxiliar técnico, além do motorista. Como a rotatividade de funcionários era menor, em função do mercado mais enxuto já citado, as equipes acabavam trabalhando por vários anos juntas, criando um vínculo de amizade e coleguismo muito grande. Percebe-se aí a existência de uma comunidade afetiva compartilhando lembranças e interpretações comuns de vida e de mundo.

Os depoimentos dos funcionários que trabalharam na TV Difusora desde os primeiros anos de transmissões da emissora vêm carregados de sentimentos de pertencimento e satisfação. Aqueles profissionais participaram de programas com formatos ainda não testados na época e eram reconhecidos pelas suas competências e habilidades. Ao reconstituir o passado pessoal, o grupo de trabalho é uma expressão de quadro social em cuja base existe um fundo comum de memória. Perpassam noções de tradição, de percurso comum, de integração, de regras e costumes independentes dos indivíduos, que já estavam ali quando chegaram à emissora. Neste sentido, os Freis Capuchinhos aparecem como marcos de referência. A partir de sua agregação ao grupo, ao mesmo tempo em que lhe imprimem o novo, são atravessados pelo seu poder unificador e pelas memórias. Em termos de memória

institucional, funcionários e ex-funcionários dão visibilidade a algumas características da emissora, tangenciando ou silenciando sobre constrangimentos (momentos de demissão, más condições de trabalho, conflitos, etc.).

Neste caso, busca-se explicar este procedimento a partir do conceito de face de Goffman (1970). Este autor explica que aquele a ocupar o lugar de falante em uma interação verbal, tem consciência de sua vulnerabilidade, portanto, monitora sua fala, assim como a do seu interlocutor. Desta forma, ainda que precariamente, busca manter um equilíbrio durante uma entrevista, por exemplo, resguardando a si mesmo e a seus interlocutores. O que é considerado negativo tende a ser ocultado e os traços positivos são potencializados, fortalecendo uma autoimagem pública que Goffman (1970) denominou de face e

pode definir-se o termo face como o valor social positivo que uma pessoa reclama efetivamente para si por meio da linha que os outros supõem que ela seguiu durante determinado contato. A face é a imagem da pessoa delineada em termos de atributos sociais aprovados, ainda que se trate de uma imagem que outros podem compartilhar, como quando uma pessoa enaltece sua profissão ou sua religião graças a seus próprios méritos (Goffman, 1970, p. 13).

Nos depoimentos dos colaboradores, percebem-se em diferentes momentos, processos de negociação de imagem, no gerenciamento de testemunhos, procurando formas de dizer que não venham a comprometer relações. Como exemplo, tem-se o relato sobre demissões quando da compra da TV Difusora pela TVS Bandeirantes, quando Tania Carvalho, habilmente, conta o episódio, sem potencializar o momento conflitante que ela e aqueles funcionários estavam vivendo. O poder de demitir estava nas mãos de alguém com uma lista nas mãos, que passava pelos corredores chamando os que seriam dispensados. No relato, a comunicadora retoma o controle daquela situação, quando informa que até hoje aquele personagem lhe pede desculpas.

7 DOCUMENTÁRIO: “DA TV DIFUSORA À TV BANDEIRANTES RS”

Segundo Teixeira (2006), a expressão “documentário” começou a ser usada com mais frequência como formato de filme para o cinema nas décadas de 1920 e 1930, mais precisamente na Inglaterra. O termo “traz as marcas de sua significação, surgida na segunda metade do século XX no campo das ciências humanas, para designar um conjunto de documentos com a consistência de “prova” a respeito de uma época” (TEIXEIRA, 2006, p. 251). Desse modo, segundo o autor, o documentário se torna uma espécie de documento sobre um determinado assunto provando que aquele conteúdo que foi registrado realmente existiu.

Penafria (1999) alega que para uma produção se tornar um documentário é necessário que ela seja gravado, em sua totalidade ou de maneira parcial, no local que os fatos ocorreram (PENAFRIA, 1999).

Por outro lado, o documentarista garante a unidade do documentário pela relação próxima que estabelece com a temática que aborda, pela definição do ponto de vista que deve percorrer a produção do documentário e refletir-se no mesmo; e, finalmente, pela criatividade que deve ser um seu atributo, em especial no que respeita às escolhas realizadas relativamente à sucessão das imagens e dos sons, seja através do corte da montagem (PENAFRIA, 1999, p. 2).

Em ambos os conceitos, tem-se o documentário como um instrumento de referência sobre um determinado tema. De qualquer modo, o gênero documentário tem ao longo dos anos cumprido uma função de registrar imagens e sons sobre determinado assunto de uma maneira não necessariamente organizada, mas que sempre vai ter na sua construção, o ponto de vista do autor do filme.

Segundo Nichols (2005) os formatos de documentários existem para que quem assista perceba as diferentes formas de construção das imagens, mas que não são excludentes: elas podem aparecer no mesmo filme de acordo com o estilo de quem vai produzi-lo. Este autor explica que o modo poético segue os ideais modernistas de representação da realidade através da fragmentação. Assim, não há preocupação com montagem linear, argumentação, localização no tempo e espaço ou apresentação aprofundada de atores sociais. “Esta forma utiliza o mundo histórico como matéria prima para dar uma integridade formal e estética ao filme” (NICHOLS, 2005, p. 141).

O modo expositivo é um dos mais difundidos e o que o público mais reconhece como documentário, devido ao uso constante de seus elementos em noticiários de TV. Neste modo, os fragmentos do mundo histórico são concatenados numa estrutura mais retórica e

argumentativa. A perspectiva do filme é dada pelo comentário feito em voz *off* e as imagens limitam-se a confirmar a argumentação narrada (NICHOLS, 2005).

O modo investigativo ganha força com câmeras portáteis e propõe mostrar, parafraseando Nelson Rodrigues, *a vida como ela é*. Em outras palavras, o diretor busca captar os acontecimentos sem interferir no seu processo. A falta de legendas e de narrador justifica-se para que o público veja o que está acontecendo, e não a interpretação do cineasta sobre o fato (NICHOLS, 2005).

O modo participativo coloca o cineasta no filme, ou seja, sua participação e conscientização de sua interferência na realidade dos atores sociais, pois também se torna um ator social ficam evidentes para o público. Com isto, o ponto de vista do produtor fica mais evidente. O uso de entrevistas dá variedade aos assuntos (NICHOLS, 2005).

O modo reflexivo preocupa-se com o processo de negociação entre cineasta e espectador, indagando as responsabilidades e consequências da produção do documentário para cineasta, atores sociais e públicos. Desta forma, “o lema segundo o qual um documentário só é bom quando é convincente é o que o modo reflexivo do documentário questiona” (NICHOLS, 2005, p. 163).

O modo performático também levanta questões sobre o que é conhecimento, porém a subjetividade tem peso maior do que a construção de argumento lógico e linear. A combinação do real com o imaginário de acordo com a complexidade emocional do cineasta torna muitas vezes o documentário autobiográfico e paradoxal, visto que “os documentários recentes tentam representar uma subjetividade social que une o geral ao particular, o individual ao coletivo e o político ao pessoal” (NICHOLS, 2005, p. 171).

Nesse sentido, fica claro que, quem vai produzir um determinado material, como no caso deste trabalho, irá colocar uma marca pessoal. Isso significa que, independente do assunto, o produtor sempre deixará seu posicionamento na descrição de determinados fatos, seja na elaboração de um texto, ou na escolha das imagens que serão usadas na hora da edição. Vale ressaltar, que os termos “audiovisual” e “documentário” sempre foram de complexa definição. Ao longo de décadas, vários autores tentaram dar a essas expressões uma definição clara, mas os debates jamais resultaram em qualquer tipo de consenso. (PENAFRIA, 1999). Na tentativa, por exemplo, de encontrar elementos que possam dar uma identidade para o documentário e diferenciá-lo do filme de ficção, a autora define que, historicamente, o termo documentário foi associado à ideia de documento. A autora, ao afirmar que documentário são filmes de não ficção, também diferencia documentário de

outras produções não ficcionais: Penafria (1999), ao analisar o ponto de vista no documentário, explica que é uma obra pessoal.

O documentarista não deve ser visto apenas como um meio para transmitir determinada realidade, pois a partir do momento em que decide fazer um documentário já constitui uma intervenção na realidade. É pelo fato de escolher e desempenhar o seu ponto de vista sobre determinado assunto que faz com que um documentário nunca seja uma simples reprodução do mundo. É impraticável ao documentarista apagar-se como sujeito histórico. O que ele faz é apresentar um ponto de vista sobre o mundo e, tão importante quanto, mostrar o que sempre esteve presente naquilo para onde olhamos, mas que nunca vimos. Ele também organiza vários elementos: entrevistas, imagens gravadas in loco, som ambiente, trilha sonora, imagens de arquivo, reconstruções, etc. A sucessão de imagens pede uma interpretação por parte do documentarista mediante escolha de técnicas de edição. Mesmo quando a interpretação do documentarista se camufla por trás de convenções, o que se torna claro é que essa sua escolha resulta da persuasão de que a mesma merece (PENAFRIA, 1999).

As novas tecnologias também criaram uma nova realidade no sentido da produção de material audiovisual, seja para fins profissionais ou amadores, nos mais diferentes formatos incluindo a realização de um documentário. “Um exemplo marcante foi o aparecimento das câmaras de filmar portáteis. Esse novo equipamento tornou possível que o documentarista filmasse os acontecimentos ao mesmo tempo em que eles aconteciam” (PENAFRIA, 1999, p. 3). Agora, um simples telefone celular também é uma câmera digital o que facilita a captura e produção de imagens e sons. Os registros que estão sendo cada vez mais usados em televisão principalmente nos telejornais, mesmo que às vezes sem muita qualidade técnica também podem ser úteis na hora da realização de um documentário, o que acaba criando uma grande possibilidade de produções também amadoras do gênero.

A partir desses pressupostos, junto ao texto acadêmico escrito, no formato de relatório, desenvolveu-se um documentário, que levou em conta conceitos da área da comunicação e um método de escrita - a historiomidiografia -, que concilia linguagem imagética, sonora e verbal. Oliveira (2010), autor dessa linguagem, a justifica tendo em vista a necessidade de atingir o ensino em seus diferentes níveis (básico e superior), utilizando uma cultura digital que integra elementos da indústria do entretenimento como shows, canais de TV, iPods, Histórias em quadrinhos, cibercafés, clipes musicais e lan houses. “O método historiomidiográfico defende a possibilidade de abordar qualquer tema histórico escrevendo simultaneamente por palavras, imagens e sons” (OLIVEIRA, 2010, p. 5).

Oliveira (2010) discute como o método pode utilizar recursos como programas de computação gráfica, celulares com câmeras digitais, máquinas fotográficas digitais, edição de páginas web e de áudio, editores de texto, entre outros, para produzir uma “escrita”, ao mesmo tempo verbal, visual e sonora. Este autor tem consciência de que já existem diferentes experiências com o uso de imagens, sons e texto em produções que são utilizadas como recursos em sala de aula. No entanto, é quase inexistente a escrita de um trabalho acadêmico nesta linguagem e nem se tem, ainda, um estudo no qual se analise tal forma de “escrita” como historiográfica.

Os mestrados profissionais ampliaram¹⁰ a concepção de trabalho final, para além da dissertação, possibilitando outras formas da sua apresentação, entre elas, a forma audiovisual. Oliveira (2010, p. 7) compreende que a metodologia historiomiográfica abre a possibilidade de “[...] desenvolver ‘novas formas de alfabetismo’ que exigirão repensar o conceito de produção de conhecimento”.

Assim, os investigadores terão de conhecer e entender as imagens, os sons e os artefatos associados a seus temas de pesquisa (para o qual deverão, por exemplo, ver programas de televisão, escutar gravações e visitar museus). O conceito de bibliografia, intimamente relacionado ao de pesquisa, se estenderá a todas as formas de conhecimento e não só ao conhecimento escrito ou alfabético (RADA, apud OLIVEIRA, 2010, p. 7-8).

O texto elaborado a partir deste método abre-se a diferentes leituras pelo usuário, já que engloba animações, intervenções com computação gráfica, mixagens musicais, hiperlinks, entre outros.

Assim, o documentário, produto deste trabalho, foi realizado utilizando como técnica de gravação apenas a iluminação ambiente e um aparelho de telefone celular equipado com uma câmera na parte posterior frontal com uma lente F1.9 e sensores de resolução de 16MP, com sistemas Auto Real-time High Dynamic Range (HDR), Smart Optical Image Stabilization (OIS) e IR Detect White Balance, que oferecem sensibilidade avançada à luz e soluções para câmera mais nítidas. A captação de áudio foi feita com um fone de ouvido, com microfone especial para celular, com cabo de 1,2m e frequência de 5-40.000Hz. Para estabilizar as imagens durante as gravações, o pesquisador utilizou um extensor de 1m acoplado ao aparelho celular. As imagens foram editadas pelo jornalista e editor de imagens, Gilson Crippa, que utilizou o programa de edição, não linear, “Final Cut”, para obter um maior ganho no volume de áudio e na iluminação das imagens. Foram usadas para produzir

¹⁰ POTARIA NORMATIVA No - 17, de 28 de dezembro de 2009. Dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

esse documentário cerca de sete horas de imagens brutas, o que consumiu cerca de dez horas de trabalho dentro da ilha de edição.

A produção partiu das sete entrevistas nas quais cada colaborador fala da sua trajetória pessoal na emissora, principalmente, quando a BAND RS, era ainda TV Difusora. As entrevistas foram “cobertas” com imagens dos programas e cenas referentes da época descrita. As imagens foram recuperadas do próprio arquivo de fitas da BAND RS. As entrevistas foram gravadas nas dependências da emissora ou na residência dos colaboradores. Os materiais impressos, que os colaboradores haviam guardado, como recortes de jornal, panfletos ou fotos foram usados para ilustrar as entrevistas.

Embora tenha como característica transformar as narrativas dos colaboradores em um produto cinematográfico, não deixa de ser poético e subjetivo, carregando a marca de seu autor. Em outras palavras, apesar de ser uma produção em equipe, o documentário é de autoria do seu idealizador.

Esse material gravado em sistema digital teve a edição do autor desta pesquisa e depois passou por uma pós-produção para finalizar o produto final. O pesquisador entendeu como relevantes, os trechos das entrevistas que tenham material nos arquivos da BAND RS (imagens) ou em arquivos pessoais, como jornais, fotos e panfletos. Também foram considerados relevantes, os trechos das entrevistas citados por mais de um entrevistado, evidenciando que tal lembrança foi relevante para o grupo. Seu roteiro é explicitado a seguir.

7.1 O Roteiro

Um roteiro é o ponto de partida para qualquer produção audiovisual, seja um programa de televisão ou um filme para o cinema. No caso deste documentário, temos um roteiro voltado para o sistema de programas de televisão. Ele consiste em uma lauda dividida ao meio. No lado esquerdo temos as indicações de áudio e o que vai ser escrito na tela. Chamamos isso na linguagem de televisão de GC (gerador de caracteres). Já no lado direito, temos as indicações do que vai aparecer no vídeo propriamente dito. No caso do documentário, produto final deste trabalho, o roteiro foi produzido de acordo com os objetivos da pesquisa. O roteiro foi organizado de forma a que os entrevistados narrassem uma história, seguindo uma linha de relatos intercalados entre si.

Quadro 7 – Roteiro de entrevistas

ÁUDIO	VÍDEO
Trilha em BG (Fade out)	Documentário apresentado à banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, Como requisito para obtenção do título de Mestre Em Memória Social e Bens Culturais
Trilha em BG	Orientação: Prof ^a . Dr ^a . Cleusa Graebin Co-orientação: Prof ^a . Dr ^a . Ana Coiro
Trilha em BG	Da TV DIFUSORA À TV BANDEIRANTES: UM PROJETO DE EMPREENDIMENTO DE MEMÓRIA SOCIAL
Trilha em BG	A antiga TV Difusora, atual TV Bandeirantes, surgiu, em Porto Alegre, em 1961, e começou inusitadamente por um projeto feito pelos freis capuchinhos que, instalados no Morro Santo Antônio, na Capital, obtiveram a concessão do canal 10 junto ao Ministério das Comunicações.
Trilha em BG	Entretanto, a emissora só entrou no ar, em 10 de outubro de 1969. Mais tarde, em 30 de junho de 1980, a Difusora foi adquirida pela Rede Bandeirantes, pertencente à família Saad. A partir daí, a então TV Difusora passou a se chamar TV Bandeirantes.
Trilha em BG (Fade in)	
Sonora frei Osébio Borguetti (DI) (01:04) “Ela foi inaugurada em... (DF) (01:21)”...rádio do interior.”	Frei Osébio Borguetti GC.: diretor da TV Difusora na década de 1970
Sonora Rameci Maia (DI) (01:22)”Primeira TV à cores...” (DF)(01:48)”...eu comecei a aprender.”	Rameci Maia GC.: cinegrafista
Sonora Tania Carvalho (DI) (01:49)“Eu estava no Jornal do Almoço...” (DF) (02:28)”...ao redor de nós”	Tania Carvalho GC.: jornalista
Sonora Leonardo Meneghetti (DI) (02:29)”Eu comecei...” (DF)(02:55)...direção Geral.”	Leonardo Meneghetti GC.: diretor Geral Band/RS
Sonora José Fogaça (DI)(02:56)”Havia uma liberdade...” (DF)(03:22)”...dos anos 70.”	José Fogaça GC.: Comunicador
Sonora Leonardo Meneghetti (DI)(03:23)”Nos anos 70...” (DF)(04:30)”...no final dos anos 90.”	Leonardo Meneghetti

Sonora Osébio Borgueti (DI)(04:31)"A televisão..." (DF)(05:08)"...o debate esquentava."	Osébio Borgueti
Sonora Bibo Nunes (DI)(05:09)"Eu era secretário..." (DF)(06:07)"...vem pra cá."	Bibo Nunes GC.: comunicador
Sonora Osébio Borgueti (DI)(06:08)"Uma programação em preto e branco..." (DF)(06:59)"...da televisão colorida."	Osébio Borgueti
Sonora Sérgio Giugno (DI)(07:00)"Ninguém sabia o que era tv colorida..." (DF)(07:37)"...todo o equipamento novo."	Sérgio Giugno GC.: diretor de operações
Sonora Osébio Borgueti (DI)(07:38)"E o Cirilo Matiello..." (DF)(08:27)"...da Festa da Uva."	Osébio Borgueti
Sonora Sérgio Giugno (DI)(08:28)"E nós fomos pra Caxias do Sul..." (DF)(09:00)"...gerada no Brasil."	Sérgio Giugno
Sonora Rameci Maia (DI)(08:29)"O Daudt, Renato Pereira..." (DF)(09:51)"...puxar para o cor de rosa."	Rameci Maia
Sonora Bibo Nunes (DI)(09:52)"Larguei tudo e vim pra Porto Alegre..." Sobe som: (10:34) "Clube do Bolinha" (DF)(11:25)"...o que você espera e gosta..."	Bibo Nunes Imagens: "Clube do Bolinha."
Sonora José Fogaça (DI)(11:26)"Minha amiga Tania Carvalho..." (DF)(12:43)"...uma audiência muito boa."	José Fogaça
Sonora Tania Carvalho (DI)(12:44)"Tudo ao vivo..." (DF)(13:19)"...não fazia televisão no Rio Grande do Sul."	Tania Carvalho
Sonora Osébio Borgueti (DI)(13:20)"O Portovisão foi uma decisão tomada em 1974..." (DF)(14:00)"...tinha tudo."	Osébio Borgueti
Sonora José Fogaça	

(DI)(14:01) "Espontaneidade muito grande..." (DF)(14:36) "...havia muita liberdade."	José Fogaça
Sonora Sérgio Giugno (DI)(14:37) "A Difusora tinha..." (DF)(17:07) "...aí virou moda."	Sérgio Giugno
Sonora Osébio Borguetti (DI)(17:08) "A missa..." (DF)(17:38) "...Repercutiu muito."	Osébio Borguetti
Sonora Sérgio Giugno (DI)(17:39) "Hoje em dia não se admite..." (DF)(19:06) "...criatividade."	Sérgio Giugno
Sonora Bibó Nunes (DI)(19:07) "Eu fiquei..." (DF)(19:31) "...em Porto Alegre"	Bibo Nunes
Sonora Osébio Borguetti (DI)(19:32) "A televisão avançava no país..." (DF)(22:42) "...emissoras de rádio."	Osébio Borguetti
Sonora Leonardo Meneghetti (DI)(22:43) "Eu acho que a..." (DF)(23:04) "...aqui no Grupo."	Leonardo Meneghetti

Fonte: Autoria Própria, 2015.

Observação: Todo o vídeo tem uma trilha em BG e é coberto na sua maioria por imagens de arquivos dos entrevistados e da BAND RS, além de recortes de jornais.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir memórias sobre a TV Difusora/BAND RS a partir de relatos de funcionários e ex-funcionários que trabalharam na emissora durante o período de 1969 a 2010, foi a motivação deste trabalho. Isso possibilitou interagir com comunicadores, técnicos e gestores com destaque no universo das emissoras de TV no Rio Grande do Sul.

Iniciou-se o que se chamou de empreendimento em memória social, buscando estudos sobre a TV no Brasil e no Rio Grande do Sul, quando se verificou algumas convergências: o pioneirismo de Assis Chateaubriand para a concretização da instalação da televisão no país, com o funcionamento da TV Tupi, com primeira transmissão em 18 de setembro de 1950; os improvisos iniciais; os saberes construídos a partir das experiências com o rádio, transferidos para a organização de grades de programação para a TV; o paulatino afastamento da TV de sua base, o rádio, para assumir identidade, tecnologias e conteúdo próprio; a trajetória da programação local até atingir contornos mais amplos, para atingir os telespectadores de qualquer parte do Brasil; a consolidação como veículo de comunicação a partir de 1969, com as transmissões via satélite.

Quanto à operação de canais de TV no Rio Grande do Sul, também estes, nos seus primeiros anos, se inspiraram no rádio de onde vieram profissionais, os conteúdos e linguagens para a criação de programas. Uma constatação: as emissoras de TV no estado tiveram na programação local, o seu foco para disputa de audiência durante certo tempo, mas tendo que curvar-se, nos anos 1980, à lógica das redes nacionais de televisão, quando a maior parte da programação local cedeu espaço para outros produtos de alcance nacional.

A TV Difusora (depois BAND RS) começou a operar em 1969, embora, desde 1961, os Freis Capuchinhos, concessionários do canal, já tivessem licença para tal. A emissora dedicou-se a uma programação diferenciada das demais concorrentes, TV Piratini e TV Gaúcha o que potencializou a sua presença no Rio Grande do Sul. Nos anos 1980, a emissora foi incorporada pela BAND RS, encerrando um ciclo de programação voltada quase que exclusivamente para as questões locais. No entanto, a partir das obras bibliográficas consultadas, fruto de pesquisas realizadas por diferentes autores e em redes sociais (blogs e facebook) perceberam-se memórias fortes de programas veiculados pela TV Difusora como o Portovisão e o Câmera 10, entre outros.

Em se tratando de referencial teórico, constatou-se, apoiando-se em Halbwachs (1990), que quanto mais os colaboradores estavam próximos, determinadas lembranças foram reiteradas nas suas narrativas. As diferenças individuais que surgiram, implicam na trajetória

de vida de cada um ao longo do tempo e por não terem participado diretamente de vivências e experiências significativas em termos coletivos. Lembranças não são controladas pelos indivíduos; a constituição de memórias é realizada por indivíduos em interação. Para chegar aos resultados, foi preciso um trabalho de memória feito pelos colaboradores e pelo pesquisador, o que levou à constatação de que não existe memória espontânea e não se têm livre acesso ao passado: sua reconstrução envolve tensões, conflitos, disputas e, até mesmo, manipulações.

Quanto à memória institucional da TV Difusora/BAND RS, as informações produzidas ao longo de sua trajetória precisam ser devidamente tratadas, passando por organização e catalogação, a fim de que possam cumprir seu papel na construção da memória da empresa. A emissora é reconhecida, mas um bom programa de memória institucional dar-lhe-ia visibilidade ainda maior.

A metodologia foi adequada para realizar os procedimentos de pesquisa. Conseguisse, a partir da História Oral realizar entrevistas com sete colaboradores (3 funcionários e 4 ex-funcionários da TV Difusora/BAND RS) que trouxeram experiências e vivências das quais não se tinha registro, mostrando a importância do testemunho oral, dando-lhes lugar na história da TV no Rio Grande do Sul. Quanto a outras fontes em relação à TV Difusora, verificou-se sua escassez e precariedade de arquivos. Quanto a matérias na mídia impressa, o Jornal do Comércio foi o espaço onde a programação da TV Difusora era publicada, o que trouxe imagens utilizadas para ilustrar o trabalho. Outro espaço promissor foi o das redes sociais (*blogs, facebook, youtube*) nos quais estão reunidas as matérias veiculadas no Jornal do Comércio, contribuindo com informações sobre as grades de programação da emissora, por exemplo.

Quanto ao objetivo geral da pesquisa, acredita-se que o mesmo foi alcançado, pois se construiu memórias sobre a emissora, por meio de relatos de funcionários e ex-funcionários que ali trabalharam durante o período de 1969 a 2010. Quanto aos objetivos específicos, identificou-se que, entre os fatos narrados pelos colaboradores, destacaram-se os que seguem: primeira emissora no Brasil a operar em cores; audiência ameaçava as concorrentes; inovação na grade de programação; criatividade. Em relação aos produtos (reportagens, programas, vinhetas, bordões e outros) lembrados, o programa Portovisão foi o mais citado, com comentários sobre os comunicadores, as relações afetivas entre os mesmos e sobre os assuntos polêmicos que trazia, em plena vigência da ditadura militar e a censura do governo sobre as emissoras de TV. A Difusora é lembrada de forma afetuosa pelos colaboradores, até mesmo nas situações constrangedoras, como o momento de demissão quando da sua compra pela

BAND RS. As condições de trabalho, no início da emissora, embora com tecnologia precária, foram entendidas como escola da profissão, bem como alguns colaboradores colocaram testemunhos de como eram reconhecidos, tanto no meio televisivo, quanto junto ao público. Por meio de leitura dos não ditos e aquilo que é tangenciado, percebeu-se, em alguns momentos, desconforto quanto à composição das equipes de trabalho e quanto ao que a tecnologia se sobrepõe à criatividade, quando um colaborador relata ser entendido agora, apenas, como “apertador de botão”.

Em geral, percebeu-se uma afetividade romantizada dos colaboradores, em relação ao passado na emissora; a tecnologia se contrapõe aos sacrifícios e à criatividade para o imprevisto. Há um ufanismo em relação a outros tempos, desvelado por expressões laudatórias, por relatos de enfrentamento de dificuldades e de como resolveram situações difíceis com estratégias e ações realizadas coletivamente. Embora os colaboradores expressem saudades de seus primeiros anos na emissora, isso, como coloca Tedesco, não pode “[...] ser interpretado como mera nostalgia [...] São camadas múltiplas de tempo e espaço que supõem significados e valores culturais em conflito [...]” (2004, p. 292).

A pesquisa deu conta dos problemas inicialmente propostos, ampliou a compreensão sobre os mesmos, mas suscitou outros questionamentos, como por exemplo: Por que os freis capuchinhos acabaram passando a televisão Difusora para um grupo de fora do Estado (TV Bandeirantes) e não para empresários sul-rio-grandenses como aconteceu com outras emissoras da época? Por que, os próprios diretores da época, que comercializavam e coordenavam as operações técnicas, como as primeiras transmissões em cores e a venda dos espaços publicitários, não assumiram a TV Difusora? Sendo a TV Difusora, a primeira emissora brasileira a transmitir a cores, e com isso alcançar os maiores índices de público da época, pela qualidade pioneira de imagens, por que não conseguiu manter a audiência nos anos seguintes? E por fim, por que a TV Difusora, deixou de investir na programação com conteúdo local, já que foi uma das pioneiras nesse sentido, e acabou sucumbindo à imposição das grandes redes de televisão? Para finalizar, acredita-se que a partir desta pesquisa, outros temas poderão ser trabalhados, como, por exemplo, a criatividade e espontaneidade do programa Portovisão na década de 1970, amplamente citado neste trabalho, e que se faz novamente uma tendência extremamente atual da televisão brasileira. Hoje (ano de 2015) tem-se programas da Rede Globo, maior emissora do país, nos quais apresentadores tem à disposição vários convidados dentro do mesmo estúdio, onde “passeiam” entre os entrevistados, à medida que vão mostrando os assuntos — justamente o que acontecia na TV

Difusora há quase 50 anos. Quando veríamos um apresentador do sisudo Jornal Nacional, telejornal que se consagrou nas décadas de 1970, 1980 e 1990 (seguindo o padrão norteamericano de bancada engessado), levantar da cadeira ao final do programa e sair caminhando para fora do estúdio, numa atitude de mostrar uma certa “espontaneidade” para o público?. Ainda, seria interessante aprofundar o tema de programas independentes, onde os espaços são comprados nas emissoras, e produzidos por inteira responsabilidade do produtor, contra programas prontos das grandes emissoras, nos quais os apresentadores, produtores e técnicos são funcionários. Também, pretende-se na continuidade dos estudos, aprofundar uma pesquisa sobre a força da televisão por assinatura, também conhecida como TV fechada, transmitida por cabo, ou antena parabólica, e que vem ganhando espaço a cada ano.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. História oral na Alemanha: semelhanças e dessemelhanças na constituição de um mesmo campo. **XX Encontro Anual da Associação Nacional de PósGraduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS)**, realizado de 22 a 26 de outubro de 1996, em Caxambu (MG). Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6811>>. Acesso em: abril de 2013.

_____. **Manual de história oral**. 2. ed. Ver. e atual. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

_____. **Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. 11f. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1505.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2010.

ALMEIDA, Mauro Lauria de. **A General View of The Development of the Mass Media and Advertising in Brazil**. Austin, Texas, EUA: The University of Texas, 1968 (Tese de mestrado).

_____. **A Comunicação de Massa no Brasil**. Belo Horizonte, MG.: Edições Júpiter, 1971.

ALVES, Fábio Lopes, GUARNIERI, Ivanor Luiz. A utilização da imprensa escrita para a escrita da História: diálogos contemporâneos. **Revista brasileira de ensino de jornalismo**. Brasília: vol.1, nº 2, p. 30-53, ago./nov. 2007.

AMORIM, Edgar de. **História da Televisão Brasileira** [recurso eletrônico] - São Paulo: Centro Cultural de São Paulo, 2007. 123 p. em PDF – **Cadernos de pesquisa**; v 11. Disponível em: <<http://www.centrocultural.sp.gov.br/cadernos/lightbox/lightbox/pdfs/Historia%20da%20TV%20brasileira.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2014.

BARBOSA, A. A.. **A memória institucional como possibilidade de comunicação: o caso Exército Brasileiro**. 2010. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/Vmostra/V_MOSTRA_PDF/Comunicacao_Social/83955-ANDREIA_ARRUDA_BARBOSA.pdf>. Acesso em: janeiro de 2015.

BARBOSA, Marialva Carlos. Memória e História: as minisséries como restos do passado. FERNANDES, Marcio et al. (org.). **Fatos do passado na mídia do presente: rastros históricos e restos memoráveis**. São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/8f069e78e6bb470cb1ad9ca1718a6cb7.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2013.

BORELLI, Silvia Helena S. **Memória e temporalidade: diálogo entre Walter Benjamin e Henri Bergson**. São Paulo: EDUC, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

COURTÉS, J. Semiotica. **Diccionario razonado de la teoria de language II**. Trad. Enrique Ballún Aguirre. Madrid: Gredos, 1991.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma introdução à história**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória Institucional: a reconstrução conceitual numa abordagem teórica-metodológica**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <<http://tede-dep.ibict.br/bitstream/tde/39/1/icleiacosta1997.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2015.

DELGADO, L. A, N. **História oral: memória, tempo, identidades**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DICIO – Dicionário online de português. **Fugacidade**. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/fugacidade/>>. Acesso em: 01 set. 2015.

ERNESTO, A. K. Martins. **Ver, Lembrar e Narrar: A conformação das memórias sobre a Ditadura Militar na recepção assistida do audiovisual**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2013. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/verdade/rn/combatentes/mery/textos/ana_karoliny_ver_lembrar_narrar.pdf>. Acesso em: janeiro de 2015.

FINGER, Cristiane. Os 50 anos de história da televisão no Rio Grande do Sul. **Revista Universitária do Audiovisual**, v. 1, p. 1-5, 2009. Disponível em: <<http://www.rua.ufscar.br/site/?p=2506>>. Acesso em: 09 de Julho de 2014.

FINGER, C. A Banalização da Violência no Telejornalismo Gaúcho. Trabalho apresentado no GP – Telejornalismo. **IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa da Intercom**, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-3100-1.pdf>>. Acesso em: 09 de Julho de 2014.

FONTANELLI, Silvana Aparecida. **Centro de memória e ciência da informação: uma interação necessária**. 2005. 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/Fontanelli-Memoria.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2014.

FUNDAÇÃO CULTURAL PIRATINI – Rádio e Televisão. **No ar um projeto em construção: uma contribuição à memória TVE e FM Cultura**. Porto Alegre: 2002.

GOFFMAN, E. **Ritual de la interacción**. Buenos Aires: Tiempo Contemporâneo, 1970.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

KILPP, Suzana. **História da televisão no Rio Grande do Sul - apontamentos sobre a invenção do passado**. S/d. Disponível em: <http://www.suzanakilpp.com.br/artigos/Historia_da_Televisao_no_Rio_Grande_do_Sul.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2014

_____. **Apontamentos para uma história da televisão no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: UNISINOS, 2000.

LOPEZ, Immaculada. **Memória social**: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local. 1. ed. - São Paulo: Museu da Pessoa: Senac São Paulo, 2008.

LUCCA, Tania Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-153.

MAIA, Paulo Roberto de Azevedo. **Abertura**: televisão e a luta pela democracia no Brasil (1979-1980). Tese de Doutorado em História. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014.

Disponível em <<http://www.repositorio.uff.br/jspui/bitstream/1/315/1/Maia,%20Paulo%20Roberto-Tese-2014.pdf>>. Acesso em 12 jul.2015.

MARQUES DE MELO, José. "**O Complexo Brasileiro de Televisão**". Tecnologia Educacional, 29, Rio de Janeiro, 1979.

MATTOS, Sérgio. **Um Perfil da TV Brasileira (40 anos de história: 1950-1990)**. Editado pelo Capítulo Bahia da Associação Brasileira de Agências de Propaganda e Empresa Editora A Tarde S/A. Bahia, 1990.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.). **(Re)Introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. **Manual de História Oral**. Loyola, São Paulo, 1996.

_____. **Manual da História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

_____. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. 2012, vol.17, n.3, p. 621-626. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000300007>.

Acesso em: 12 jul. 2015.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus Editora, 2005.

OLIVEIRA. Genaro Vilanova Miranda de. Quantas grafias compõem a historiografia? Multimídia e novas linguagens em História. **História em Reflexão**: Vol. 4 n. 8 – UFGD - Dourados jul/dez 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewFile/940/596>>. Acesso em agosto/2014.

PAULINO, Roseli A. Fígaro. Comunicação, Mundo do Trabalho e Subjetividade. **EPTIC - Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação**. Volume III, Número 3, set. a dec. 2001. São Paulo, p. 21-29.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário**: história, identidade, tecnologia. Lisboa: Cosmos, 1999.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História**, São Paulo, n. 14, 1997.

POTARIA NORMATIVA nº - 17, de 28 de dezembro de 2009. Dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. **Diário Oficial da União** nº 248 (terça-feira) – Seção 1 – Pág. 20. Disponível em: <<http://www.unb.br/administracao/decanatos/dpp/legislacao/Portaria%20Normativa%20MEC%2017%20-%20mestrado%20profissional.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2015.

REIS, Sérgio Puggina. **O Backstage da Televisão no Rio Grande do Sul**. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4410>. Acesso em: janeiro de 2015.

RIBEIRO, Antônio Marcos de Almeida. História oral brasileira: trajetória e perspectivas. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, Ano 3, Número 6, dez/2011, Universidade Federal de Goiás Disponível em <<https://revistadeteoria.historia.ufg.br/up/114/o/Artigo%206,%20RIBEIRO.pdf?1325192696>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **Introdução televisão e história**. 2010. Disponível em: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/68774370049/Meus%20documentos/Downloads/historia_da_televis_o_no_brasil_introduc_o.pdf>. Acesso em: dezembro de 2014

RÜDIGER, F. Comunicação e indústria cultural: a fortuna da teoria crítica nos estudos de mídia brasileiros. **Revista Intercom**. São Paulo. Volume XXI, Número 1. Página 13-25. Julho/ Dezembro 1998. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewArticle/968>>. Acesso em: dezembro de 2014.

RUEDA, V. M. da Silva; FREITAS, Aline; VALLS, V. Martins. **Memória Institucional, uma revisão de literatura**. CRB - 8 Digital, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 78-89, abr. 2011.

SCHIRMER, Laura. **RBS: Da Voz-do-Poste à Multimídia**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SIMÕES, Denis Gerson. **O contexto da implantação da televisão no Rio Grande do Sul e a digitalização do meio**: uma visão político-econômica de dois momentos da história das mídias televisivas no RS. Monografia de Conclusão do Curso de História da UFRGS, s/d. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/36992/000819026.pdf?sequence=1>>. Acesso em: julho/2014.

SIMÕES, Inimá Ferreira; DA COSTA, Alcir Henrique; KEHL, Maria Rita. **Um país no ar**: história da TV brasileira em três canais. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SIMÕES, Inimá Ferreira. **A nossa TV brasileira**. São Paulo: SENAC, 2004.

STRELOW, Aline. A Televisão chega ao Rio Grande do Sul: Breve Histórico da TV Piratini.

In: **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3329-1.pdf>>. Acesso em: dezembro de 2014.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória**: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. Documentário Moderno. In: Mascarello, Fernando (org.). **História do Cinema Mundial**. Campinas, Papyrus Editora, 2006.

TOSTES, Octavio. **A cor do milagre**: o advento da TV em cores no Brasil do regime militar. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2013. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14112013110528/en.php>>. Acesso em: janeiro de 2015.

WILLIAMS, Raymond. **The long revolution**. Londres: Parthians Book, 2011.

ZICMAN, Renée Barata. **História através da Imprensa**. São Paulo: PUC-SP, 1985.

DOCUMENTOS DIGITAIS

GOLGO, Fabiano. **Fanpage Portovisão**. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/pages/Portovis%C3%A3o-por-Fabiano-Golgo/214027695463219>>. Acesso em: janeiro de 2015.

BLOG TV DIFUSORA. **Grade da TV difusora**. Janeiro de 1977. Disponível em: <<http://difusorativ10.blogspot.com.br/>>. Acesso em: janeiro de 2015.

BLOG PORTOVISÃO. **Câmera e Camisa 10 - TV Difusora Anos 70**. Disponível em: <<http://portovisao10.blogspot.com.br/2015/05/portovisao-camera-e-camisa-10-tv.html>>. Acesso em: janeiro de 2015.

BLOG PORTO ALEGRE ANTIGO. **O maior presente**. Dos Antepassados ao século XXI – A maior história de Porto Alegre em ordem cronológica. Disponível em: <<http://lealevalerosa.blogspot.com.br/2010/04/canais-de-tv-em-porto-alegre.html>>. Acesso em: janeiro de 2015.

BLOG SÉCULO XX. **TV Difusora, Canal 10, Porto Alegre - As Primeiras Imagens Coloridas**. 2008. Disponível em: <<http://oseculoxx.blogspot.com/2008/07/tv-difusora-canal10-porto-alegre-as.html#ixzz3k1h8hvR8>>. Acesso em: janeiro de 2015.

FESTA DA UVA - Caxias do Sul – RS. 1972. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8IqSGH8aYLs>>. Acesso em: janeiro de 2015.

APÊNDICE A– Termo de autorização de uso de imagem e voz

Pessoa maior de 18 anos

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto do Centro Universitário Lasalle, a seguir discriminado:

Título do projeto _____

Pesquisador _____

Orientador _____

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

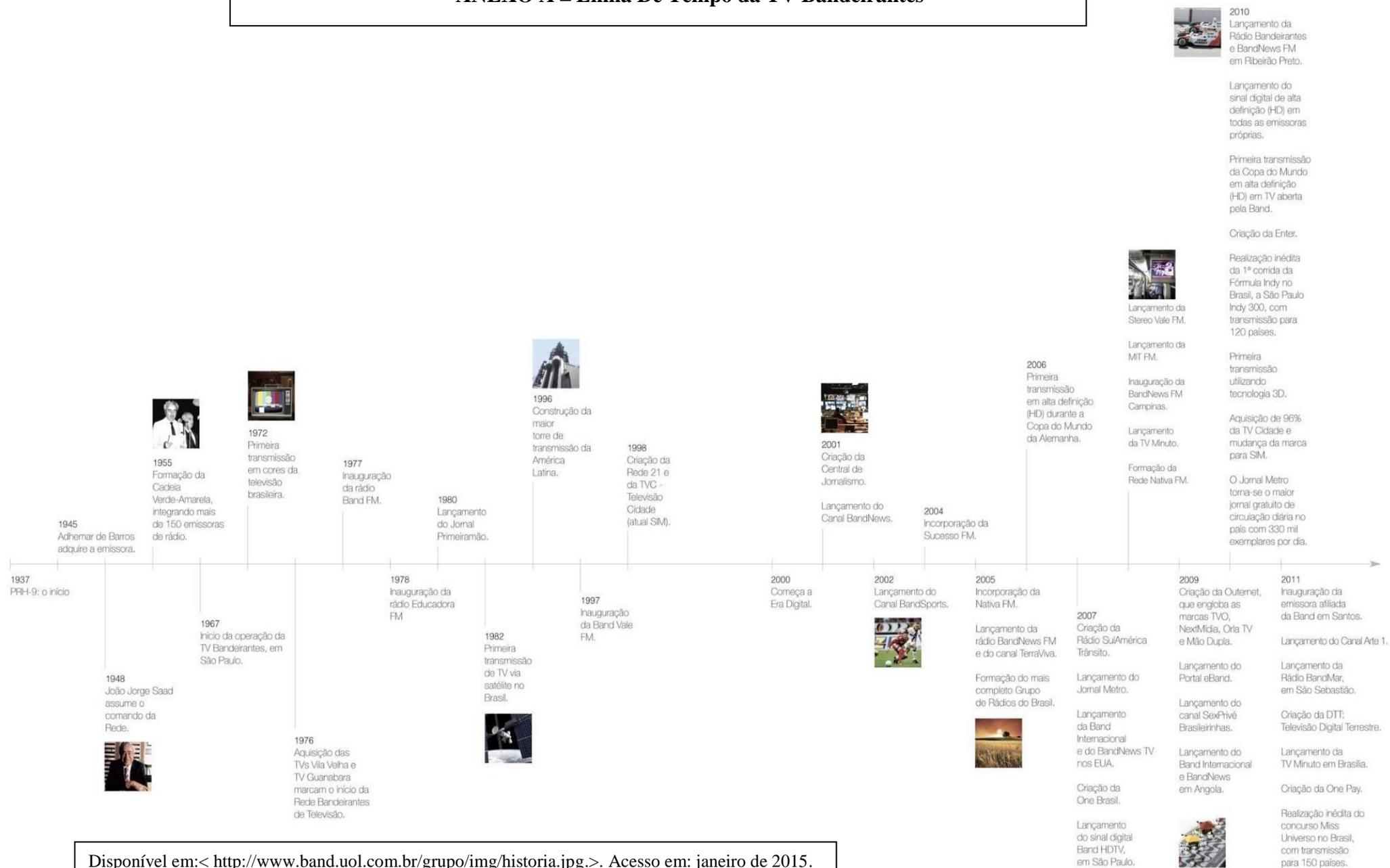
_____, _____ de _____ de 2014.

Assinatura

Nome: _____

RG.: _____ CPF: _____

ANEXO A – Linha De Tempo da TV Bandeirantes



Disponível em: < <http://www.band.uol.com.br/grupo/img/historia.jpg> >. Acesso em: janeiro de 2015.

LINHA DO TEMPO TV DIFUSORA/TV BANDEIRANTES/RS

1961/2015



BANDEIRANTES



Freis Capuchinhos
adquirem a concessão
da TV Difusora

1961



Primeira Transmissão
colorida do Brasil realizada
pela TV Difusora

1972

TV Bandeirantes de
São Paulo incorpora
a TV Difusora de
Porto Alegre/RS

1980

Bira Valdez assume a
direção da
TV Bandeirantes /RS

1995

Cláudio Andrade
autor da pesquisa começa
a trabalhar na Bandeirantes/RS

2010

1969

TV Difusora
Canal 10 entra
no ar



1974

TV Difusora lança o
programa Portovisão



1985

Bibo Nunes lança
o primeiro programa
independente da
TV Bandeirantes de Porto Alegre



2005

Morre Bira Valdez e
Leonardo Meneguetti
assume a direção da
Bandeirantes/RS



2015

Lançado o
documentário
da Difusora à
Bandeirantes/RS